





# Sahara





## SAÍDA DE EMERGÊNCIA

*Para quem quer fugir da rotina*

TÍTULO: *Sahara*

AUTORIA: *Clive Cussler*

EDITOR: *António Vilaça*

*Esta edição © 2014 Edições Saída de Emergência*

*Título original Sahara © 1992 Clive Cussler. Publicado originalmente em Inglaterra por Haper Collins Publishers, 1994*

TRADUÇÃO: *Miguel Coutinho*

REVISÃO: *Saída de Emergência*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Saída de Emergência*

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS: *(imagem masculina) sunsinger / Shutterstock.com*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Cafilesa, Soluções Gráficas, Lda*

1.ª EDIÇÃO: *Fevereiro, 2014*

ISBN: *978-989-637-619-2*

DEPÓSITO LEGAL: *371161/14*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

*R. Adelino Mendes n.º 152, Quinta do Choupal, 2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal*

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

# CLIVE CUSSLER

## Sahara

*Tradução de Miguel Coutinho*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina

CLIVE CUSSLER cresceu em Alhambra, Califórnia. Durante dois anos estudou no Pasadena City College e depois alistou-se na Força Aérea durante a Guerra da Coreia, onde cumpriu serviço como mecânico, engenheiro e técnico de voo.

No regresso, tornou-se diretor criativo em duas agências de publicidade multinacionais, onde ganhou vários prémios, um deles atribuído pelo prestigiado Cannes Film Festival.

Cussler escreve desde 1965 e entre o seu trabalho encontramos dois livros de não-ficção que lhe valeram um Doctor of Letters Degree em maio de 1997. Tal grau não era atribuído desde 1874.

Cussler é o fundador da NUMA (*National Underwater and Marine Agency*), uma organização não-lucrativa que se dedica à investigação da história marítima e naval. Cussler e os seus peritos da NUMA descobriram mais de 60 navios afundados, oferecendo o fruto do seu trabalho a universidades e governos um pouco por todo o mundo. Foi honrado com vários prémios de clubes de exploradores americanos e até ingleses pelo seu trabalho de exploração subaquática.

Hoje divide o seu tempo entre as montanhas do Colorado e os desertos do Arizona.

Visite a nossa página para mais informação sobre este autor invulgar. Saiba os seus *hobbies* e o que descobriu.

JÁ PUBLICADOS:

**ARQUIVOS NUMA**

SERPENTE

OURO AZUL

GELO ARDENTE

MORTE BRANCA

CIDADE PERDIDA

MUTAÇÃO POLAR

MEDUSA

INFERNO NOS AÇORES

**AVENTURAS DE DIRK PITT**

MEDITERRÂNEO

PACÍFICO

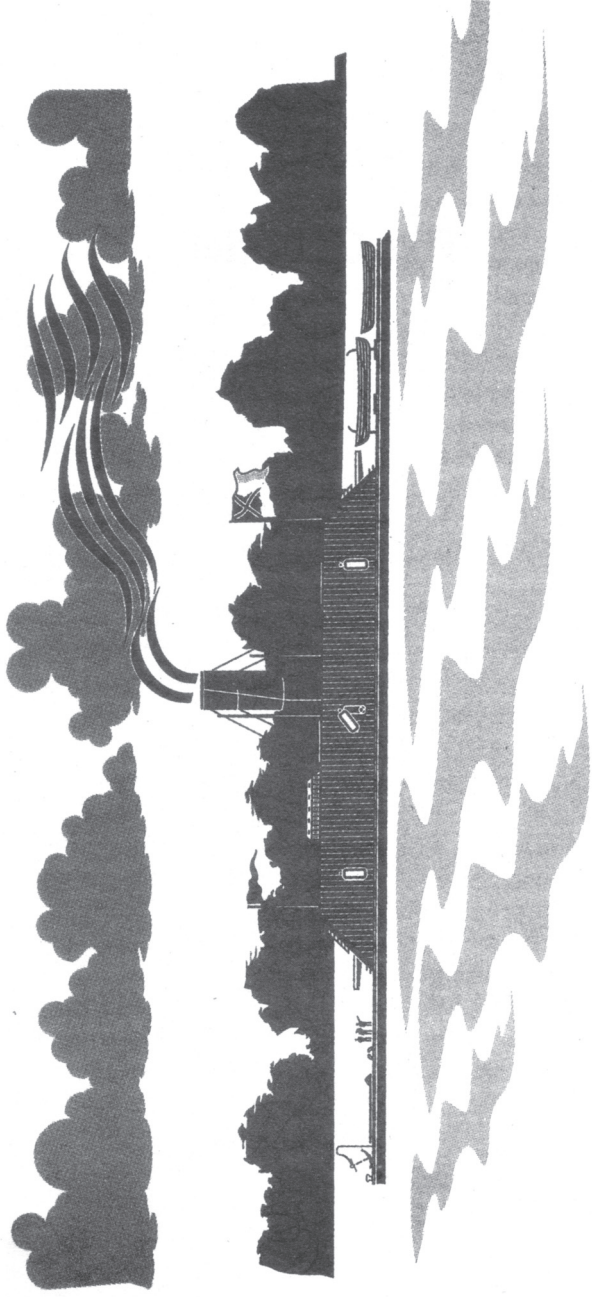
ICEBERG

Agradeço profundamente ao Dr. Hal Stuber (químico ambiental),  
da James P. Walsh & Associates, situada em Boulder, no Colorado,  
por me ajudar a livrar-me dos «resíduos perigosos» e me manter  
dentro de limites razoáveis.





# O DESAFIO



VASO DE GUERRA TEXAS, DOS ESTADOS CONFEDERADOS

2 de abril de 1865,  
Richmond, Virgínia

PARECIA FLUTUAR SOBRE O FANTASMAGÓRICO NEVOEIRO NOTURNO COMO uma besta ameaçadora emergindo dos tempos pré-históricos. O seu perfil baixo sobressaía, negro e sinistro, nas sombras das árvores que lhe serviam de cenário ao longo da margem. Vultos tenebrosos e fantasmagóricos de homens moviam-se pelo convés à luz amarela, sinistra, de candeias, enquanto a humidade escorria pelas amuradas pardas e inclinadas, desaparecendo na corrente pachorrenta do rio James.

O *Texas* esticava o cabo que o amarrava à doca como um cão prestes a ser largado para a caça. As portadas de ferro que cobriam as escotilhas das peças de artilharia e a couraça de quinze centímetros da casamata não tinham quaisquer insígnias; apenas um pavilhão de guerra branco e vermelho ondulando ao sabor da brisa suave no topo do mastro atrás da chaminé o identificava como um navio de guerra da Marinha de Guerra dos Estados Confederados.

Para quem não fosse marinheiro, o navio parecia feio e quadrado, mas para os homens do mar tinha uma graciosidade e um carácter inconfundíveis. Era um couraçado sólido e mortífero, o último da sua categoria peculiar a levantar âncora para uma viagem que levaria ao seu afundamento na sequência de um momento de glória breve mas que ficou para a História.

O comandante Mason Tombs encontrava-se na proa do navio. Retirou um lenço azul do bolso e enxugou a humidade que se infiltrava por debaixo do colarinho da camisa do uniforme. O carregamento do navio decorria lentamente... demasiado lentamente. O *Texas* precisaria de todos os minutos de escuridão possíveis para conseguir chegar a mar aberto. Observava, ansioso, os homens da sua tripulação a carregarem esforçadamente caixotes de madeira por uma prancha de embarque enquanto soltavam um rol de pragas antes de desaparecerem por um alçapão aberto no convés. Os caixotes pareciam anormalmente pesados, tendo em conta que continham apenas os registos do jovem governo, formado quatro anos antes. Os caixotes eram descarregados de vagões puxados por mulas parados perto da doca e bem guardados pelos veteranos sobreviventes de uma companhia de infantaria da Geórgia.

Tombs lançou um olhar inquieto na direção de Richmond, situada a uns escassos três quilómetros a norte. Grant quebrara as aguerridas linhas defensivas de Lee em Petersburg e o exército do Sul, derrotado, retirava agora para Appomattox, deixando a capital dos Estados Confederados sob o poder das forças da União. A retirada decorria naquele momento e a confusão, os confrontos

esporádicos e a pilhagem varriam as ruas da cidade. As explosões faziam tremer o chão e as chamas irrompiam pela noite enquanto armazéns e depósitos iam rebentando.

Tombs era um homem ambicioso e enérgico, um dos melhores oficiais da Marinha de Guerra da Confederação. Era de estatura baixa mas bem-parecido, com cabelo e sobrancelhas castanhos, uma barba ruiva cerrada e uma expressão dura nos seus olhos verde-azeitona.

Depois de comandar pequenas canhoneiras nas batalhas de Nova Orleães e Memphis e de se tornar oficial de artilharia a bordo do couraçado *Arkansas* e imediato do famoso cruzador *Florida*, Tombs revelara-se um homem perigoso para a causa da União. Assumira o comando do *Texas* apenas uma semana após o navio ter sido lançado à água no estaleiro naval de Rocketts, em Richmond, depois de ter exigido e supervisionado diversas alterações ao plano inicial de construção do navio para o equipar para uma viagem quase impossível rio abaixo, em que teria de passar por centenas de canhões da União.

Voltou a concentrar-se no carregamento quando o último vagão se afastou da doca e desapareceu na escuridão da noite. Retirou o relógio do bolso, abriu a tampa e virou o mostrador na direção de uma candeia pendurada num poste na doca.

Eram oito e vinte da noite. Faltavam pouco mais de oito horas para o dia nascer. Não era tempo suficiente para percorrerem as últimas vinte milhas náuticas daquele desafio a coberto do manto da noite.

Uma carruagem aberta, puxada por uma parelha de cavalos malhados, aproximou-se e parou perto da doca. O cocheiro manteve-se estático, sem se virar, enquanto os seus dois passageiros viam os últimos caixotes baixarem ao porão através do alçapão. O homem mais corpulento, que envergava um traje civil, recostou-se, cansado, enquanto o outro, com uma farda de oficial da Marinha de Guerra, olhava para Tombs e lhe fazia um sinal com a mão para que se aproximasse.

O comandante desceu à doca pela prancha de embarque, aproximou-se da carruagem e fez imediatamente continência.

— É uma honra, meu almirante! Senhor ministro... Estava longe de imaginar que algum dos senhores dispusesse de tempo para as despedidas.

O almirante Raphael Semmes, afamado pelos seus feitos enquanto capitão da corveta *Alabama*, dos Estados Confederados — agora comandante da frota de canhoneiras couraçadas do rio James —, fez um sinal de reconhecimento com a cabeça e sorriu por entre um bigode bastante encerado e uma pequena barbicha que se insinuava sob o lábio inferior.

— Não seria um regimento de ianques que me impediria de me despedir de si!

Stephen Mallory, ministro da Marinha dos Estados Confederados, estendeu a mão.

— A sua missão é tão importante que não poderíamos deixar de reservar algum tempo para lhe desejarmos boa sorte.

— Comando um navio robusto e uma tripulação corajosa — respondeu Tombs, confiante. — Quebraremos o bloqueio!

O sorriso de Semmes esbateu-se e um mau pressentimento desceu como um véu sobre o seu olhar.

— Se a missão se revelar impossível, terá de incendiar o navio e afundá-lo na parte mais funda do rio para que as forças da União jamais consigam recuperar os nossos arquivos.

— Os explosivos estão devidamente colocados e preparados — informou Tombs, tranquilizando o almirante. — Faremos explodir o fundo do casco e lançaremos os caixotes com lastro pela borda fora, mantendo as máquinas a todo o vapor para que o navio se afunde a uma distância segura.

— É um bom plano — concordou Mallory, assentindo com a cabeça.

Dito isto, os dois homens trocaram um olhar intencional, num momento de silêncio constrangedor quebrado por Semmes.

— Lamento colocar-lhe mais um fardo sobre os seus ombros tão em cima do início da missão — anunciou o almirante —, mas terá ainda de transportar um passageiro...

— Um passageiro? — indagou Tombs, num tom sombrio. — Deve ser alguém que não dá valor à própria vida...

— O seu passageiro não tem escolha na matéria — murmurou Mallory.

— Onde é que ele está? — quis saber Tombs, varrendo a doca com o olhar.

— Estamos quase prontos para soltar as amarras.

— Não tardará a chegar — respondeu Semmes.

— Posso perguntar de quem se trata?

— Não lhe será difícil reconhecê-lo assim que o vir — disse Mallory. — E reze para que o inimigo também o reconheça, caso precise de o exhibir...

— Não estou a perceber.

— Mas vai perceber, meu jovem — retorquiu Mallory —, vai perceber.

— Vou dar-lhe uma informação que talvez lhe seja útil — interpôs Semmes, mudando de assunto. — Os meus espões informaram-me de que o *Atlanta*, o nosso antigo couraçado de esporão de metal, capturado no ano passado pelos monitores<sup>1</sup> dos Ianques, foi colocado ao serviço da Marinha de Guerra da União e encontra-se a patrulhar o rio para lá de Newport News.

— Ah, estou a perceber! — exclamou Tombs, animado. — Como o *Texas* tem uma forma e dimensões bastante semelhantes, pode ser confundido com o *Atlanta* durante a noite.

---

<sup>1</sup> O termo naval «monitor» designa uma antiga classe de couraçados fortemente artilhados para o ataque a baterias costeiras e outros objetivos no litoral. (N. do T.)

Semmes assentiu com a cabeça e entregou-lhe uma bandeira dobrada.

— A bandeira dos Estados Unidos<sup>2</sup>. Ser-lhe-á útil para o embuste.

Tombs pegou na bandeira da União e colocou-a debaixo do braço.

— Mandarei içá-la pouco antes de nos encontrarmos ao alcance das baterias de artilharia da União em Trent's Reach.

— Desejo-lhe boa sorte — disse Semmes. — Lamento não podermos ficar para o vermos zarpar, mas o senhor ministro da marinha tem de apanhar um comboio e eu tenho de voltar à frota para supervisionar o seu abate antes que os lanques se apoderem dela.

— O torpedeiro *Fox* aguarda-o ao largo das Bermudas para o reabastecer com o carvão necessário para o troço seguinte da viagem. Boa sorte, comandante. A salvação da Confederação está nas suas mãos! — afirmou o ministro da Marinha dos Estados Confederados, antes de apertar a mão a Tombs novamente.

Mallory ordenou ao cocheiro que retomasse a viagem antes de Tombs ter tido tempo de lhe responder, pelo que o comandante fez continência pela última vez e permaneceu no local sem conseguir compreender o significado das palavras de despedida do ministro. A salvação da Confederação?! Aquilo não fazia sentido nenhum... Afinal, a guerra estava perdida! Com Sherman a deslocar-se para norte a partir das Carolinas e Grant a invadir o Sul, através da Virgínia, como uma vaga gigantesca, Lee ver-se-ia entre os braços da tenaz da União e seria forçado a render-se numa questão de dias. Jefferson Davis depressa deixaria de ser o Presidente dos Estados Confederados para passar a ser um fugitivo comum.

E o mais provável era que, dentro de poucas horas, o *Texas* viesse a ser o último navio da Marinha dos Estados Confederados a ser afundado.

Onde estava a salvação, na hipótese remota de o *Texas* conseguir escapar para mar aberto? Tombs não conseguia descortinar qualquer explicação para isto. As ordens que tinha eram para transportar os arquivos governamentais para um porto neutro à sua escolha e permanecer fora do alcance do inimigo até ser contactado por algum mensageiro. De que forma remota poderia a salvação dos registos do governo evitar a derrota certa do Sul?

Estas cogitações foram interrompidas pelo seu imediato, o tenente Ezra Craven.

— O navio está carregado e a carga arrumada, meu comandante — anunciou Craven. — Dou a ordem para zarpar?

— Ainda não — respondeu-lhe Tombs, virando-se para ele. — Aguardamos um passageiro.

Craven, homem corpulento e de modos bruscos, de origem escocesa,

---

<sup>2</sup> Então conhecidos como «União». (N. do T.)

respondeu-lhe com uma combinação peculiar de um sotaque estrangeiro e da pronúncia arrastada do Sul.

— É melhor o passageiro despachar-se bem depressa!

— O chefe da casa das máquinas O'Hare está a postos para zarpar?

— As máquinas já estão a funcionar a todo o vapor.

— E os artilheiros?

— Estão todos nos seus postos.

— Manteremos as escotilhas fechadas até termos a frota federal à vista.

Não podemos arriscar-nos a perder um só canhão ou membro da tripulação por causa de um tiro de sorte antes da verdadeira batalha.

— Os homens não aceitarão facilmente virar a cara a uma provocação...

— Diga-lhes que, se o fizerem, viverão mais tempo.

Viraram-se ambos e olharam na direção do ruído de um cavalo a aproximar-se. Poucos segundos depois, um oficial da Confederação emergiu da escuridão, entrando na doca.

— Algum dos senhores é o comandante Tombs? — perguntou o recém-chegado, num tom cansado.

— Sou eu — identificou-se Tombs, aproximando-se.

O oficial desmontou do cavalo e fez-lhe continência. Vinha coberto do pó do caminho e parecia exausto.

— Os meus cumprimentos, nosso comandante! Sou o capitão Neville Brown e estou encarregue da escolta do seu prisioneiro.

— Prisioneiro... — repetiu Tombs. — Disseram-me que se tratava de um passageiro!

— Trate-o como quiser — respondeu Brown com indiferença, encolhendo os ombros.

— Onde é que ele está? — perguntou Tombs pela segunda vez naquela noite.

— Está mesmo a chegar. Adiantei-me ao resto da escolta para que não se assustassem.

— Será maluco...? — murmurou Craven. — Assustarmo-nos com o quê?

Obteve a resposta à sua pergunta quando uma carruagem fechada entrou na doca rodeada por uma escolta que envergava o uniforme azul da cavalaria da União.

Tombs estava a ponto de gritar à tripulação para que abrissem as escotilhas dos canhões e repelisses os inimigos quando o capitão Brown o acalmou, num tom sereno.

— Tenha calma, nosso comandante. São rapaziada sulista. Vestiram o uniforme dos Ianques porque essa era a única forma de conseguirem passar pelas linhas da União em segurança.

Dois dos outros homens da escolta desmontaram dos seus cavalos, abriram a porta da carruagem e ajudaram o passageiro a descer. Um homem

muito magro, de elevada estatura e com uma barba familiar desceu, cansado, para o chão de madeira da doca. Tinha algemas nos pulsos, ligadas por correntes a grilhetas que também levava nos tornozelos. Observou o couraçado por momentos, com um olhar solene, depois acenou com a cabeça a Tombs e Craven.

— Boa-noite, cavalheiros — cumprimentou, num tom ligeiramente elevado. — Devo presumir que vou desfrutar da hospitalidade da Marinha Confederada?

Tombs não lhe respondeu porque não conseguiu. Manteve-se calado, pregado ao chão por um espanto atónito, tal como Craven. A expressão de ambos coincidia na mais absoluta perplexidade.

— Meu Deus... — murmurou Craven por fim. — Se o senhor é uma imitação, deixe-me dizer-lhe que é das boas!

— Não sou uma imitação — respondeu-lhe o prisioneiro. — Garanto-lhe que sou o produto genuíno.

— Mas como é que isto é possível?! — perguntou Tombs, absolutamente surpreendido.

Brown tornou a montar no seu cavalo.

— Não há tempo para explicações. Tenho de levar os meus homens para a outra margem do rio, pela ponte de Richmond, antes que a façam explodir. O prisioneiro fica agora à sua responsabilidade.

— E o que é que devo fazer com ele? — quis saber o comandante.

— Mantenha-o sob detenção a bordo do seu navio até receber ordens para o libertar. Foi tudo o que me disseram para lhe transmitir.

— Isto é uma loucura!

— Tal como a própria guerra, nosso comandante — retorquiu Brown por cima do ombro enquanto picava o cavalo e partia, seguido do seu pequeno destacamento equipado com o uniforme da cavalaria da União.

Não havia mais tempo de espera, mais interrupções que impedissem o *Texas* de iniciar a sua viagem para o inferno.

— Nosso tenente — chamou Tombs, virando-se para Craven —, escolte o nosso... *passageiro*... até aos meus aposentos e ordene ao chefe da casa das máquinas O'Hare que mande um mecânico para lhe retirar as algemas e as grilhetas. Recuso-me a morrer como comandante de um navio de escravos!

— Obrigado, senhor comandante! — agradeceu o homem da barba, sorrindo a Tombs. — Estou-lhe muito grato pela sua bondade.

— Não me agradeça — retorquiu o comandante, num tom soturno. — Quando o Sol nascer, já estaremos todos a apresentar-nos ao Diabo.

...



Primeiro gradualmente, depois cada vez mais depressa, o *Texas* começou a navegar rio abaixo, ajudado por uma corrente favorável de dois nós. Não havia vento e o rio encontrava-se mergulhado em silêncio, excetuando o ruído vibrante das máquinas do navio. O vaso de guerra deslizava pela água negra, sob a luz pálida da Lua em quarto crescente, como um espectro, mais pressentido do que visto, quase uma ilusão. Dir-se-ia insubstancial, impalpável. Só o movimento o denunciava, revelando uma silhueta espectral deslizando ao longo de uma costa imóvel. Concebido especificamente para uma só missão, uma única viagem, o armador construíra uma arma extraordinária, o melhor navio de guerra lançado à água pelos Estados Confederados no decurso daqueles quatro anos de guerra.

Era um navio de duas hélices e duas máquinas, com quase sessenta metros de comprimento e doze de largura e tinha um calado de pouco mais de três metros. Os costados da casamata tinham uma inclinação para dentro de trinta graus e estavam cobertos por uma couraça de ferro de quinze centímetros assente em trinta centímetros de algodão comprimido por cinquenta centímetros de madeira de carvalho e pinho. A couraça chegava abaixo da linha de flutuação, formando uma junta curva que se estendia para os lados do casco.

O *Texas* estava equipado apenas com quatro bocas de fogo, mas todas elas bastante eficazes: dois canhões de alma estriada *Blakely* que disparavam projéteis de cem libras montados na popa e na proa sobre placas giratórias que lhes permitiam uma grande amplitude de tiro, incluindo para os lados, e dois canhões de nove polegadas, capazes de dispararem projéteis de sessenta e quatro libras, montados em ambos os lados do navio.

Ao contrário do que sucedia com outros couraçados, cujas máquinas tinham sido retiradas de navios a vapor comerciais, as máquinas do *Texas* eram enormes, potentes e a estrear. As suas pesadas caldeiras tinham sido montadas abaixo da linha de flutuação e as hélices de quase três metros de diâmetro conseguiam deslocá-lo, em águas calmas, a uma velocidade máxima de catorze nós — o equivalente náutico a cerca de vinte e cinco quilómetros por hora —, o que constituía uma velocidade tremenda, totalmente fora do alcance de qualquer outro couraçado de ambas as marinhas de guerra.

Tombs sentia orgulho no «seu» navio, mas também o entristecia saber que era perfeitamente possível que o mesmo tivesse uma vida assaz curta. Porém, estava determinado a escrever com ele um epitáfio adequado aos últimos momentos de glória dos Estados Confederados.

Subiu uma escada que nascia na bateria e entrou na casa do leme, uma pequena estrutura na secção dianteira da casamata que parecia uma pirâmide de topo plano. Espreitou a escuridão pelos agulheiros e acenou com a cabeça na direção de Leigh Hunt, o piloto de primeira classe, que mantinha um silêncio apreensivo.

— Senhor Hunt, manteremos as máquinas a todo o vapor até chegarmos ao mar. Terá de se manter atento para evitar que encalhemos.

Hunt, piloto do rio James que conhecia todas as curvas e baixios daquele curso de água, manteve o olhar fixo adiante e ergueu a cabeça.

— A fraca luz da Lua basta-me para ler o rio.

— Essa mesma luz também servirá de guia aos Ianques...

— É verdade, mas o nosso costado pardo confundir-se-á com as sombras ao longo da margem. Não lhes será fácil ver-nos.

— Esperemos que não... — Tombs suspirou.

Subiu à cobertura da casamata por uma escotilha existente na parte traseira da casa do leme quando o *Texas* passava por Drewry's Bluff e pelas canhoineiras ancoradas da Frota do Rio James, sob o comando do almirante Semmes. As tripulações dos couraçados *Virginia II*, *Fredericksburg* e *Richmond*, que se preparavam, devastadas, para fazerem explodir os seus navios, saudaram entusiasticamente a passagem do *Texas*. A sua chaminé expeliu um fumo negro que obscurecia as estrelas. A bandeira confederada ondulava quase inteiramente esticada pela brisa provocada pela deslocação do navio, numa imagem comovente que nunca mais voltaria a repetir-se.

Tombs tirou o boné da cabeça e acenou-lhes com ele. Era o derradeiro sonho, que depressa se transformaria num pesadelo de amargura e derrota. Porém, aquele era um momento grandioso, de que havia de se desfrutar. O *Texas* estava prestes a tornar-se uma lenda.

Depois, o navio desapareceu na curva do rio tão depressa como surgiu, deixando a sua esteira como o único sinal da sua passagem.

Pouco antes da passagem por Trent's Reach, onde o exército federal tinha erguido uma barreira a toda a largura do rio e montado diversos postos de artilharia, Tombs ordenou que se içasse o pavilhão dos Estados Unidos no mastro.

No interior da casamata, a bateria encontrava-se preparada para entrar em ação. A maior parte dos homens estava já de tronco nu, nos respetivos postos de combate, com lenços atados em torno da cabeça. Os oficiais tinham despido as suas casacas e deambulavam pela bateria em silêncio, em camisola interior e suspensórios. O cirurgião do navio distribuiu torniquetes e ensinou os homens a aplicá-los.

Havia baldes para extinção de incêndios espalhados por aquela coberta e o pavimento tinha sido coberto de areia para absorver o sangue. Tinham sido distribuídas pistolas e alfanges para rechazar inimigos que tentassem tomar o navio de assalto e as espingardas apresentavam as baionetas fixadas. Os alçapões que davam acesso aos paióis, situados na coberta abaixo da da bateria, encontravam-se abertos e os guinchos e polias preparados para içarem os projéteis e a pólvora.

Empurrado pela corrente, o *Texas* navegava a dezasseis nós quando a proa esmagou a viga flutuante da barreira. Transpô-la quase sem sofrer um arranhão no seu esporão de metal.

Uma sentinela atenta da União avistou o navio quando este saiu da escuridão e abriu fogo com o seu mosquete.

— Cesse fogo, pelo amor de Deus, cesse fogo! — gritou Tombs da cobertura da casamata.

— Que navio é esse? — perguntou uma voz, da margem.

— É o *Atlanta*, seu idiota! Não reconhece os navios da sua própria marinha?!

— Quando é que zarparam?

— Há uma hora. Temos ordens para patrulhar a barreira e voltar a City Point<sup>3</sup>.

O *bluff* resultou e as sentinelas da União, estacionadas ao longo da margem, pareceram satisfeitas com a mentira. O *Texas* seguiu viagem sem mais incidentes e Tombs soltou um longo suspiro de alívio.

A resposta que esperara era uma saraivada de tiros contra o seu navio. Ultrapassado, por então, o perigo, o seu único receio era agora que um oficial inimigo desconfiado telegrafasse um aviso às forças estacionadas ao longo do rio.

Quinze milhas para lá da barreira, a sua sorte começou a desvanecer-se quando uma sombra baixa e ameaçadora se insinuou adiante, na escuridão.

O monitor *Onondaga*, com uma couraça de quase trinta centímetros nas suas duas torres e de pouco menos de catorze no casco, armado com dois potentes canhões *Dahlgren* de alma lisa de quinze polegadas e dois canhões *Parrott* capazes de disparar projéteis de cento e cinquenta libras, encontrava-se ancorado perto da margem ocidental, com a popa virada a jusante<sup>4</sup>. Estava a ser abastecido de carvão por uma barca atracada a estibordo.

O *Texas* estava já muito próximo quando um aspirante que se encontrava no topo da torre dianteira do navio inimigo avistou o couraçado confederado e deu o alarme.

A tripulação do *Onondaga* interrompeu o carregamento do carvão e observou o couraçado, que emergia da escuridão noturna. John Austin, o comandante do navio da União hesitou por momentos, perguntando a si próprio se seria possível um couraçado dos rebeldes ter chegado àquele ponto do rio sem ter sido identificado. Aqueles momentos foram um tormento para ele. Quando gritou à tripulação que fizesse sair as armas, o *Texas* passava-lhes ao lado, a curta distância.

<sup>3</sup> Porto de abastecimento do exército da União, comandado pelo general Grant, no rio James.

<sup>4</sup> A embarcação original, o *Monitor*, deu o nome à classe. Foram construídos quase sessenta outros navios da mesma classe, embora com linhas diferentes, até 1903.

— Pare — gritou Austin — ou abriremos fogo e afundaremos o navio!

— Somos o *Atlanta*! — retorquiu Tombs, levando a charada até ao fim.

Mas Austin não se deixou enganar, nem com a visão da bandeira da União hasteada no mastro do intruso, e deu ordem para abrir fogo.

Contudo, a torre da proa entrou em ação tarde de mais, pois o *Texas* tinha passado e já se encontrava fora do seu ângulo de fogo. Porém, os dois canhões *Dahlgren* de quinze polegadas da torre de popa do *Onondaga* cuspiram chamas e fumo.

Era impossível os artilheiros da União falharem a uma distância tão curta, e de facto não falharam. Os projéteis atingiram o costado do *Texas* com toda a violência, destruindo a parte superior traseira da casamata, numa explosão de ferro e farpas de madeira que matou sete homens.

Quase em simultâneo, Tombs gritou uma ordem pela escotilha aberta no topo da casamata. As coberturas das escotilhas da artilharia foram desviadas e o *Texas* disparou os seus três canhões, atingindo a torre do *Onondaga* a toda a largura. Um dos projéteis de cem libras dos canhões *Blakely* entrou por uma vigia aberta e fez explodir um canhão *Dahlgren*, causando uma carnificina horrível, envolta numa erupção de fumo e chamas, dentro da torre do navio inimigo. Morreram nove homens e onze ficaram gravemente feridos.

O couraçado rebelde voltou a mergulhar na noite e contornou, a salvo, a curva seguinte do rio antes de os artilheiros de ambos os navios terem conseguido voltar a carregar as bocas de fogo. A torre da proa do *Onondaga* efetuou uma descarga às cegas, em jeito de «despedida», com os projéteis a assobiar a grande altitude atrás do *Texas* em fuga.

Desesperado, o comandante Austin ordenou à tripulação que levantasse âncora e fizesse o navio girar cento e oitenta graus. Foi uma atitude fútil, pois a velocidade máxima do monitor era de pouco mais de sete nós. Não tinham qualquer hipótese de alcançar o navio rebelde.

Tombs dirigiu-se ao tenente Craven num tom sereno.

— Senhor Craven, vamos deixar de nos esconder sob o pavilhão inimigo. Por favor, ize a bandeira dos Estados Confederados e mande fechar as escotilhas da artilharia.

Um jovem aspirante apressou-se a subir ao mastro e soltou as adriças, arriando a bandeira dos Estados Unidos e içando a dos Estados Confederados, constituída por duas faixas diagonais sobrepostas sobre um campo branco e vermelho.

— Agora que já nos detetaram — disse Craven, juntando-se a Tombs no topo da casamata —, não será nada fácil chegarmos ao mar! Porém, as baterias do exército inimigo não representam grande perigo para nós, pois a sua artilharia de terra mal tem capacidade para provocar uma amolgadela na nossa couraça.

Tombs fez uma pausa, olhando, apreensivo, para a água negra do rio que se estendia para diante da proa.

— O maior perigo que teremos de enfrentar é o que virá dos canhões da frota federal que nos aguarda na boca do rio.

O comandante mal tinha acabado de falar quando baterias inimigas instaladas na costa abriram uma barragem de fogo contra o navio.

— Eis que começa... — filosofou Craven, recolhendo rapidamente ao seu posto de combate na bateria, situada na cobertura do piso abaixo.

Tombs manteve-se exposto atrás da casa do leme para orientar a rota do navio caso o rio estivesse bloqueado por vasos de guerra federais.

Uma saraivada de projéteis arremessados por baterias invisíveis e de balas disparadas por mosquetes de atiradores especiais fustigou o *Texas*. Tombs manteve as escotilhas da artilharia fechadas, apesar das pragas e da impaciência dos seus homens. Não via motivo para colocar a sua tripulação em risco ou desperdiçar a sua preciosa pólvora com um inimigo invisível.

O navio suportou as descargas inimigas durante mais duas horas. As máquinas estavam a funcionar na perfeição, permitindo mesmo à embarcação ultrapassar, em um nó ou dois, a velocidade máxima para que fora concebida. Começaram a surgir canhoneiras de casco de madeira, que disparavam todo o seu armamento e tentavam a perseguição, mas o *Texas* ignorou-as como se fossem mosquitos e passou por elas como se estivessem ancoradas.

De repente, a silhueta familiar do *Atlanta* materializou-se no horizonte. O navio estava ancorado de través, bloqueando o rio, e as suas armas de estibordo começaram a vomitar fogo assim que as sentinelas reconheceram o monstro rebelde que avançava obstinadamente na sua direção.

— A tripulação já estava à nossa espera... — murmurou Tombs.

— Devo contorná-lo, meu capitão? — perguntou o piloto de primeira classe Hunt, revelando uma serenidade notável ao leme.

— Não, Sr. Hunt — respondeu Tombs —, abalroe-o um pouco adiante da popa.

— Vamos afastá-lo da nossa frente, abalroando-o... — murmurou Hunt, compreendendo o plano. — Muito bem, meu comandante.

Hunt deu um quarto de volta à roda do leme e apontou a proa do *Texas* à popa do *Atlanta*. Dois projéteis disparados pelos canhões de oito polegadas do antigo navio dos Estados Confederados atingiram a casamata que se aproximava a grande velocidade, fazendo estalar a couraça e empurrando a proteção de madeira quase trinta centímetros para o interior. A pancada e as farpas feriram três homens.

O *Texas* não tardou a abalroar o navio inimigo, metendo três metros da sua pesada proa de ferro no casco do *Atlanta*. Erguendo-se um pouco, atravessou-lhe o convés, quebrando a corrente da âncora da popa, e fê-lo rodar

noventa graus enquanto, simultaneamente, lhe afundava a ré. A água irrompeu pelas escotilhas da artilharia do couraçado da União e este depressa começou a afastar-se da frente do *Texas*, que lhe passou literalmente por cima.

A quilha do *Atlanta* enterrou-se no lodo do rio e o navio virou-se, com as grandes pás das hélices do *Texas* rodando a poucos centímetros do casco agora virado para cima antes de o vaso de guerra confederado se dirigir a águas desimpedidas. A maior parte da tripulação da embarcação inimiga conseguiu escapar pelas escotilhas da artilharia e por alçapões antes do afundamento, mas pelo menos vinte homens foram ao fundo dentro da carcaça.

Tombs e o seu navio prosseguiram a sua fuga desesperada para a liberdade. A batalha continuou, com o *Texas* aguentando o fogo inimigo constante e perseguindo canhoneiras unionistas. As mensagens da aproximação do couraçado viajavam num frenesim pelos cabos telegráficos montados na margem do rio pelas forças federais enquanto uma vaga de caos e desespero ia crescendo, ao longo da margem, entre as baterias do exército e os navios inimigos, determinados a intercetarem e afundarem o vaso de guerra sob o comando de Tombs.

As descargas de artilharia sobre a couraça do *Texas* eram constantes, com impactos que faziam o navio estremecer da popa à proa. Um projétil de cem libras disparado por um canhão *Dahlgren* montado num ponto elevado, por cima de um talude que dominava o Forte Hudson, atingiu a casa do leme com tamanha força que o impacto deixou o piloto de primeira classe Hunt atordado e ferido pelos estilhaços que entraram pelos agulheiros. Mas o timoneiro permaneceu corajosamente ao leme, mantendo o navio numa rota a direito, pelo meio do canal.

O céu começava a clarear a leste quando o *Texas* abandonou o rio a todo o vapor, depois de passar ao largo de Newport News, entrando no largo estuário, com as suas águas mais profundas, quando passava por Hampton Roads, que servira de pano de fundo à batalha entre o *Monitor* e o *Merrimack*, três anos antes.

Dir-se-ia que toda a frota da União se encontrava alinhada ali, à sua espera. Da posição em que se encontrava, no topo da casamata, Tombs só conseguia ver uma floresta de mastros e chaminés, com fragatas e corvetas fortemente armadas à esquerda e monitores e canhoneiras à direita. Para lá destas, via o estreito canal entre a Fortaleza de Monroe e o Forte Wool, que se encontrava bloqueado pelo *New Ironsides*, um vaso de guerra formidável com o casco coberto por uma couraça convencional e dezoito canhões de grande calibre.

Só então ordenou, finalmente, que se abrissem as escotilhas da artilharia. O *Texas* ia começar a ripostar a sério. Agora, a marinha federal sentiria toda a fúria das suas bocas de fogo. Com uma enorme manifestação de regozijo, os artilheiros colocaram os rastilhos, fizeram sair os seus canhões, com as cargas



metidas nas escorvas e as tampas de carregamento abertas, e os oficiais de artilharia puseram-se a postos com os seus puxa-fritores.

Craven percorreu, sereno, o navio, sorrindo e gracejando com os homens enquanto os encorajava e lhes dava conselhos. Tombs também desceu à coberta da artilharia e dirigiu-lhes algumas palavras cheias de farpas para os inimigos e de confiança quanto à tarefa que aqueles experientes marinheiros sulistas se preparavam para dar aos cobardes dos lanques. Depois, com a luneta extensível debaixo do braço, voltou ao seu posto, atrás da casa do leme.

Os artilheiros da União tiveram tempo mais do que suficiente para se prepararem, e foram enviados sinais em código para abrirem fogo assim que o *Texas* se encontrasse ao alcance das suas peças de artilharia. Ao olhar pela luneta, Tombs teve a impressão de que os seus inimigos ocupavam todo o horizonte. Um silêncio terrível pairou sobre o rio como um feitiço enquanto os «lobos» esperavam que a sua presa navegasse para o que parecia ser uma armadilha da qual era impossível escapar.

O contra-almirante David Porter, corpulento e barbudo, com o seu boné de marinheiro firmemente enfiado na cabeça, encontrava-se em cima de um baú de armas, de onde podia supervisionar a coberta da artilharia do seu navio-almirante, a fragata de madeira *Brooklyn*, enquanto observava o fumo expelido pela chaminé pelo couraçado rebelde em aproximação à luz dos primeiros reflexos da aurora.

— Aí vem ele! — exclamou o capitão James Alden, comandante do navio-almirante de Porter. — E vem direitinho a nós, depressa como o próprio Diabo!

— Um navio nobre e imponente a caminho do túmulo... — murmurou Porter, enquanto o *Texas* ia enchendo a lente da sua luneta. — É uma imagem que não voltaremos a ver.

— Está quase ao nosso alcance — anunciou Alden.

— Não há necessidade de desperdiçarmos munições, Sr. Alden. Ordene aos seus artilheiros que esperem e que façam bom uso de cada munição.

A bordo do *Texas*, Tombs transmitia instruções ao seu piloto de primeira classe, que se mantinha corajosamente ao leme, ignorando o sangue que lhe pingava da têmpora esquerda.

— Hunt, passe o mais rente possível à linha de fragatas de madeira para que os couraçados receiem abrir fogo, com medo de atingirem os seus próprios navios.

O primeiro navio das duas linhas era o *Brooklyn*. Tombs esperou até ter o barco inimigo ao alcance da sua artilharia e só depois deu a ordem de disparar. As hostilidades foram iniciadas pelo canhão *Blakely* de cem libras da proa do *Texas*, que disparou uma bomba de rastilho que silvou sobre a água e atingiu o vaso de guerra da União, desfazendo a parte dianteira da amurada e explo-

dindo um canhão *Parrott*, o que causou a morte de todos os homens que se encontravam num raio de três metros.

O monitor *Saugus*, de uma só torre, abriu fogo com os seus dois canhões *Dahlgren* de quinze polegadas enquanto o *Texas* se aproximava a grande velocidade. Ambos os projéteis falharam o alvo por pouco e deslizaram sobre a água como pedras, levantando enormes cascatas de borrifos. Em seguida, todos os outros monitores — o *Chickasaw*, que voltara recentemente da Baía de Mobil, onde contribuía para a derrota do poderoso couraçado confederado *Tennessee*, o *Manhattan*, o *Saugus* e o *Nahant* — rodaram as suas torres, abriram as escotilhas de bombordo e lançaram uma tremenda barragem de fogo que fustigou a casamata do *Texas*. O resto da frota inimiga juntou-se àquela salva e a água em torno do veloz navio confederado pareceu ferver como num caldeirão.

— Não conseguimos atingir os monitores! — gritou Tombs a Craven, pela escotilha da cobertura. — Responda ao fogo inimigo apenas com o canhão rotativo de estibordo! Mande rodar os canhões rotativos da proa e da popa e use-os contra as fragatas!

Craven cumpriu as ordens do seu comandante e, segundos depois, o *Texas* ripostava com projéteis que furaram o casco de madeira de carvalho do *Brooklyn*. Um dos projéteis explodiu na casa da máquina, matando oito homens e ferindo mais uma dúzia; outro aniquilou uma guarnição que tentava desesperadamente baixar o cano de um canhão de alma lisa que disparava projéteis de trinta e duas libras. O terceiro explodiu no apinhado convés, aumentando o pandemónio e derramando mais sangue.

Todos os canhões do *Texas* estavam a ser empregues na tarefa da destruição. Os artilheiros rebeldes carregavam as armas e disparavam com uma precisão mortífera. Quase nem precisavam de perder tempo precioso a fazer pontaria, pois era impossível falharem os alvos, já que os navios ianques pareciam preencher totalmente o campo de visão dos que se encontravam junto às escotilhas da artilharia.

O ar de Hampton Roads encheu-se do troar das canhonadas, das bombas, dos sólidos projéteis em forma de cone, da metralha e até dos disparos de mosquetes efetuados pelos fuzileiros navais das forças da União estacionados nas docas. Um fumo denso depressa envolveu o *Texas*, impedindo os artilheiros da União de o verem com nitidez. Disparavam na direção dos clarões dos canhões inimigos e ouviam o ruído metálico das suas balas a embaterem na couraça do navio confederado e a fazerem ricochete para fora da nuvem de fumo.

Tombs teve a sensação de ter navegado para dentro de um vulcão em erupção.

O *Texas* conseguiu passar pelo *Brooklyn* e disparou-lhe um último tiro, a modo de despedida, com o canhão rotativo da popa que passou tão perto do almirante Porter que a deslocação do ar o deixou momentaneamente sem



respiração. O almirante ficou possesso com a facilidade com que o couraçado rebelde repeliu a descarga lateral que o *Brooklyn* lhe desferira.

— Dê ordem a toda a frota para que o cerquem e o abalroem! — berrou ao capitão Alden.

Alden obedeceu, mas sabia que aquela ordem seria muito difícil de executar, pois todos os oficiais estavam espantados com a velocidade incrível do couraçado inimigo.

— O inimigo navega demasiado depressa para que algum dos nossos navios consiga abalroá-lo em cheio — disse o capitão, desanimado.

— Quero aquele maldito rebelde imediatamente afundado! — atirou-lhe Porter.

— Se, por algum milagre, conseguir passar a nossa barreira, jamais conseguirá escapar às baterias dos fortes e ao *New Ironsides* — assegurou Alden, tentando acalmar o seu superior.

Como que para sublinhar o que o capitão acabara de dizer, os monitores abriram fogo sobre o *Texas* enquanto este deixava o *Brooklyn* para trás e entrava no espaço livre que o separava da fragata seguinte, a *Colorado*.

O navio dos Estados Confederados era varrido por um sibilante caos de morte. Os artilheiros da União iam aprimorando a pontaria. Dois projéteis de grande calibre atingiram o *Texas* em cheio, logo atrás do canhão de estibordo, provocando uma explosão tremenda. O fumo irrompeu pela casamata quando uma pilha de ferro, madeira e algodão foi brutalmente empurrada mais de um metro para o interior. Um outro disparo abriu uma enorme cratera sob a chaminé, seguido por um novo projétil que atingiu exatamente o mesmo ponto, rompendo a já danificada couraça e explodindo dentro da cobertura da artilharia, com o efeito devastador de matar seis homens, ferir onze e incendiar a madeira e o algodão previamente arrancados à cobertura interior.

— Raios os partam! — rugiu Craven, vendo-se sozinho no meio de uma pilha de cadáveres, com o cabelo chamuscado, as roupas rasgadas e o braço esquerdo partido. — Vão buscar a mangueira da casa das máquinas e apaguem este maldito incêndio!

O'Hare, o chefe da casa das máquinas, subiu a escada, enfiou a cabeça pelo alçapão da casa das máquinas e espreitou para dentro da cobertura da artilharia. Tinha a cara enegrecida pelo pó do carvão e riscada pelo suor.

— Qual é o estrago? — perguntou, num tom surpreendentemente calmo.

— Nem queira saber! — gritou-lhe Craven. — Mantenha as máquinas a funcionar.

— Não é fácil! Os homens já estão a desmaiar com o calor! Isto está mais quente do que o Inferno!

— Veja isso como um bom treino para quando lá chegarmos! — atirou-lhe Craven, em resposta.

Nesse momento, outro projétil de grande calibre atingiu a casamata com uma explosão enorme e ensurdecidora que fez o navio estremecer até à quilha. Na verdade, não foi apenas uma explosão mas duas, tão próximas uma da outra que se tornaram indistinguíveis. O canto dianteiro de bombordo da casamata ficou totalmente destruído, como se tivesse sido cortado com um cutelo gigante. A explosão espalhou enormes pedaços de ferro retorcido e farpas de madeira, depois de matar a guarnição do canhão *Blakely* da proa.

Um outro projétil trespassou a couraça e explodiu no interior do hospital do navio, matando o cirurgião e metade dos feridos que aguardavam a sua vez de serem atendidos. A cobertura da artilharia parecia agora um matadouro. Outrora imaculada, encontrava-se enegrecida pela pólvora e tingida de vermelho.

O *Texas* sofria e, aos poucos, ia sendo brutalmente reduzido a sucata enquanto atravessava, a todo o vapor, a área da matança. Os botes salva-vidas tinham tido o mesmo destino de ambos os mastros a que estavam presos, e a chaminé fora crivada pelas balas. Toda a casamata, de uma ponta à outra, era um grotesco matadouro de ferro arrombado e retorcido. Três das condutas de vapor tinham sido cortadas e a velocidade do navio diminuía em um terço.

Contudo, o couraçado ainda estava longe de se poder considerar inoperacional. As máquinas ainda funcionavam a pleno vapor e três dos seus canhões ainda espalhavam o caos no seio da frota da União. O disparo seguinte, efetuado com um dos canhões laterais, abriu um rombo no costado de madeira da velha fragata a vapor de roda lateral *Powhatan* e rebentou-lhe uma das caldeiras, devastando toda a casa das máquinas e provocando a maior tragédia humana infligida aos navios da União naquele dia.

Mas Tombs também fora gravemente ferido. Um estilhaço tinha-se-lhe alojado numa das coxas e uma bala atingira-o no ombro esquerdo. Não obstante, manteve-se agachado mas exposto atrás da casa do leme com a obstinação de um louco, gritando ordens ao piloto de primeira classe Hunt. Estavam prestes a livrar-se daquele holocausto.

Olhou para diante e viu o *New Ironsides* ancorado de través no canal, com a sua formidável artilharia lateral carregada e apontada ao *Texas*, que se aproximava a grande velocidade. Observou atentamente os canhões da Fortaleza Monroe e do Forte Wool, preparados e apontados, e percebeu, com o coração apertado, que jamais conseguiriam ultrapassar aquelas barreiras. O *Texas* não aguentaria mais descargas de artilharia. Mais um inferno como o que tinham acabado de suportar e o seu navio seria reduzido a um simples casco incapacitado e indefeso, incapaz de evitar a sua total destruição pelos monitores ianques que o perseguiram.

Pensou também na tripulação. Eram homens para quem a vida já não contava; homens alheios a tudo, obcecados apenas com o carregamento e disparo

dos canhões e com a alimentação contínua das máquinas a vapor. Os sobreviventes eram já simples máquinas, ignorando os mortos e executando as suas tarefas.

Os disparos de artilharia tinham já terminado, e eram agora substituídos por um silêncio sinistro. Tombs apontou a luneta às obras mortas do *New Ironsides* e avistou o que lhe pareceu ser o comandante do navio debruçado sobre a amurada couraçada, com a luneta apontada na sua direção.

Foi então que reparou num banco de nevoeiro que vinha do mar, passando pela embocadura da Baía de Chesapeake, para lá dos fortes. Se, por algum milagre, conseguissem alcançá-lo e mergulhar no seu manto cinzento, poderiam escapar à «alcateia» de Porter. Também se lembrou do que Mallory lhe dissera sobre exibir o seu passageiro.

— Senhor Craven, está aí? — perguntou, através da escotilha aberta.

O seu imediato surgiu na cobertura abaixo e olhou-o através da mesma abertura. A sua cara coberta de pólvora e sangue e parcialmente queimada parecia a de uma aparição sinistra.

— Estou, meu capitão, e juro-lhe que preferia não estar!

— Vá buscar o passageiro ao meu camarote e traga-mo aqui, à casamata. E arranje-me uma bandeira branca.

— Meu comandante! — exclamou Craven, assentindo com a cabeça ao compreender o motivo da ordem.

O último canhão lateral, que disparava projéteis de sessenta e quatro libras, e o *Blakely* da proa cessaram fogo quando a frota da União ficou para trás e as guarnições destas armas deixaram de ter bons alvos ao seu alcance.

Tombs ia arriscar tudo numa jogada desesperada, a sua última cartada. Aguentava-se de pé como um morto-vivo e sofria as dores que lhe causavam as feridas, mas os seus olhos negros brilhavam como nunca. Rogou a Deus que os capitães dos fortes unionistas tivessem as lunetas apontadas para o *Texas*, como o capitão do *New Ironsides*.

— Tome a direção do espaço entre a proa do couraçado e o Forte Wool — ordenou a Hunt.

— Com certeza, meu capitão! — exclamou o piloto.

Tombs virou-se enquanto o prisioneiro subia vagarosamente a escada que dava acesso ao topo da casamata deformada, seguido por Craven, que atara um pano branco da messe dos oficiais a um pau de vassoura.

O homem parecia mais velho do que era de facto. Trazia uma expressão tensa e tinha as faces cavadas e cobertas de uma palidez lúgubre. Era um homem exausto, desgastado por anos de tensão. Os seus olhos encovados refletiram compaixão ao observarem o uniforme ensanguentado de Tombs.

— Comandante, o senhor está gravemente ferido... Deveria procurar cuidados médicos, lá em baixo.

— Não há tempo para isso — respondeu Tombs, abanando a cabeça. — Por favor, dirija-se à cobertura da casa do leme e coloque-se onde possa ser visto.

— Compreendo o seu plano... — aquiesceu o prisioneiro, assentindo com a cabeça.

Tombs tornou a olhar para o couraçado inimigo e para os fortes. Nesse momento, um breve clarão, seguido de uma pluma de fumo negro e do silvo de um projétil, irrompeu dos baluartes da Fortaleza Monroe. Levantou-se um enorme esguicho de água branca e esverdeada que pairou no ar por momentos antes de voltar a cair.

Tombs meteu o ombro, sem cerimónias, às partes traseiras daquele homem de estatura elevada e empurrou-o para a cobertura da casa do leme.

— Por favor, despache-se, porque já estamos ao alcance das armas deles!

Em seguida, arrancou a bandeira branca das mãos de Craven e agitou-a freneticamente com o braço são.

A bordo do *New Ironsides*, o capitão Joshua Watkins mantinha a luneta apontada ao navio inimigo.

— Estão a exhibir a bandeira branca! — exclamou, surpreendido.

O seu imediato, o comandante John Crosby, assentiu com a cabeça enquanto observava a mesma coisa através de binóculos de bronze.

— É muito estranho renderem-se depois da tarefa que deram à nossa frota...

De repente, Watkins afastou a luneta do olho, numa atitude de espanto crescente. Verificou a lente para ver se encontrava alguma mancha e, não tendo encontrado nenhuma, tornou a apontá-la ao couraçado rebelde danificado pela batalha.

— Mas que raio...?! — O capitão fez uma pausa para focar melhor a lente da luneta. — Valha-me Deus... — murmurou, espantado. — Quem é que está a ver no topo da casa do leme do inimigo?

A compostura férrea de Crosby não costumava alterar-se facilmente, mas o imediato ficou totalmente perplexo.

— Parece... Mas isso é impossível!

Os canhões do Forte Wool abriram fogo e os repuxos formaram uma cortina de água que quase escondeu o *Texas*, mas o navio irrompeu da cortina de borrifos com uma perseverança admirável e continuou a avançar a grande velocidade.

Watkins fitava, espantado, o homem alto e magro no topo da casa do leme do couraçado inimigo. Depois, o seu espanto transformou-se num horror paralisante.

— Valha-me Deus, é mesmo *ele!* — exclamou, baixando a luneta e virando-se para Crosby. — Envie um sinal aos fortes para que cessem fogo. Despache-se, homem!

Os canhões da Fortaleza Monroe imitaram os do Forte Wool e também abriram fogo sobre o *Texas*. A maior parte dos projéteis passaram demasiado alto, mas dois atingiram a chaminé do couraçado, abrindo buracos enormes nas paredes circulares. Os artilheiros apressaram-se a recarregar as armas, cada um com a esperança de que fosse o seu canhão a desferir o golpe que afundaria o navio inimigo.

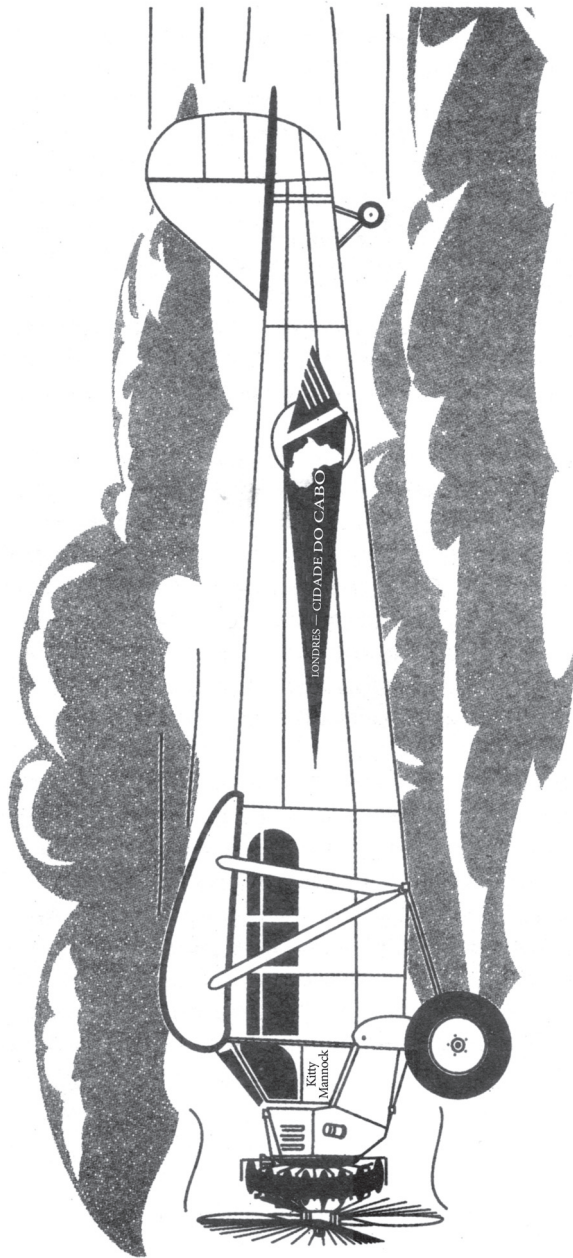
O *Texas* encontrava-se apenas a duzentos metros de distância quando os capitães dos fortes reconheceram o sinal de Watkins e os seus canhões começaram a cessar fogo, um a um. Watkins e Crosby correram para a proa do *New Ironsides* e chegaram a tempo de ver claramente os dois homens que envergavam os uniformes ensanguentados da Marinha dos Estados Confederados e o homem de barba, com roupas civis amarrotadas que os olhou fixamente e, depois, os brindou com uma saudação cansada e solene.

Permaneceram absolutamente estáticos, chocados, conscientes de que a cena a que assistiam lhes ficaria gravada para sempre nas mentes. E apesar da tremenda controvérsia que viria a rodeá-los, tanto eles como centenas de outros homens que se encontravam a bordo do navio e as guarnições dos fortes mantiveram uma certeza inabalável quanto a quem viram no que restava do couraçado confederado naquela manhã.

Quase mil homens assistiram, num espanto impotente, à passagem do *Texas*, com fumo saindo pelas escotilhas da sua artilharia silenciada e a bandeira rasgada e presa a um poste vergado da amurada. Não se ouviu um disparo, um som sequer, quando o navio penetrou no banco de nevoeiro e desapareceu para sempre.



**Perdida**



AERONAVE FAIRCHILD DE KITTY MANNOCK



10 de outubro de 1931  
Sudoeste do Sahara

KITTY MANNOCK TEVE A ESTRANHA SENSAÇÃO DE QUE VOAVA NO VAZIO. Estava perdida, completa e desesperadamente perdida. Havia duas horas que ela e a sua frágil aeronave eram fustigadas nos ares por uma forte tempestade de neve que impedia toda a visibilidade do deserto, lá em baixo. Sozinha naquele céu vazio e opaco, debateu-se com miragens estranhas que pareciam surgir subitamente da nuvem acastanhada que a envolvia.

Inclinou a cabeça para trás e olhou para cima, através do teto de vidro da carlinga. O reflexo alaranjado do Sol desaparecera completamente. Depois, talvez pela décima vez em outros tantos minutos, baixou a janela do seu lado e espreitou para o exterior do *cockpit*, mas não conseguiu ver mais nada abaixo da avioneta para além da enorme nuvem rodopiante. O altímetro indicava quinze pés de altitude, o suficiente para sobrevoar tudo menos os mais elevados planaltos de arenito do Adrar des Iforas, uma extensão da cadeia montanhosa do deserto do Sahara chamada Ahaggar.

Apoiava-se nos instrumentos de navegação para evitar que a avioneta comesse a voar em espiral descendente. Já tinha notado por quatro vezes, desde que entrara naquela tempestade ofuscante, diminuições da altitude e mudanças graduais de direção, sinais inequívocos de que voava em espiral descendente. Atenta ao perigo, corrigira sempre a rota sem qualquer incidente, inclinando a aeronave até a agulha da bússola rodar de novo cento e oitenta graus para sul.

Kitty tentara seguir a estrada que atravessava o deserto, mas perdera-a de vista pouco depois de ter sido surpreendida pela tempestade de areia que surgira de repente, vinda do sudoeste. Impossibilitada de avistar terra, não fazia ideia da sua posição e também não sabia quantos graus o vento a tinha afastado da sua rota. Virou para oeste, afastando-se ainda mais da rota, numa tentativa vã de contornar a tempestade.

Nada mais podia fazer para além de continuar a atravessar, sozinha, aquele enorme oceano de areia ameaçadora sem qualquer ponto de referência. Aquele era o troço da viagem que Kitty mais receava. Calculou que lhe faltavam quatrocentas milhas de voo antes de chegar a Niamey, a capital do Níger. Naquela cidade, poderia reabastecer a avioneta de combustível antes de continuar a maior viagem de longo curso já efetuada até à Cidade do Cabo, na África do Sul.

O torpor do cansaço começou a apoderar-se dos seus braços e das suas pernas. O efeito do interminável rugido do motor e da respetiva vibração

começou a fazer-se sentir. Kitty voava havia quase vinte e sete horas, o tempo passado desde que descolara do aeródromo de Croydon, um subúrbio de Londres. Voara do frio húmido de Inglaterra para a fornalha seca do Sahara.

A noite chegaria dali a três horas. O vento contrário da tempestade de areia diminuiria a velocidade da aeronave para noventa milhas por hora, menos trinta do que as cento e vinte da velocidade de cruzeiro da sua velha e fiável avioneta *Fairchild FC-2W*, um monoplane de asa elevada com cabina e *cockpit* fechados, movido por um motor radial *Pratt & Whitney* da série *Wasp*, com 410 cavalos de potência.

A aeronave, com capacidade para quatro passageiros, fora, outrora, propriedade da Pan American-Grace Airways e efetuara voos regulares para entrega de correio em escalas na rota Lima/Santiago. Quando foi substituída por um modelo mais desenvolvido, com capacidade para seis passageiros, Kitty adquirira-a e instalara depósitos de combustível extra no compartimento dos passageiros. Depois, batera, pela primeira vez, o recorde em rotas de longo curso num voo entre o Rio de Janeiro e Madrid no final da década de 1930, tornando-se a primeira mulher a sobrevoar o Atlântico Sul.

Kitty passou mais uma hora a tentar manter-se na rota que tinha traçado, apesar das rajadas de vento. A cabina começou a encher-se de areia fina, cobrindo as suas delicadas membranas oculares e nasais. Esfregou os olhos, mas isso apenas piorou o seu desconforto. Pior do que isso, já não conseguia ver! Se cegasse e, portanto, deixasse permanentemente de conseguir ler os instrumentos de navegação, estaria condenada!

Pegou num pequeno cantil que tinha sob o assento, desenroscou a tampa e espalhou água pela cara. Sentiu-se refrescada e pestanejou freneticamente, com a areia húmida a deslizar-lhe pela face e secando poucos segundos depois, por ação do calor extremo. Recuperou a visão, mas sentia um ardor nos olhos como se lhes estivessem a espetar agulhas.

De repente, apercebeu-se de algo... Teve uma impressão fugaz, ou talvez tenha sido algum som estranho ou um brevíssimo silêncio no meio de todo o ruído provocado pelo vento e pelo motor. Inclinou-se para diante e analisou os instrumentos. Todos os mostradores pareciam indicar um comportamento normal da avioneta. Verificou as válvulas de combustível, e estavam todas na posição correta. Por fim, convenceu-se de que tinha sido uma ilusão causada pela sua mente desorientada.

Pouco depois, a curtíssima interrupção de um som repetiu-se. Kitty ficou em estado de alerta máximo, com todos os sentidos concentrados na audição. A alternância entre o normal e o anormal aumentava agora o ritmo, e começou a sentir-se desesperada ao aperceber-se de que se tratava de uma falha numa das velas de ignição de um dos cilindros do motor. Depois, todas as velas começaram

a falhar, uma a uma. O motor começou a engasgar-se violentamente e a agulha do tacómetro começou a baixar lentamente.

Momentos depois, o motor parou totalmente e a hélice rodou até se deter também. O silêncio abrupto do coletor de escape deixou-a completamente atordoada. Agora, o único som que ouvia era o sopro do vento. Não tinha dúvidas: sabia exatamente porque é que o motor tinha parado. A infiltração constante de grandes quantidades de areia entupira o carburador.

A surpresa e o medo passaram depressa, nos primeiros segundos, e Kitty analisou as poucas opções que lhe restavam. Se conseguisse, de alguma forma, efetuar uma aterragem bem-sucedida, poderia esperar que a tempestade passasse e, talvez, proceder às reparações necessárias. A aeronave começou a estabilizar e ela empurrou a alavanca de comando para iniciar a descida gradual, planando até às areias do deserto. Aquela não seria a sua primeira aterragem sem motor, pois já tinha feito pelo menos sete, com dois despenhamentos dos quais resultaram pouco mais do que alguns arranhões e umas quantas nódoas negras. Porém, nunca tinha efetuado uma aterragem de emergência à luz fosca de uma tempestade de areia. Portanto, agarrou firmemente a alavanca de comando com uma das mãos e pegou num par de óculos de aviador com a outra. Em seguida, baixou a janela lateral e espreitou para fora da carlinga.

Estava a descer. Não conseguia ver o solo, mas tentava desesperadamente imaginar como seria. Apesar de ter a certeza que, na sua maior parte, o deserto era razoavelmente plano, também sabia que poderia encontrar ravinas escondidas ou dunas elevadas, capazes de desfazerem a sua aeronave e de a matarem. Teve a sensação de ter envelhecido cinco anos antes de avistar, finalmente, o terreno desolado pouco mais de trinta pés abaixo do trem de aterragem.

O solo era constituído por areia, mas parecia suficientemente firme para a avioneta poder aterrar. E o melhor era que parecia irresistivelmente plano! Começou a planar a direito e iniciou o contacto ao solo. Os enormes pneus da aeronave *Fairchild* tocaram no chão, ressaltaram duas ou três vezes, depois deslizaram facilmente pela areia enquanto a velocidade ia diminuindo. Kitty tinha enchido os pulmões para soltar um grito de alívio quando, de repente, o chão desapareceu da sua frente.

A avioneta *Fairchild* despenhou-se pela borda de uma ravina de declive abrupto, caindo como uma pedra no leito seco de um antigo rio. As rodas enterraram-se na areia e o trem de aterragem partiu-se. Com o impulso, a avioneta foi embater contra a parede oposta do antigo leito com uma pancada seca que fez colapsar as longarinas e o resto da estrutura. A hélice desfez-se quando o motor foi projetado para trás, partindo um dos tornozelos de Kitty e deslocando-lhe o joelho. Foi atirada para diante. Os cintos de segurança ver-

tais tê-la-iam mantido direita, mas esqueceram-se de os prender e o tronco foi projetado para a frente. Bateu com a cabeça contra o caixilho do para-brisas e mergulhou na escuridão.

A notícia do desaparecimento de Kitty Mannoek espalhou-se pelo mundo poucas horas depois de ter sido anunciado que a sua aterragem em Niamey, para reabastecer, estava atrasada. Naquela altura, era impossível lançar uma operação de busca e salvamento deste tipo em larga escala, pelo que o esforço viria a ficar muito aquém do necessário. A área do deserto em que Kitty desaparecera era maioritariamente desabitada e muito raramente alguém passava por ali. Também não existiam aeronaves num raio de mil milhas. Além disso, em 1931 um exército devidamente equipado era coisa que não existia no deserto.

Portanto, a busca foi iniciada, na manhã seguinte, por uma pequena unidade motorizada da Legião Estrangeira Francesa estacionada no oásis de Takaldebey, no que era então o Sudão francês. Presumindo que Kitty se teria despenhado algures ao longo da estrada que atravessava o deserto, a maior parte da unidade bateu a zona a norte, enquanto alguns homens e duas viaturas de uma sociedade comercial francesa de Tessalit esquadrihavam a zona sul.

Os dois corpos expedicionários voltaram a encontrar-se na estrada sem terem avistado os destroços ou quaisquer foguetes luminosos à noite. Espalharam-se cerca de trinta quilómetros para cada lado da estrada e voltaram a tentar. Após dez dias sem qualquer sinal da aviadora desaparecida, o comandante do destacamento mostrou-se pessimista e, no seu relatório, registou que ninguém conseguiria sobreviver tanto tempo naquele deserto escaldante sem comida nem água. Naquela altura, Kitty já teria morrido de desidratação ou hipotermia.

Foram realizadas cerimónias fúnebres em honra de uma das aviadoras mais amadas da história da aviação em todas as grandes cidades. Considerada uma das três maiores aviadoras, a par de Amelia Earhart e Amy Johnson, Kitty foi chorada por um mundo que se maravilhara com as suas façanhas. Era uma mulher adorável, com os seus olhos de um azul profundo e um cabelo liso e negro, que lhe dava pela cintura quando solto. Também era filha de rancheiros ricos dos arredores de Camberra, na Austrália. Depois de terminar os estudos numa escola secundária feminina, começou a aprender a pilotar aeronaves. Surpreendentemente, os pais apoiaram o seu desejo de voar e ofereceram-lhe um biplano *Avro Avian* em segunda mão, com o *cockpit* aberto e um motor *Cirrus* de oitenta cavalos.

Seis meses mais tarde, contrariando todos os pedidos para que não saísse do país, passou por várias ilhas do Pacífico até ao Havai, onde aterrou e foi entusiasticamente recebida pela enorme multidão que esperara ansiosamente a

sua chegada. Com a face bronzeada pelo sol e a camisola e os calções de caqui sujos de óleo, sorriu e acenou, cansada, à multidão, admirada com aquela recepção inesperada. Depois dessa aventura, continuou a conquistar a admiração de milhões de pessoas e tornou-se um ícone nacional pelos recordes de voo que bateu por todos os oceanos e continentes do mundo.

A viagem de Londres à Cidade do Cabo seria o seu último voo de longo curso antes de se casar com uma paixão da adolescência, um rancheiro australiano vizinho. Depois de conquistar os ares, perdera, estranhamente, o encanto pela aeronáutica e desejava assentar e constituir família. Também tinha descoberto o que muitos outros já tinham sentido naqueles primeiros tempos da aviação: os pilotos tinham fama e glória mas pouco trabalho de que pudessem viver.

Quase cancelara o voo, mas insistira obstinadamente em efetuá-lo. Agora, o mundo da aviação esperava notícias do seu salvamento com uma esperança que ia desaparecendo à medida que os dias passavam.

Kitty permaneceu inconsciente até à madrugada seguinte. O Sol ia já incendiando o deserto quando ela emergiu, a custo, da escuridão em que se encontrava mergulhada e fixou o olhar no eixo da hélice desfeito. A sua visão era ainda enublada. Tentou abanar a cabeça para se recompor totalmente, mas a dor lancinante que lhe trespassou o crânio fê-la arquejar. Levou a mão à testa com cuidado. A pele estava intacta, mas tinha um grande galo junto à raiz do cabelo. Ao verificar se estava ferida em mais algum lado, apercebeu-se de que tinha partido o tornozelo — que inchara dentro da bota de aviador — e deslocado o joelho.

Desapertou o cinto de segurança horizontal, empurrou a porta da cabina e desceu do avião com cautela. Após alguns passos a coxear, ajoelhou-se devagar na areia e avaliou a situação.

Felizmente, não tinha havido nenhum incêndio, mas o fiável *Fairchild* nunca mais voltaria a voar, pois o motor dobrara-se para cima, num ângulo estranho, e três dos seus cilindros tinham-se partido aquando do impacto contra a encosta da ravina. As asas encontravam-se miraculosamente intactas, tal como a fuselagem, mas o trem de aterragem ficara espalmado, com as rodas para fora.

Não havia qualquer hipótese de reparar a aeronave e seguir viagem. O problema seguinte era perceber onde se encontrava, e Kitty não fazia a menor ideia de onde se tinha despenhado. Parecia-lhe que tinha caído em algo a que na Austrália davam o nome de *billabong*, que é o leito seco de um rio que enche sazonalmente. Porém, a areia deste leito seco provavelmente não via água havia mais de cem anos. A tempestade de areia tinha diminuído, mas as paredes da

pequena garganta em que se encontrava deviam ter uns bons três metros de altura, e não conseguia ver a paisagem para lá delas. Mas realmente era melhor não a conseguir ver, pois era indescritivelmente feia, desolada e descolorida.

Sentiu uma sede repentina, e a necessidade de água fê-la lembrar-se do seu cantil. Dirigiu-se novamente à cabina ao pé-coxinho, debruçou-se para o interior e retirou-o de baixo do assento. A sua capacidade era de cerca de dois litros e continha menos de três quartos dessa medida de água. Kitty percebeu que teria muita sorte se aquela água durasse mais de dois ou três dias e não se atreveu a beber mais de dois ou três goles de cada vez.

Concluiu que teria de tentar chegar a alguma aldeia ou à estrada que atravessava o deserto. Seria suicídio permanecer junto da avioneta, pois esta jamais conseguiria ser vista a não ser que algum avião a sobrevoasse diretamente. Ainda atordoada, estendeu-se à sombra do avião e resignou-se à situação difícil em que se encontrava.

Depressa viria a conhecer a incrível variação de temperaturas no Sahara. Durante o dia, a temperatura ascendia aos 49°C, e descia aos 4°C à noite! O frio noturno extremo era um suplício tão grande como o calor diurno. Depois de ter sido fustigada por um sol inclemente durante doze horas, escavou um buraco na areia e rastejou para dentro dele. Em seguida, enrolou-se como uma bola e, tremendo de frio, adormeceu profundamente até à madrugada seguinte.

Às primeiras horas do segundo dia, antes de o Sol começar a escaldar de novo, Kitty sentiu-se com forças suficientes para iniciar os preparativos para abandonar a aeronave. Usou um dos tirantes das asas como muleta e fez um guarda-sol tosco com um pedaço da asa. Recorrendo a uma pequena caixa de ferramentas, removeu a bússola do painel dos instrumentos de navegação. Apesar dos ferimentos, estava determinada a lançar-se na busca da estrada. Sentia que não lhe restava outra alternativa...

Sentindo-se melhor por ter um plano, pegou no diário de bordo e começou a escrever a primeira página daquilo que seria a descrição da sua perseverança e tentativa heroica de sobreviver nas piores condições que se podia imaginar. Começou por descrever o despenhamento da avioneta e por delinear o caminho que pretendia seguir, em direção a sul, pelo *billabong*, até encontrar uma subida fácil para o rebordo. Depois de sair daquele leito seco, planeava seguir para leste até encontrar a estrada ou se cruzar com alguma tribo nómada. Em seguida, arrancou a página e prendeu-a ao painel de instrumentos para que, no caso improvável de a avioneta ser avistada primeiro, quem viesse socorrê-la pudesse seguir-lhe o rasto.

O calor depressa começou a tornar-se insuportável e as paredes daquele antigo leito pioravam ainda mais a situação porque refletiam os raios solares, aumentando-lhes a intensidade ao ponto de aquilo parecer um crematório a

céu aberto. Kitty começou a sentir dificuldade em respirar e teve de contrariar o desejo tremendo de beber a sua preciosa água em grandes goles.

Fez mais uma coisa antes de partir: desatou o atacador da bota do tornozelo fraturado e descalçou-a com cuidado. A dor fê-la soltar um ténue gemido e Kitty esperou que abrandasse antes de envolver o tornozelo com o lenço de seda que usava sempre que voava. Em seguida, com a bússola e o cantil presos ao cinto, o guarda-sol erguido e a muleta encaixada no sovaco, pôs-se a caminho sob o Sol escaldante do Sahara, coxeando corajosamente pela areia do fundo do antigo leito.

As buscas para encontrar Kitty prosseguiram intermitentemente ao longo dos anos, mas nem ela nem a sua avioneta foram encontradas. Não foi descoberta nenhuma pista, nenhuma caravana de camelos avistou qualquer esqueleto no deserto com vestígios da velha indumentária de voo dos anos trinta nem nenhum nómada se deparou com a avioneta despenhada. O completo desaparecimento de Kitty acabou por se tornar um dos grandes mistérios da aviação.

Os rumores sobre o destino final da aviadora foram crescendo e disseminando-se ao longo de décadas. Havia quem afirmasse que ela tinha sobrevivido mas sofria de amnésia e vivia na América do Sul, com outro nome, mas muita gente pensava que tinha sido capturada e escravizada por alguma tribo de tuaregues. Só o voo de Amelia Earhart para a eternidade causou mais especulação.

O deserto escondeu o seu segredo zelosamente e as suas areias tornaram-se a mortalha de Kitty Mannoek. O enigma do seu voo para nenhures só seria resolvido meio século mais tarde.





**PARTE UM**  
**Frenesim**



# 1

5 de maio de 1996  
Oásis de Asselar, Mali, África

DEPOIS DE VIAJARMOS PELO DESERTO DURANTE VÁRIOS DIAS OU SEMANAS SEM avistarmos nenhum animal, sem nos cruzarmos com um só ser humano, qualquer vestígio de civilização, por mais insignificante ou primitiva que esta seja, acaba por ser uma surpresa extraordinária. Para as onze pessoas que viajavam nos cinco *Land Rover*, incluindo os guias/motoristas, o facto de terem avistado um habitat humano constituiu um grande alívio. Cheios de calor e do pó do caminho, cansados da viagem de uma semana de carro por uma paisagem de pura desolação, os turistas aventureiros que participavam no programa de doze dias *Across the Sahara Safari* (Safari pelo Sahara), proporcionado pela empresa *Backworld Explorations*, não podiam estar mais empolgados com a possibilidade de se cruzarem com outros seres humanos e de encontrarem água suficiente para um banho refrescante.

Avistaram a vila de Asselar no meio da desolação árida do centro da região saariana do Mali. Era um conjunto de palhotas de argamassa caoticamente distribuídas em torno de um poço situado no fundo seco do que devia ser o antigo leito de um rio. Espalhadas pelos arredores, estavam as ruínas degradadas de uma centena, ou mais, de outras palhotas abandonadas e, para lá delas, viam-se os bancos de areia pouco acentuados que desciam abaixo da planície de aluvião. Aquelas construções desgastadas pelo tempo fundiam-se de tal forma com a paisagem austera e desprovida de cor que era quase impossível distinguir a vila à distância.

— Ali está ela — anunciou o major Ian Fairweather, o organizador do safari, aos estafados e empoeirados turistas que saíram dos jipes e se agruparam à sua volta. — Olhando para Asselar, jamais imaginaríamos que esta vila foi, outrora, um ponto de confluência cultural da África Ocidental. Mas a verdade é que, durante cinco séculos, foi um importante posto de abastecimento de água para as enormes caravanas de comerciantes e de negreiros que por aqui passavam nas suas rotas para norte e para leste.

— Nesse caso, o que causou o seu declínio? — perguntou uma canadiana simpática que envergava um top sem costas e uns calções curtos.

— As várias guerras e conquistas pelos mouros e pelos Franceses e a abolição da escravatura contribuíram grandemente para o seu declínio, mas o principal motivo foi o desvio das rotas comerciais para sul e para ocidente, na dire-

ção das respectivas costas marítimas. Contudo, o golpe de misericórdia ocorreu há cerca de quarenta anos, quando os poços começaram a secar. O único poço que ainda abastece a vila de água tem cerca de cinquenta metros de profundidade.

— Não é bem aquilo a que se pode chamar de «paraíso metropolitano»... — murmurou um homem robusto, com pronúncia espanhola.

O major Fairweather forçou um sorriso. Era um antigo fuzileiro naval da Marinha Real inglesa e um prodigioso fumador de cigarros de filtro longo. A sua resposta foi bem articulada, num tom aparentemente ensaiado.

— Atualmente, apenas algumas famílias tuaregues que abandonaram a tradição nómada vivem em Asselar. Os seus principais meios de subsistência são pequenos rebanhos de cabras, parcelas de terreno arenoso regado à mão com água retirada do poço, situado no centro da vila, e um punhado de pedras preciosas que, de vez em quando, encontram no deserto. Depois de as polirem e levarem, de camelo, à cidade de Gao, vendem-nas aí como recordações.

— A vila parece-me abandonada — comentou um advogado londrino, num impecável vestuário de safari, apontando Asselar com a sua bengala de madeira de ébano. — Se a memória não me falha, na sua brochura estava escrito que o nosso grupo ficaria «encantado com o romantismo da música do deserto e das danças nativas à luz bruxuleante das fogueiras de Asselar».

— Certamente que o nosso batedor já preparou tudo para que possam desfrutar de uma estadia confortável e agradável — garantiu-lhe Fairweather com grande descontração. — Não tardará a escurecer — comentou, olhando momentaneamente para o Sol, que já se ia escondendo nas costas da vila. — É melhor irmo-nos chegando à vila.

— A vila tem algum hotel? — quis saber a senhora canadiana.

— Não, Sra. Lansing — respondeu o major, reprimindo uma expressão desolada —, acamparemos nas ruínas logo a seguir à cidade.

Os turistas soltaram um gemido coletivo, pois tinham acalentado a esperança de virem a encontrar camas macias em quartos com casas de banho privativas, e estes eram luxos que Asselar provavelmente nunca tinha conhecido.

O grupo voltou às viaturas, desceu um caminho já muito batido que levava ao fundo do vale e seguiu até à vila pelo caminho principal. Ia-lhes sendo cada vez mais difícil imaginar aquele lugar com um passado glorioso, à medida que se aproximavam. As ruas eram estreitos becos de areia. O lugar parecia uma cidade fantasma que fedia a fracasso. Não se via uma única luz ao crepúsculo nem nenhum cão os brindava com os seus latidos. Não detetavam qualquer sinal de vida naquelas construções de adobe. Era como se os habitantes tivessem preparado as suas bagagens e desaparecido no deserto.

Fairweather começou a sentir-se desconfortável. Era evidente que se passava algo estranho, e não encontrou qualquer vestígio do seu batedor. Por momentos, pareceu-lhe ter tido um vislumbre de um quadrúpede de grande porte esgueirando-se pela entrada de um dos casebres. Mas a imagem pareceu-lhe tão fugaz que acabou por a ignorar, atribuindo-a às sombras dos jipes em movimento.

Naquela noite, teria de ouvir os seus «encantados» turistas, pensou. Ao diabo com aquela gente do *marketing* por ter exagerado os encantos do deserto: «A sua oportunidade para desfrutar de uma expedição única pelas areias nómadas do Sahara!», murmurou, entre dentes. Estava capaz de apostar um ano de ordenados em como o redator publicitário nunca se tinha aventurado para o lado de cá da costa de Dover!

Encontravam-se a quase oitenta quilómetros da Estrada Transaariana e a uns bons duzentos e quarenta da cidade de Gao, nas margens do Níger. O grupo levava comida, água e combustível mais do que suficientes para o resto da viagem, pelo que Fairweather mantinha em aberto a possibilidade de não pararem em Asselar, caso ocorresse algum problema. A segurança dos clientes da Backworld Explorations era primordial e, em vinte e oito anos de atividade, nunca tinham perdido ninguém, excetuando o canalizador americano reformado que provocara um camelo e levava um coice na cabeça por causa da sua estupidez.

Fairweather começou a preocupar-se com o facto de não ver cabras nem camelos... nem pegadas na areia das ruas; apenas estranhas marcas de garras e rastos côncavos e paralelos, como se alguém tivesse arrastado troncos lado a lado. As pequenas casas tribais, feitas de pedra e cobertas com uma argamassa avermelhada, pareciam-lhe mais degradadas do que na última vez em que por ali passara, aquando do seu último safari, não mais de dois meses antes.

Decididamente, passava-se algo de errado. Mesmo que, por algum estranho motivo, os habitantes tivessem abandonado a zona, o batedor deveria ter ido ao encontro da caravana. Ibn Hajib nunca lhe falhara ao longo de todos aqueles anos em que tinham atravessado o Sahara juntos. Fairweather decidiu deixar os seus clientes descansarem um pouco junto ao poço da vila para se lavarem antes de seguirem viagem e acamparem alguns quilómetros adiante. Era melhor manter-se alerta, pensou enquanto retirava a velha pistola-metralhadora *Patchett*, da Marinha Real, de um compartimento entre os assentos e a colocava entre os joelhos, com o cano virado para cima. Enroscou um silenciador *Invicta* na boca da arma, dando-lhe o aspeto de um cano alongado com um carregador longo e curvo sobressaindo na parte inferior.

— Há algum problema? — perguntou a Sra. Lansing, que viajava no *Land Rover* de Fairweather com o marido.

— Não, é só uma precaução para assustar os mendigos — mentiu o major.

Fairweather parou o jipe e dirigiu-se aos condutores das outras viaturas para lhes dizer que se mantivessem atentos a tudo o que lhes parecesse suspeito. Em seguida, voltou ao carro e retomou o caminho, levando a coluna até ao centro da cidade por ruas de areia estreitas e distribuídas ao acaso. Por fim, parou à sombra de uma tamareira que se erguia no meio de uma praça espaçosa, perto de um poço circular de pedra com cerca de quatro metros de diâmetro.

Analizou o solo arenoso em torno do poço à luz do crepúsculo. Estava repleto dos mesmos rastros estranhos que vira nas ruas. Espreitando para o interior do poço, mal conseguiu ver um minúsculo reflexo nas entranhas do arenito. Lembrou-se de que aquela água era muito rica em minerais, o que lhe transmitia um sabor metálico e uma tonalidade esverdeada, opalina. Porém, matara a sede a muitos seres vivos, humanos ou animais, ao longo dos séculos. Quanto a ser ou não apropriada para os estômagos impreparados dos seus clientes, era coisa que não o preocupava, pois pretendia apenas que a usassem para se lavarem, não para a beberem.

Deu instruções aos outros condutores para que montassem guarda e, em seguida, mostrassem aos turistas como içar o recipiente de couro usando uma antiga cegonha com uma corda desfiada presa na ponta. Os turistas depressa esqueceram a imagem exótica da música no deserto e da dança à luz bruxuleante das fogueiras, rindo e chapinhando como crianças que se divertem com um aspensor numa tarde quente de verão. Os homens despiram-se da cintura para cima e espalharam água sobre a pele nua. Quanto às mulheres, mostraram-se mais preocupadas com a lavagem do cabelo.

Aquela cena cómica era sinistramente iluminada pelos faróis dos *Land Rover*, que espalhavam as atarefadas sombras pelas paredes silenciosas da vila como projetores de cinema. Enquanto os seus motoristas observavam, divertidos, aquele espetáculo, Fairweather percorreu uma distância razoável por uma das ruas e entrou numa casa ao lado de uma mesquita. As paredes pareciam antigas e desgastadas pelo tempo. A entrada, constituída por um pequeno túnel em arco, dava acesso a um pátio tão cheio de lixo causado por seres humanos e de entulho que o major teve dificuldade em atravessá-lo.

Acendeu uma lanterna e varreu a divisão principal daquela estrutura com a luz. As paredes interiores eram de um branco sujo e os tetos eram altos, com vigas expostas sobre uma estrutura de paus cruzados, à imagem da *latilla viga* usada na versão de Santa Fé da arquitetura do Sudoeste Americano. As paredes continham inúmeros nichos para guardar objetos caseiros, mas todos se encontravam vazios, com o seu antigo conteúdo partido e espalhado pelo chão, tal como a mobília.

Como não deu pela falta de nada que devesse obviamente fazer parte do conteúdo da casa, pareceu-lhe que esta tinha sido simplesmente vandalizada

depois de os legítimos ocupantes a terem abandonado, deixando todos os seus pertences para trás. Depois, reparou numa pilha de ossos que se encontrava a um canto daquela divisão. Percebeu que eram ossadas humanas e começou a sentir-se bastante inquieto.

A luz da lanterna projetava sombras que pregavam estranhas partidas aos olhos. Era capaz de jurar que tinha visto um animal de grande porte esgueirar-se para o pátio por uma janela. Moveu a patilha de segurança para a posição de fogo, não tanto por medo mas mais por uma espécie de pressentimento da ameaça que emergia das ruelas já mergulhadas na quase escuridão do anoitecer.

Ouviu um restolhar vindo do outro lado de uma porta que dava para um pequeno terraço. Fairweather aproximou-se em silêncio, caminhando pelos escombros com todo o cuidado. Se alguém ali estava escondido, fez silêncio. O major apontou a luz da lanterna para diante com uma mão e agarrou firmemente a pistola-metralhadora com a outra, o cano virado para a frente. Em seguida, derrubou a porta com um pontapé que a fez saltar dos gonzos, levantando uma nuvem de pó quando caiu no chão.

Estava mesmo ali alguém! Ou seria antes *algo*? Com uma pele escura e um aspeto maléfico, como um demónio fugido do Inferno, aquela criatura parecia um ser sub-humano semelhante a um animal, balançando-se sobre as mãos e os joelhos e fitando o feixe de luz com um ar tresloucado e uns olhos vermelhos como brasas incandescentes. Fairweather afastou-se instintivamente. A coisa ergueu-se sobre os joelhos e lançou-se na sua direção. Fairweather premiu calmamente o gatilho da *Patchett* com a coronha encostada aos músculos tensos do abdómen. O cano da arma cuspiu uma rápida rajada de balas de 9 milímetros, de 100 grãos e ponta redonda, com o som abafado de pipocas a estalar no tacho.

O animal hediondo expeliu um som pavoroso, como se quisesse vomitar, e tombou, com o peito rebentado. O major aproximou-se do vulto enroscado, inclinou-se e apontou-lhe o feixe da lanterna. O corpo encontrava-se coberto de sujidade e completamente nu. Os olhos selváticos fitavam o vazio, desprovidos de vida e vermelhos onde deveriam ser brancos. A cara era a de um rapaz que não teria mais de quinze anos de idade.

O medo provocou tamanho estado de choque, tamanho espanto em Fairweather que este passou vários minutos atordoado com a percepção do perigo. Agora, sabia o que tinha deixado os estranhos rastros na areia. Uma colónia inteira daqueles seres teria rastejado pela vila. Virou-se de repente e voltou para a praça a correr. Porém, chegou tarde... demasiado tarde.

Uma vaga de demónios aos guinchos irrompeu da escuridão da noite e lançou-se sobre os turistas desprevenidos, que se encontravam junto do poço. Os motoristas foram engolidos por aquele tsunami em ebulição antes de conseguirem dar o alarme ou preparar a mínima defesa. A horda selvagem lançou-se

sobre eles gatinhando como chacais, derrubando os turistas desarmados e cravando-lhes os dentes em toda a pele que encontraram exposta.

O pesadelo horrórico, iluminado pelos faróis dos *Land Rover*, transformou-se num frenesim de corpos contorcendo-se, acompanhado dos gritos aterrorizados dos turistas em pânico misturados com os guinchos tenebrosos dos seus atacantes. A Sra. Lansing emitiu um grito estridente antes de desaparecer sob um emaranhado de corpos em frenesim. O marido tentou subir para cima do capô de um dos veículos, mas foi puxado e mutilado numa nuvem de pó como uma barata atacada por um exército de formigas.

O exigente advogado londrino rodou o cabo da bengala, assente numa haste oca, e desembainhou uma espada curta com que varreu a área à sua volta, mantendo a multidão de seres que o cercava momentaneamente afastada. Porém, aqueles demónios pareciam nada temer e depressa o dominaram.

A área em torno do poço encontrava-se completamente repleta de seres humanos lutando pelas suas vidas. O turista espanhol anafado, com sangue escorrendo das várias mordeduras que sofrera, tentou escapar à matança saltando para dentro do poço, mas foi seguido por quatro daqueles assassinos enlouquecidos.

Fairweather correu na direção da multidão, agachou-se e disparou a *Patchett* sobre os atacantes, tentando não atingir nenhum dos seus turistas. Os atacantes, incapazes de ouvirem o metralhar da arma por causa do silenciador, ignoraram os disparos inesperados, e a indiferença ou o frenesim extremos levaram a que não se apercebessem de que muitos dos seus companheiros estavam a ser abatidos à sua volta.

Fairweather deve ter matado cerca de trinta daqueles assassinos antes de a *Patchett* ter cuspidido a sua última bala. O major permaneceu ali, impotente, invisível e despercebido, enquanto a carnificina descontrolada ia amainando, acabando por terminar depois de os seus motoristas e clientes terem sido todos chacinados. Não conseguia compreender o que tinha transformado, tão repentinamente, a praça num matadouro.

— Meu Deus... — murmurou, com a voz embargada, ao ver, horrorizado, os selvagens atirarem-se aos cadáveres num frenesim canibal e devorarem as suas vítimas.

Não conseguiu desviar o olhar, hipnotizado por um fascínio mórbido que a tragédia repugnante que se desenrolava diante dos seus olhos foi transformando lentamente em indignação e raiva. Fairweather fora surpreendido por aquele pesadelo, e nada mais podia fazer para além de observar aquele horror.

Os carneiros que já não estavam a devorar as vítimas ocupavam-se agora com a destruição dos jipes, estilhaçando os vidros à pedrada, despejando a sua insaciável selvajaria sobre tudo o que lhes era estranho.

O major voltou a mergulhar na sombra, atormentado pelo sentimento de



culpa pela morte dos seus homens e dos seus clientes. Não conseguira garantir a sua segurança e levava-os, inadvertidamente, a uma morte sangrenta. Amaldiçoou a sua impotência para os salvar e também a sua cobardia, por não ter morrido juntamente com eles.

Precisou de uma grande força de vontade para desviar o olhar da praça e começar a correr para o deserto, passando pelas ruas estreitas e pelas ruínas dos arredores da vila. Tinha de sobreviver para alertar outros viajantes do deserto para o massacre que os esperava em Asselar. A vila mais próxima, a sul, encontrava-se demasiado longe para que lá conseguisse chegar sem água, por isso preferiu seguir para leste, em direção à estrada, na esperança de encontrar algum veículo ou uma patrulha da polícia antes de morrer sob o Sol escaldante do deserto.

Guiou-se pela Estrela Polar e decidiu caminhar pelo deserto a passo acelerado, pois sabia que as suas hipóteses de sobrevivência eram quase nulas. Não olhou para trás uma só vez... Tinha as imagens bem gravadas na mente, e os gritos agonizantes dos mortos ainda lhe soavam nos ouvidos.

## 2

*10 de maio de 1996*  
*Alexandria, Egito*

A AREIA BRANCA DA PRAIA VAZIA BRILHAVA SOB OS PÉS DESCALÇOS DE EVA Rojas, com os finos grãos metendo-se-lhe por entre os dedos. Parou e ficou a observar o Mediterrâneo. As suas águas profundas apresentavam uma tonalidade azul-cobalto, que se ia transformando em verde-esmeralda à medida que se iam tornando menos profundas, acabando num verde-azulado quando a ondulação beijava a areia alva.

Eva conduziu o seu veículo de aluguer cento e dez quilómetros para oeste de Alexandria antes de se deter numa parte deserta da praia, não muito longe da cidade de El Alamein, onde haviam decorrido os combates no deserto aquando da Segunda Guerra Mundial. Depois de estacionar junto à marginal, pegou no saco e atravessou as dunas suaves em direção à beira-mar.

Levava vestido um fato de banho de malha elástica cor de coral que lhe assentava como uma segunda pele. Os braços e os ombros estavam cobertos

com um top a condizer. Observava o mar de pé, graciosa e delicada. Tinha um corpo firme, com as pernas e os braços magros e bronzeados, e o cabelo ruivo-alourado preso numa longa trança que lhe descia pelas costas, quase até à cintura, brilhando ao sol como cobre polido. Fitava a água com uns olhos azuis-claros que sobressaíam numa face de pele lisa e maçãs proeminentes. Eva tinha trinta e oito anos de idade, mas facilmente passaria por uma mulher de trinta. Jamais seria capa da revista *Vogue*, mas era bonita, com um aspeto saudável que os homens — incluindo os muito mais jovens — consideravam bastante atraente.

A praia parecia deserta. Estava alerta. Virava a cabeça para um lado e para o outro, varrendo a praia com o olhar como uma gazela cautelosa. O único sinal de vida, para além dela, era um jipe *Cherokee* de cor turquesa, com a sigla NUMA escrita na porta, que se encontrava a cerca de cem metros de distância, à borda da estrada. Passara por ele antes de estacionar e não vira o condutor em lado nenhum.

O sol matinal já tinha aquecido a areia, que lhe queimava os pés descalços enquanto caminhava na direção da água. Parou poucos metros antes da beira-mar e estendeu uma toalha de praia. Viu as horas antes de atirar o relógio para dentro do saco. Eram dez e dez. Depois de aplicar um protetor solar com fator de proteção 25, deitou-se de costas, suspirou de satisfação e começou a desfrutar do sol africano.

Ainda sentia o efeito do *jet lag* causado pelo longo voo entre São Francisco e o Cairo. Para isto tinham contribuído também os quatro dias ininterruptos de reuniões de emergência com físicos e colegas biólogos relacionadas com os estranhos surtos de distúrbios nervosos recentemente identificados por todo o Sul do Sahara. Agora, gozando de um merecido descanso após aquelas conferências extenuantes, desejava apenas algumas horas de repouso e isolamento antes de atravessar o deserto numa missão de pesquisa. Fechou os olhos, satisfeita, e depressa começou a dormir, com a brisa do mar a acariciar-lhe a pele.

Quando voltou a abrir os olhos, lançou um relance ao relógio. Eram onze e vinte. Tinha dormitado durante uma hora e dez minutos. O protetor solar permitira que a sua pele adquirisse apenas um tom levemente rosado. Virou-se de barriga para baixo e passou o olhar pela praia. Dois homens com camisolas de manga curta e calções de caqui caminhavam calmamente na sua direção, à beira-mar. Detiveram-se de repente, assim que repararam que ela os observava, e viraram-se para o mar, como se observassem um navio que passasse ao longe. Ainda se encontravam a uns bons duzentos metros de distância, e Eva deixou de lhes prestar atenção.

De repente, algo atraiu a sua atenção na água, a alguma distância da costa. Uma cabeleira negra acabava de emergir à superfície. Protegeu os olhos com a mão e semicerrou-os para ver melhor. Um homem com uma máscara de mer-

gulhador e barbatanas praticava mergulho com tubo de respiração, sozinho, para lá da rebentação. Dir-se-ia que praticava caça submarina. Viu-o desaparecer de vista, permanecendo debaixo de água durante tanto tempo que lhe pareceu que estaria a afogar-se. Porém, o homem voltou à superfície e continuou a caçada. Passados vários minutos, dirigiu-se à praia, aproveitando expeditamente a rebentação de uma onda que o levou a águas pouco profundas, onde já podia pôr-se de pé.

Trazia consigo uma estranha espingarda de caça submarina, com um longo arpão farpado e drenos de borracha cirúrgica presos às extremidades. Na outra mão, trazia vários peixes — nenhum deles com menos de um quilo — presos a um arco de aço inoxidável que pendia de um cinto e lhes atravessava as guelras.

Apesar de profundamente bronzeado, a sua fisionomia máscula não apresentava traços arábicos. O cabelo farto e negro fora alisado pela água salgada e o sol fazia cintilar as gotas de água agarradas aos cabelos emaranhados do peito. Era alto, com o corpo esculpido e os ombros largos, e caminhava com uma graciosidade inatingível para a maior parte dos homens. Eva calculou que rondasse os quarenta anos de idade.

Quando passou por ela, o homem lançou-lhe um olhar breve e desinibido. Passou suficientemente perto para lhe permitir ver que os seus olhos eram de um verde-opalino, bem espaçados e com um reflexo claro do branco em torno da íris. Fitou-a com um olhar tão cândido que pareceu chegar ao cérebro dela e hipnotizá-la. Em parte, Eva receava que ele parasse e lhe dissesse algo, por outro lado desejava que o fizesse, mas a alvura dos dentes do homem revelou-se num sorriso devastador quando ele lhe acenou com a cabeça e continuou a caminhar na direção da autoestrada.

Eva observou-o até ele desaparecer para lá das dunas, onde tinha visto o jipe da NUMA. *O que se passa comigo?*, pensou. *Devia ter, pelo menos, retribuído a atenção com um sorriso.* Mas acabou por o tirar da cabeça, concluindo que teria sido uma perda de tempo, pois, de qualquer forma, talvez ele nem sequer falasse inglês. Não obstante, os seus olhos refletiram um brilho há muito ausente. Como era estranho, pensou, sentir-se atraída por um desconhecido que a fitara por um breve instante e com quem nunca mais voltaria a cruzar-se.

Apeteceu-lhe dar um mergulho para se refrescar, mas os dois homens que passeavam pela praia já se tinham aproximado e encontravam-se agora entre ela e o mar. Por isso, decidiu esperar que passassem por ela. Não tinham as feições elegantes dos Egípcios, mas o nariz mais achatado, a pele mais escura — quase negra — e o cabelo emaranhado e encaracolado dos povos que habitavam a franja sul do Sahara.

Pararam e lançaram olhares furtivos para um lado e para o outro da praia, talvez pela vigésima vez. De repente, puseram-se em cima dela.

— Deixem-me! — gritou Eva, numa reação instintiva.

Tentou afastá-los desesperadamente, mas um deles — um homem com os olhos remelosos, uma cara de fuinha e um bigode negro e farto — agarrou-a brutalmente pelo cabelo e forçou-a a virar-se de barriga para cima. Um arrepio gelado percorreu-lhe todo o corpo quando o outro homem, cujo sorriso revelou uma dentadura manchada pelo tabaco, se ajoelhou e se sentou nas suas coxas. O atacante com cara de fuinha, por seu turno, escarranchou-se-lhe sobre o peito, com as pernas prendendo-lhe os braços, o que fez com que Eva se enterasse ainda mais na areia. Agora estava completamente imobilizada, indefesa, capaz de mover pouco mais do que os dedos das mãos e os pés.

Estranhamente, não vislumbrava desejo sexual nos olhos daqueles dois homens. Nenhum deles tentou arrancar-lhe o fato de banho. Não agiam como homens que tivessem a intenção de a violarem. Voltou a soltar um grito, desta feita agudo e estridente, mas a única resposta que obteve foi a da rebentação das ondas. Não havia mais ninguém na praia.

Depois, o homem com cara de fuinha tapou-lhe o nariz e a boca com as mãos e começou a asfixiá-la calma e intencionalmente. A pressão do peso dele sobre a sua caixa torácica dificultou-lhe ainda mais a respiração e os pulmões deixaram de receber ar.

Apesar da cortina opaca do terror, Eva apercebeu-se, com um espanto horrorizado, de que aqueles homens pretendiam matá-la. Tentou gritar de novo, mas o som foi abafado. Não sentia dor, apenas um pânico que a cegava e um medo paralisante.

Tentou desesperadamente libertar-se da pressão interminável que sentia na cara, mas era como se tivesse as mãos e os braços presos num torno. Os pulmões exigiam-lhe o ar que ela não lhes podia fornecer e um véu de escuridão começou a toldar-lhe a visão lateral. Tentou, com todas as suas forças, manter-se consciente, mas começou a sentir que ia perdendo os sentidos. Viu o homem que estava sentado sobre as suas coxas espreitar por cima dos ombros do assassino, e apercebeu-se de que aquela cara de esguelha seria a última imagem que levaria deste mundo.

Fechou os olhos, ao sentir que se aproximava da beira de um buraco negro. O pensamento que lhe atravessou a mente foi que estava a viver um pesadelo e que, se abrisse os olhos, este desapareceria. Teve de se esforçar para erguer as pestanas e ter uma derradeira percepção da realidade.

*Fora* realmente um pesadelo, pensou, quase com alegria. O homem dos dentes manchados de tabaco já não espreitava por cima do ombro do companheiro. Na verdade, tinha um ferro longo e fino atravessado na cabeça, ao nível das têmporas, como se usasse um daqueles adereços que as pessoas põem na cabeça para darem a impressão de que têm uma flecha a atravessar-lhes o crânio. A expressão daquele seu atacante pareceu esvaziar-se e o homem caiu para trás, em cima dos pés dela, com os braços abertos como se tivesse sido crucificado.

O cara de fuinha estava tão concentrado em matá-la que nem deu por o seu colega ter tombado. Em seguida, por um segundo — ou talvez dois —, deteve-se, quando duas mãos poderosas se materializaram e lhe agarraram o queixo e a testa. Eva sentiu a pressão sobre o nariz e os lábios desaparecer quando o assassino levantou os braços e tentou desesperadamente libertar-se das mãos que lhe agarravam o crânio. O novo acontecimento, completamente imprevisível, apenas aumentou a confusão gerada pelo choque do pesadelo na mente de Eva.

Antes de mergulhar na escuridão, Eva ainda ouviu um estalo, como se alguém tivesse trincado um cubo de gelo, e teve um fugaz vislumbre dos olhos arregalados do assassino, quase fora das órbitas, fitando o vazio, já sem vida numa cabeça que tinha sido rodada num ângulo de trezentos e sessenta graus.

### 3

EVA RECUPEROU OS SENTIDOS COM O SOL A AQUECER-LHE A FACE E AO SOM das ondas a bater aquela praia africana. Quando abriu os olhos, pestanejando, a imagem foi a mais bonita que alguma vez vira.

Gemeu e virou-se, semicerrando os olhos para melhor admirar a deslumbrante praia, aquela maravilhosa e tranquila paisagem banhada pelo sol. Sentou-se de repente, com os olhos arregalados pelo medo, aterrorizada pela dolorosa recordação do ataque de que fora vítima. Porém, os seus assassinos tinham desaparecido... Alguma vez teriam realmente existido? Começou a pensar se não teria sofrido uma alucinação.

— Bem-vinda ao mundo dos vivos! — cumprimentou a voz de um homem. — Durante algum tempo, cheguei a pensar que a senhora tinha entrado em coma.

Eva ergueu o olhar para a face sorridente do caçador submarino, ajoelhado atrás de si.

— Onde estão os homens que tentaram matar-me? — perguntou, num tom assustado.

— Foram levados pela maré — respondeu o estranho, com uma jovialidade estupefacente.

— Pela maré...?

— Sempre me ensinaram a nunca deixar lixo numa praia, portanto arras-

tei os corpos deles para lá da rebentação. Na última vez que os vi, seguiam na direção da Grécia.

— O senhor matou-os! — exclamou Eva, com um arrepio a percorrer-lhe todo o corpo.

— Não eram gente recomendável...

— O senhor matou-os... — repetiu ela, atordoada.

Estava pálida e parecia que se preparava para vomitar.

— É um assassino tão frio como eles!

Ele percebeu que ela ainda estava em estado de choque e não se encontrava em condições de pensar com sensatez. O seu olhar transbordava de repulsa. Ele encolheu os ombros e limitou-se a perguntar-lhe se ela teria preferido que não tivesse intervindo.

O medo e a repulsa começaram a desaparecer-lhe lentamente do olhar, substituídos pela apreensão. Eva demorou um minuto a compreender que aquele estranho a tinha salvado de uma morte violenta.

— Não... Por favor, desculpe-me. Reagi de uma forma estúpida. Devo-lhe a vida e nem sequer sei o seu nome...

— Chamo-me Dirk Pitt.

— Eu sou a Eva Rojas — respondeu, sentindo-se estranhamente perturbada quando ele lhe sorriu calorosamente e lhe pegou gentilmente na mão.

Mas notou apenas preocupação na voz dele e os seus receios desvaneceram-se.

— É americano...

— Sim, trabalho para a NUMA, a Agência Nacional Subaquática e Marítima<sup>5</sup>. Estamos a fazer uma pesquisa arqueológica no Nilo.

— Pensei que já se tinha ido embora quando fui atacada.

— Foi por um triz! Os seus amigos despertaram a minha curiosidade... Achei estranho terem estacionado o carro a um quilómetro de distância e, depois, atravessarem uma praia deserta direitos a si. Por isso, fiquei por aqui para ver qual era a intenção deles.

— Que sorte a minha o senhor ser do tipo desconfiado!

— Faz alguma ideia do que os terá levado a tentar assassiná-la?

— Deviam ser daqueles bandidos que matam os turistas para os roubarem.

Dirk Pitt abanou a cabeça.

— O objetivo deles não era roubar, pois não traziam armas. O que tentou asfixiá-la usou as mãos, em vez de fita adesiva ou um pano. Também não tentaram violá-la. E não eram assassinos profissionais, porque, se o fossem, estaríamos ambos mortos. É muito estranho... Apostaria até um mês de ordenado em como eram assassinos contratados por alguém que a quer ver morta. Estes homens

---

<sup>5</sup> *National Underwater and Marine Agency*, no original. (N. do T.)

seguiram-na até um local isolado com a intenção de a matarem e, em seguida, lhe meterem água salgada pelo nariz e pela garganta. Depois, o seu corpo seria abandonado para lá da rebentação, onde já não tivesse pé, para dar a impressão de que se tinha afogado... o que explica o facto de a terem tentado asfixiar.

— Tenho dificuldade em acreditar nisso — disse Eva, hesitante. — Não vejo qual seria o objetivo, e não faz sentido nenhum. Afinal, sou uma simples bioquímica, especializada no estudo dos efeitos das matérias tóxicas nos seres humanos. E não tenho inimigos! Por que diabos é que alguém haveria de querer matar-me?

— Acabei de a conhecer, por isso não faço a menor ideia.

— É tudo uma loucura tão incompreensível! — exclamou ela, massajando os lábios pisados.

— Há quanto tempo está no Egito?

— Há poucos dias...

— A senhora deve ter feito alguma coisa que deixou alguém bastante irritado.

— Se o fiz, não foi certamente às gentes do Norte de África... — respondeu, denotando alguma hesitação. — Na verdade, estou aqui para os ajudar.

Pitt fitou a areia, com um ar pensativo.

— Portanto, não está aqui de férias...

— Foi o meu trabalho que me trouxe aqui — respondeu-lhe Eva. — Chegaram rumores à Organização Mundial de Saúde da existência de anomalias físicas e distúrbios psicológicos estranhos entre os povos nómadas do Sudoeste do Sahara, e eu faço parte da equipa internacional de cientistas encarregue de investigar a situação.

— Não se pode dizer que seja motivo para um assassinato.

— O que torna tudo isto ainda mais estranho. Eu e os meus colegas estamos aqui para salvar vidas, pelo que não constituímos qualquer ameaça.

— Acha que essa praga no deserto se deve a toxinas?

— Ainda não dispomos de dados suficientes que nos permitam retirar qualquer conclusão em relação a isso. À primeira vista, a causa parece ser alguma doença contagiosa, mas a fonte do problema ainda é um mistério para nós. Além disso, não existem quaisquer fábricas de produtos químicos ou aterros de resíduos perigosos num raio de centenas de quilómetros em redor das zonas onde os sintomas foram detetados.

— Qual o alcance do problema?

— Foram identificados mais de oito mil casos no Mali e no Níger ao longo dos últimos dez dias.

— É um número inacreditável para um período tão curto! — constatou Pitt, arqueando as sobrancelhas. — Como é que sabem que a causa do problema não é uma bactéria ou um vírus?



— Como lhe disse, a fonte é um mistério.

— É estranho que os meios de comunicação social ainda não tenham feito nenhuma referência ao caso...

— A Organização Mundial de Saúde faz questão de manter o assunto em segredo até descobrirmos uma causa. Penso que pretendem evitar o sensacionalismo e o pânico.

Pitt tinha estado a varrer a praia com o olhar de vez em quando, e detetara movimento do outro lado das pequenas dunas à borda da estrada.

— O que pretendem fazer?

— A minha equipa parte amanhã para o Sahara para iniciar o trabalho de campo.

— Espero que esteja consciente de que o Mali está à beira do que poderá vir a ser uma guerra civil sangrenta...

Eva encolheu os ombros, despreocupada.

— O governo aceitou manter um dispositivo permanente de alta segurança em torno dos nossos investigadores — respondeu, fazendo uma longa pausa para olhar para o seu interlocutor. — Porque é que me está a fazer todas estas perguntas? Parece um agente secreto...

Pitt riu-se.

— Sou apenas um engenheiro naval metediço que embirra com pessoas que andam por aí a matar mulheres bonitas.

— Não terá sido um caso de erro de identificação? — aventou Eva, esperançada.

O olhar de Pitt percorreu o corpo dela, detendo-se nos olhos.

— Algo me diz que isso é impossível...

Pitt ficou subitamente em estado de alerta e levantou-se, olhando na direção das dunas. Os seus músculos ficaram tensos. Baixou-se, pegou no pulso de Eva e fê-la levantar-se.

— Está na hora de nos irmos embora — disse, arrastando-a pela praia a correr.

— O que está a fazer? — exigiu saber Eva, aos tropeções atrás dele.

Pitt não lhe respondeu. O movimento atrás das dunas transformou-se, entretanto, numa fina espiral de fumo que ia engrossando à medida que se elevava no ar do deserto. Pitt percebeu imediatamente que outro assassino, ou talvez mais, tinha ateadado fogo ao carro de aluguer de Eva, numa tentativa de lhes impedir a fuga até chegarem reforços.

Já conseguia ver as chamas. Se, ao menos, tivesse pegado na espingarda de caça submarina... Não, não valia a pena iludir-se. Não era algo que pudesse fazer frente a uma arma de fogo. A sua única e ténue esperança era que o cúmplice dos assassinos também estivesse desarmado e não tivesse visto o seu jipe.

Acertou na primeira hipótese, mas não na segunda. Quando transpunham



a última duna, viu um homem de pele escura segurando, numa das mãos, uma tocha acesa, feita de papel de jornal. O bandido estava concentrado em estilhaçar o para-brisas a pontapé para, em seguida, incendiar o interior do jipe da NUMA. No entanto, ele não estava vestido como os outros. Envergava um turbante branco intrincado, enrolado de tal forma em torno da cabeça e da cara que só se lhe viam os olhos. O resto do corpo apresentava-se envolto numa túnica larga, ao estilo de um cafetã, que se agitava em torno dos tornozelos, por cima da tira que prendia as sandálias aos calcanhares. Não viu o homem que corria na sua direção, arrastando uma mulher consigo.

Pitt parou de repente e sussurrou aos ouvidos de Eva:

— Se eu me lixar, corra para a estrada como se o Diabo fosse atrás de si e detenha o primeiro carro que passar.

— Quietos! — gritou para o assassino.

Surpreendido, o homem virou-se com uns olhos arregalados mas ameaçadores. Em simultâneo com o grito, Pitt baixou a cabeça e carregou sobre o outro. O homem ainda brandiu o jornal a arder, mas a cabeça de Pitt já lhe tinha atingido o peito, partindo-lhe o externo, com os correspondentes estalidos de costelas a quebrarem-se. Ao mesmo tempo, desferiu-lhe um murro em gancho entre as pernas.

Os olhos ameaçadores do outro homem esbugalharam-se, numa expressão de surpresa. Ato contínuo, um arquejo de puro sofrimento escapou-se-lhe da boca escancarada quando os seus pulmões se esvaziaram. A espantosa arremetida de Pitt atirou o bandido para trás, levantando-o no ar.

A tocha acesa voou por cima das costas do engenheiro da NUMA e aterrou na areia. Num segundo, a expressão do bandido passou de espanto a dor e, por fim, a terror. Tinha a cara roxa quando foi atirado e caiu. Pitt colocou imediatamente um joelho sobre ele e revistou-lhe os bolsos. Nada! Não tinha qualquer arma nem identificação... nem sequer alguns trocos ou um pente.

— Quem é que te encomendou o serviço, palhaço? — gritou-lhe Pitt, agarrando-o pelo pescoço e sacudindo-o como um Doberman com um rato na boca.

A reação não foi a que Pitt esperava. Apesar do sofrimento e da agonia, o homem lançou-lhe um olhar sinistro — um olhar, pensou Pitt, curiosamente semelhante ao de quem ria por último. Depois, fez um esgar em que revelou uma dentadura branca à qual faltava um dente. O queixo descaiu ligeiramente, depois pareceu fixar-se. Pitt apercebeu-se demasiado tarde de que o seu inimigo tinha trincado uma cápsula de cianeto com invólucro de borracha que levava escondida na boca como um dente falso.

Começou a sair-lhe espuma por entre os lábios. A cápsula continha bastante veneno e a morte chegou depressa. Pitt e Eva limitaram-se a ver, impotentes, a vida esvair-se do corpo do homem. Os olhos permaneceram abertos, com o olhar vazio, vidrado pela morte.

— Ele está...? — Eva fez uma pausa e voltou a tentar. — Ele está morto?  
— Penso que podemos dizer que expirou, sim — confirmou Pitt, sem o menor vestígio de remorsos.

Eva agarrou-se ao braço de Pitt. Tinha as mãos frias, apesar do calor africano, e tremia, abalada com a situação. Tinha um olhar perturbado, pois nunca antes tinha visto alguém morrer. Começou a sentir-se enjoada, mas conseguiu, de alguma forma, controlar o estômago.

— Mas porque é que ele se matou...? — murmurou. — Qual foi o objetivo disto?

— Matou-se para proteger outras pessoas, relacionadas com a tentativa gozada do seu assassinato — respondeu-lhe Pitt.

— Este homem foi capaz de acabar com a própria vida só para não falar? — perguntou ela, incrédula.

— Era um fanático leal ao seu chefe — comentou Pitt, sereno. — Tenho a impressão de que, se ele não tivesse trincado a cápsula de cianeto, alguém se encarregaria de o ajudar a morrer...

— Isso é uma loucura — disse Eva, abanando a cabeça. — O senhor está a falar de uma conspiração!

— Aceite os factos, minha cara: alguém se deu a uma trabalhadeira dos diabos para acabar consigo — disse Pitt, olhando para ela.

Eva parecia uma menina perdida num hipermercado.

— Tem um inimigo que não a quer ver em África e, se quer continuar viva, sugiro que se meta no primeiro avião em que conseguir lugar para os Estados Unidos!

Ela pareceu atordoada.

— Não. Não enquanto houver pessoas a morrerem daquela doença.

— Você é difícil de convencer — retorquiu ele.

— Ponha-se no meu lugar...

— Até faço melhor, ponho-me no lugar dos seus colegas. É possível que também estejam numa lista de alvos a abater. É melhor voltarmos para o Cairo para os avisarmos. Se isto estiver relacionado com a vossa investigação, também eles correm perigo de vida.

— E o que pretende fazer com ele? — quis saber Eva, baixando o olhar para o cadáver.

— Arrastá-lo para o Mediterrâneo, para que vá fazer companhia aos seus comparsas — respondeu ele, encolhendo os ombros.

Nesse momento, um sorriso malvado desenhou-se-lhe no rosto enrugado.

— Adoraria ver a cara do cabecilha deles quando souber que os seus assassinos desapareceram sem deixar rasto e que você continua a andar por aí, como se nada tivesse acontecido!

## 4

OS FUNCIONÁRIOS DOS ESCRITÓRIOS DA BACKWORLD EXPEDITIONS NO CAIRO aperceberam-se de que algo de anormal se passava quando se deram conta de que o grupo do safari no deserto não tinha chegado à mítica cidade de Tombuctu no dia previsto. Volvidas vinte e quatro horas, os pilotos da aeronave que tinha sido fretada para levar os turistas de volta a Marraquexe, em Marrocos, efetuaram uma busca aérea a norte, mas não avistaram quaisquer vestígios dos veículos.

Três dias depois do dia em que o major Fairweather devia ter comunicado a chegada do grupo àquela cidade maliana, os receios intensificaram-se. As autoridades governamentais do Mali foram alertadas e cooperaram em tudo o que puderam, ordenando a patrulhas aéreas e motorizadas que percorressem a rota no deserto que os organizadores do safari tinham planeado.

Quando as forças do Mali relataram que não tinham avistado nenhum vestígio dos participantes no safari nem dos *Land Rover* durante as suas buscas exaustivas de quatro dias, o pânico começou a instalar-se nos escritórios da empresa. Um helicóptero das Forças Armadas sobrevoou Asselar e relatou ter avistado apenas uma vila fantasma abandonada.

No sétimo dia, uma equipa francesa de prospeção de petróleo que percorria a Estrada Transaariana em direção ao Sul avistou o major Ian Fairweather. O céu por cima daquela planície pedregosa apresentava-se limpo e sem tráfego aéreo. O sol queimava, aquecendo tanto a areia que as ondas de calor se erguiam no ar, dançando. Os geólogos franceses ficaram atónitos quando uma espécie de aparição distorcida se materializou de repente no reflexo disforme do calor. A imagem parecia flutuar, para depois se expandir e retrair, assumindo formas grotescas naquela atmosfera ardente e caprichosa.

À medida que a distância se ia encurtando, começaram a distinguir uma figura humana que esbracejava desesperadamente enquanto cambaleava diretamente na sua direção. Depois, o vulto estacou, rodopiou como um tornado minúsculo e, como que em câmara lenta, caiu de cara na areia. A surpresa quase fez com que o motorista do camião *Renault* travasse tarde de mais e obrigou-o a fazer um pião em torno do homem caído, detendo a viatura no meio de uma nuvem de pó.

Fairweather estava mais morto do que vivo. Encontrava-se profundamente desidratado e o suor tinha-se cristalizado numa fina camada de cristais de sal

brancos, incrustados na sua pele. Recobrou os sentidos pouco depois, quando os prospektadores de petróleo franceses lhe despejaram, lentamente, um fio de água sobre a língua inchada. Quatro horas depois, com os fluidos corporais repostos após ter bebido quase oito litros de água e com a voz ainda áspera, Fairweather contou-lhes a história da sua fuga ao massacre de Asselar.

Para o único elemento da equipa de prospeção francesa que falava inglês, a história de Fairweather assemelhava-se aos delírios de um bêbado, mas também lhe pareceu ter sido contada com uma convicção aflita. Após uma breve troca de impressões, os homens colocaram Fairweather cuidadosamente na parte de trás do camião e tomaram o caminho da cidade de Gao, nas margens do Níger. Chegaram pouco antes do cair da noite e dirigiram-se imediatamente ao hospital.

Depois de terem tido a gentileza de se assegurarem de que Fairweather fora devidamente acomodado e estava a ser acompanhado por um médico e por uma enfermeira, acharam por bem informar o comandante das forças de segurança locais do Mali. Foi-lhes, então, pedido que elaborassem um relatório detalhado enquanto o coronel que comandava a polícia de Gao comunicava com Bamako, a capital, para informar os seus superiores do sucedido.

Para sua grande surpresa e indignação, foram detidos e encarcerados. Na manhã seguinte, chegou uma equipa de investigação da polícia, vinda da capital, que os interrogou individualmente sobre as circunstâncias em que tinham encontrado Fairweather. As exigências dos franceses no sentido de contactarem o consulado do seu país foram totalmente ignoradas. Quando os geólogos se recusaram a cooperar, o interrogatório tornou-se agressivo.

Aqueles franceses não eram os primeiros homens a entrar nas instalações da polícia da cidade para nunca mais serem vistos.

Perante a falta de contacto por parte da sua equipa de prospeção de petróleo, os supervisores da sede da empresa, em Marselha, começaram a preocupar-se e pediram que fosse efetuada uma busca. As forças de segurança do Mali fingiram, com grande alarido, proceder a uma nova busca no deserto, mas informaram ter encontrado abandonado apenas o camião *Renault* da petrolífera.

Depois, limitaram-se a acrescentar os nomes dos geólogos franceses e dos turistas da Backworld Expeditions à lista de estrangeiros desaparecidos e presumivelmente mortos na vastidão do deserto.

O Dr. Haroun Madani encontrava-se na escadaria do hospital de Gao, sob o pórtico de tijolo com os seus desenhos incompreensíveis em torno do topo das paredes. Fitava, nervoso, o fundo da rua empoeirada que passava entre os velhos e decadentes edifícios coloniais e as casas rasteiras de adobe. Uma brisa

vinda de norte cobria com uma fina camada de areia a cidade que, outrora, fora a capital de três grandiosos impérios mas que agora era uma relíquia decadente da época colonial francesa.

A chamada para as orações da tarde repercutia-se pela cidade, emitida do alto dos minaretes, que se elevavam acima da mesquita. Os fiéis já não eram chamados à oração por religiosos muçulmanos — ou almuadens — que subiam as estreitas escadas no interior dos minaretes para entoarem os cânticos do alto destas torres. Agora, o almuadem permanecia lá em baixo e propunha as orações a Alá e ao profeta Maomé por intermédio de microfones e altifalantes.

A pouca distância da mesquita, o rio Níger refletia uma imagem da Lua em quarto crescente. Largo, belo e com uma corrente suave, o Níger é agora uma mera sombra do que já foi. Outrora poderoso e fundo, décadas de drenagens reduziram-no a um curso de águas de pouca profundidade navegado por pequenas embarcações à vela a que se dá o nome de escaleres. Antigamente, a borda das suas águas chegava à base da mesquita; agora permanecem, indolentes, a quase dois quarteirões de distância.

O povo do Mali é uma mistura de descendentes de franceses e berberes, de pele mais clara, de árabes e mouros do deserto, de pele mais escura, e de africanos negros. O Dr. Madani era negro como carvão. A sua fisionomia era do tipo negroide, com olhos negros profundos e um nariz largo e achatado. Era um homem bastante corpulento, na casa dos quarenta, algo avantajado na cintura e com uma cabeça larga e um queixo quadrado.

Os seus ancestrais tinham sido escravos de etnia mandinga trazidos pelos marroquinos, que invadiram o país em 1591. Os seus pais tinham cultivado as terras férteis e luxuriantes a sul do Níger, quando ele ainda era criança. Fora criado por um major da Legião Estrangeira Francesa, estudara e cursara Medicina em Paris. Nunca lhe explicaram porquê ou como é que isto veio a acontecer.

Adotou uma postura rígida assim que avistou as luzes amarelas dos faróis dianteiros de um automóvel clássico único. O carro desceu vagarosamente a rua desnivelada, com a sua carroçaria de cor magenta rosada destoando estranhamente das sombrias e austeras estruturas de adobe que o rodeavam. Uma aura de dignidade elegante envolvia aquele sedã *Avions Voisin* de 1936. O *design* da carroçaria era uma invulgar combinação de aerodinâmica anterior à Segunda Guerra Mundial, cubismo e arquitetura de Frank Lloyd Wright. Estava equipado com um silencioso e bastante resistente motor de seis cilindros, com válvulas de manga. A viatura — um verdadeiro monumento ao respeito intransigente pelos padrões da boa engenharia — pertencera, outrora, ao governador-geral, quando o Mali era uma província da África Ocidental Francesa.

Madani conhecia aquele carro. Aliás, quase todos os cidadãos do Mali conheciam a viatura e o dono, e tremiam de medo quando a viam passar. O médico reparou que atrás do carro vinha uma ambulância militar e receou que houvesse algum problema. Aproximou-se do automóvel e abriu a porta de trás assim que o motorista parou, sem o menor ruído.

Do assento traseiro saiu um militar de alta patente, desentorpecendo um corpo magro vestido com um uniforme feito à medida, cujos vincos eram autênticas lâminas. Ao contrário de outros líderes africanos, que exibiam os peitorais cobertos de condecorações, o general Zateb Kazim exibia apenas uma faixa verde e dourada sobre o peito do casaco da sua farda do exército. Enrolada em torno da cabeça, trazia uma versão mais curta do *litham*, o turbante cor de anil dos tuaregues. A sua face revelava o tom castanho-escuro e os traços pronunciados dos mouros, e os olhos eram pequenos pontos amarelados, rodeados por oceanos de brancura. Quase se poderia considerar um homem atraente se não fosse o nariz, que, em vez de ser direito e regular, formava uma curvatura na ponta, sobre um bigode ralo que se estendia quase até às bochechas.

O general Zateb Kazim parecia o vilão simpático dos velhos desenhos animados da Warner Brothers. Não havia outra forma de o descrever.

Transpirava presunção quando varreu, com os dedos, um grão de pó imaginário do uniforme. Reconheceu a presença do Dr. Madani com um ligeiro fletir da cabeça.

— O homem já está preparado para ser transportado? — perguntou, num tom comedido.

— O Sr. Fairweather está completamente recuperado e fortemente sedado, tal como o senhor ordenou — respondeu Madani.

— Viu ou falou com alguém desde que foi trazido pelos franceses?

— Eu e uma enfermeira de uma tribo de Tukulor, que fala apenas um dialeto da língua fula, fomos as únicas pessoas a tratar do Sr. Fairweather. O paciente não teve contacto com mais ninguém. Também o coloquei num quarto sozinho, afastado das enfermarias comuns, de acordo com as suas instruções. Acrescento, ainda, que todos os registos do internamento do paciente foram destruídos.

Kazim pareceu satisfeito.

— Obrigado, doutor. Ainda bem que posso contar com a sua colaboração.

— Posso perguntar-lhe para onde o vão levar?

— Para Tebezza — respondeu o general, exibindo um sorriso sinistro.

— Tudo menos isso! — apressou-se a murmurar Madani. — As minas de ouro da colónia penal de Tebezza não! Só os traidores políticos e os assassinos são condenados a morrer ali. Este homem é um cidadão estrangeiro! O que fez ele para merecer uma morte lenta nas minas?

— Isso pouco importa!

— Que crime é que ele cometeu?!

Kazim olhou para Madani de alto a baixo, como se o médico não passasse de um simples inseto irritante.

— Não faça essa pergunta — respondeu o general, com frieza.

Nesse momento, um pensamento terrível assolou o espírito de Madani.

— E os franceses que encontraram Fairweather e o trouxeram para cá?

— Terão o mesmo destino.

— Nenhum deles sobreviverá mais do que algumas semanas nas minas!

— Sempre é melhor do que limitarmo-nos a executá-los... — comentou Kazim, encolhendo os ombros. — Eles que passem o pouco tempo que lhes resta das suas vidas miseráveis a fazer alguma coisa de útil! Uma boa reserva de ouro é uma coisa boa para a nossa economia.

— O senhor é uma pessoa bastante sensata, senhor general — disse Madani, com as suas palavras servis deixando-lhe um sabor amargo na boca.

O papel de juiz, jurado e carrasco, que Kazim exercia com um prazer sádico, era um facto do quotidiano no Mali.

— Ainda bem que o reconhece, doutor! — exclamou, olhando para Madani como se este estivesse sentado num banco de réus. — No melhor interesse da segurança do nosso país, sugiro-lhe que esqueça o Sr. Fairweather e apague totalmente da sua memória o internamento dele neste hospital.

— Como queira — disse Madani, assentindo com a cabeça.

— Que nenhum mal recaia sobre a sua família e os seus bens.

O médico compreendeu na perfeição o que Kazim quis realmente dizer. O cumprimento ritual dos nómadas atingiu o seu objetivo. Madani tinha uma família numerosa, que viveria em paz enquanto ele se mantivesse calado. A alternativa era algo em que nem queria pensar.

Minutos depois, Fairweather saía do hospital inconsciente, transportado numa maca por dois seguranças de Kazim, tendo sido imediatamente colocado dentro de uma ambulância. O general despediu-se de Madani com uma saudação casual e entrou no *Avions Voisin*.

Enquanto os dois veículos se afastavam, mergulhando na noite, um medo gélido percorreu as veias do Dr. Madani, que deu por si a perguntar-se em que tragédia terrível estaria a participar contra a sua vontade. Em seguida, rezou para que nunca viesse a saber.



## 5

O DR. FRANK HOPPER OUVIA ATENTAMENTE, SENTADO NUM SOFÁ DE CABEDAL de uma das suites com murais do Nile Hilton. Sentado numa cadeira próxima, a condizer com o sofá, do outro lado de uma mesa de centro, Ismail Yerli fumava, pensativo, um cachimbo com boquilha de sepiolite e um forninho esculpido à semelhança da cabeça de um sultão com o seu turbante.

Mesmo com os ruídos universais do intenso tráfego do Cairo penetrando pelas frestas das portas fechadas que davam acesso à varanda, Eva continuava a não conseguir conceber o pesadelo do seu encontro com a morte na praia. O seu subconsciente ia já turvando aquela memória. A voz do Dr. Hopper arrancou-a às cogitações, chamando-a de volta à realidade presente da sala de conferências.

— Tem mesmo a certeza de que aqueles homens tentaram, de facto, matá-la?

— Absoluta! — respondeu Eva.

— Disse que eles pareciam africanos negros... — quis clarificar Ismail Yerli.

— Eu não disse que eles eram negros — corrigiu ela, abanando a cabeça —, apenas que tinham a pele escura. Os seus traços fisionómicos eram mais pronunciados, mais definidos, como se resultassem de uma mestiçagem entre árabes e nativos da parte oriental do subcontinente indiano. O que lançou fogo ao carro que aluguei usava uma túnica larga e um turbante grosso, intrincadamente enrolado em torno da cabeça. Tudo o que consegui ver das suas feições foram os olhos negros e o nariz aquilino.

— Quanto ao turbante... Era de algodão e dava várias voltas à cabeça e ao queixo? — indagou Yerli.

— O tecido parecia ser muito comprido — confirmou Eva, assentindo com a cabeça.

— De que cor era?

— Era de um azul muito escuro, quase negro.

— Anil?

— Sim — respondeu Eva —, anil parece-me ser o nome mais indicado para aquela cor.

Ismail Yerli manteve-se sentado em silêncio, assumindo uma postura pensativa por alguns instantes. Era o coordenador e perito em logística da equipa da Organização Mundial de Saúde. Magro e musculado, extremamente eficiente e com uma obsessão quase patológica pelos detalhes, era um profissional inteligente e dotado de um grande bom senso político. Vivia



na cidade portuária mediterrânica de Antália, na Turquia, mas afirmava-se de ascendência curda, tendo nascido e sido criado no interior da região da Capadócia, na Ásia Menor. Sendo um muçulmano moderado, não entrava numa mesquita desde havia vários anos. Tal como a maioria dos Turcos, tinha um cabelo negro farto e áspero, com sobrancelhas grossas que se tocavam no topo da cana do nariz e um bigode enorme e farfalhudo. Revelava um bom humor constante e na sua boca estava permanentemente desenhado um sorriso que escondia um temperamento extremamente circunspecto.

— Tuaregues... — acabou por dizer.

Falou tão baixo que Hopper teve de se inclinar na sua direção.

— Quem?

Yerli levantou o olhar para o outro lado da mesa de centro, fixando-o no líder canadiano da equipa médica. Hopper era um homem do tipo calado, pelo que falava pouco mas ouvia tudo atentamente. Era totalmente o seu oposto, pensou o turco. Hopper era um homem grande, bem-humorado, de faces rosadas e tinha uma barba cerrada. As únicas coisas que lhe faltavam para se assemelhar ainda mais ao famoso viquingue Eric, *o Vermelho*, eram um machado de guerra e um capacete cónico na cabeça, enfeitado com chifres curvos. Era um homem expedito, rigoroso e desconfiado, e a comunidade internacional de imunologistas considerava-o um dos dois melhores toxicólogos do mundo.

— Tuaregues — repetiu Yerli.

Haviam sido, outrora, os temíveis guerreiros do deserto, chegando a derrotar exércitos franceses e mouros. E talvez tivessem sido também os mais conhecidos dos bandidos românticos. Já não combatiam. Atualmente, sobreviviam criando cabras e mendigando nas cidades da orla do Sahara. Ao contrário dos árabes muçulmanos, os homens usavam um turbante que lhes cobria também a cara. Quando desenrolado, este pano media mais de um metro de comprimento.

— Mas o que levaria uma tribo de nómadas do deserto a querer matar a Eva? — indagou Hopper, sem dirigir a pergunta a ninguém em particular. — Não consigo compreender qual poderia ser o motivo...

Yerli abanou levemente a cabeça.

— Dir-se-ia que pelo menos um deles quer vê-la morta, *bem como* às restantes equipas de saúde que estão a investigar os surtos de intoxicações por envenenamento na região sudoeste do deserto... e esta é uma hipótese que temos de considerar seriamente!

— Nesta etapa das investigações ainda nem sequer sabemos se se trata de um contágio — disse Hopper. — A doença misteriosa pode ser de origem viral ou bacteriana.

— Foi isso que o Pitt sugeriu — reforçou Eva.

— Quem? — perguntou Hopper, pela segunda vez.

— Dirk Pitt, o homem que me salvou a vida. Disse que alguém não me

quer ver em África. E também pensa que vocês e os outros colegas podem fazer igualmente parte de uma lista de gente a abater.

— Incrível! O homem pensa que estamos a lidar com a máfia siciliana! — exclamou Yerli, erguendo as mãos.

— Foi uma grande sorte ele estar por perto — disse Hopper.

Yerli exalou uma nuvem azulada, puxada do seu cachimbo, e observou o fumo com um ar pensativo.

— Eu diria antes que foi oportuno, tendo em conta que, para além da Eva e dos assassinos, era a única pessoa presente em vários quilómetros de costa, e que teve a coragem de fazer frente a três assassinos. É quase um milagre, ou então... — Calou-se, fazendo uma pausa longa. — ...uma presença que já estava prevista.

— Se está convencido de que se tratou de uma situação planeada, esqueça isso — disse Eva, com um ar cético.

— Talvez ele tenha encenado tudo para a assustar e a fazer voltar para os Estados Unidos.

— Eu vi-o matar três homens mesmo à minha frente... Acredite que aquilo não me pareceu nada uma situação planeada!

— Ele voltou a contactá-la desde que a deixou no hotel? — perguntou Hopper.

— Deixou-me apenas uma mensagem na receção em que me convida para jantar com ele esta noite.

— E ainda está convencida de que ele é apenas um bom samaritano que por acaso passou por ali... — insistiu Yerli.

Eva ignorou-o e dirigiu-se a Hopper.

— O Pitt disse-me que está no Egito para efetuar uma pesquisa arqueológica no Nilo para a Agência Nacional Subaquática e Marítima. Não tenho grandes motivos para duvidar dele.

— Não deve ser muito difícil confirmar a veracidade disto — disse Hopper, dirigindo-se a Yerli, que assentiu com a cabeça.

— Vou telefonar a um amigo meu que é biólogo marinho na NUMA.

— Mas a questão continua a ser o motivo... — murmurou Hopper, quase absorto.

— Se a tentativa de assassinato da Eva resultou de uma conspiração, pode muito bem fazer parte de um conluio para nos meter medo e nos levar a cancelar a missão — propôs Yerli, encolhendo os ombros.

— Sim, mas temos cinco equipas diferentes de seis elementos cada a caminho da região sul do deserto. Ficarão dispersas por cinco países, do Sudão à Mauritânia, e ninguém os forçou a aceitar a nossa presença... Foram até os próprios governos que pediram ajuda às Nações Unidas no sentido de investigar a estranha doença que assola os seus territórios! Somos convidados e não inimigos, muito pelo contrário!

— Frank — disse Yerli, fitando Hopper —, está a esquecer-se de que houve um governo que não queria ver-nos no seu país.

— Tem razão... — concordou Hopper, taciturno. — Estava a esquecer-me do presidente Tahir, do Mali. Mostrou-se muito relutante em permitir-nos a entrada no seu país.

— O problema é sobretudo o general Kazim — retificou o turco. — O Tahir é um Chefe de Estado marioneta. O verdadeiro homem forte do governo do Mali é Zateb Kazim.

— E o que é que ele pode ter contra biólogos inofensivos que tentam salvar vidas? — indagou Eva.

— Talvez nunca venhamos a saber — respondeu Yerli, erguendo as mãos num gesto de resignação.

— Parece existir uma certa coincidência temporal no facto de algumas pessoas, sobretudo europeias, terem vindo a desaparecer com uma certa regularidade no vasto território deserto do Norte do Mali ao longo do último ano — constatou Hopper, pensativo.

— Como os turistas do safari a que a comunicação social tem dado relevo ultimamente — disse Eva.

— O paradeiro deles e o que lhes aconteceu ainda é um mistério — acrescentou Yerli discretamente.

— Não acredito que haja alguma ligação entre essa tragédia e a tentativa de assassinato da Eva — comentou Hopper.

— Mas se partirmos do princípio de que o general Kazim é o culpado no caso da Eva, podemos presumir que os seus espões descobriram que ela faz parte da equipa de estudos biológicos destinada ao Mali. Uma vez na posse desta informação, terá concebido o seu assassinato como um aviso para nos mantermos afastados do seu parque de camelos.

Eva riu-se.

— Ismail, com a sua imaginação, daria um excelente argumentista em Hollywood!

Yerli franziu o sobrolho.

— Penso que devíamos jogar pelo seguro e manter a equipa do Mali a salvo no Cairo até o caso ser investigado e completamente resolvido.

— Está a exagerar — retorquiu-lhe Hopper. — O que é que lhe parece, Eva? Cancelamos a missão ou mantemo-la?

— Por mim, arrisco — respondeu Eva —, mas não posso falar pelos restantes membros da equipa.

Hopper baixou o olhar para o chão, assentindo com a cabeça.

— Nesse caso, perguntar-lhes-emos quem é que se oferece para ir. Não vou cancelar a missão no Mali com centenas, talvez milhares, de pessoas a morrerem de algo que ninguém consegue explicar. Eu próprio liderarei a equipa.

— Não, Frank! — exclamou Eva. — E se acontecer o pior? O senhor é demasiado importante para o perdermos!

— É nossa obrigação apresentar o caso à polícia antes de vocês partirem numa missão tão arriscada — insistiu Yerli.

— Não brinque comigo, Ismail! — disse Hopper, exasperado. — Se formos à polícia deste país, o mais provável é empatarem-nos e atrasarem toda a missão! Talvez tivéssemos de aturar as formalidades durante um mês! Não me vou meter na camisa de sete varas da burocracia do Médio Oriente.

— Os meus contactos podem abreviar as formalidades — alegou Yerli.

— Não — respondeu Hopper, determinado. — Quero que todas as equipas sigam para os respetivos destinos a bordo do avião que alugámos, e que o façam na altura prevista.

— Nesse caso, partimos amanhã de manhã — recordou Eva.

Hopper assentiu com a cabeça.

— Sem problemas nem atrasos. Pomo-nos a caminho logo de manhã, o mais cedo possível.

— Está a colocar vidas em risco sem necessidade nenhuma... — murmurou Yerli.

— Não se eu preparar uma rede de segurança primeiro.

— Uma «rede de segurança»? — indagou Yerli, olhando, confuso, para Hopper.

— Refiro-me a uma conferência de imprensa. Convocarei todos os correspondentes e serviços noticiosos presentes no Cairo antes de partirmos e explicar-lhes-ei o nosso projeto, dando especial relevância ao Mali. É evidente que não me esquecerei de mencionar os perigos potenciais que a missão implica. Perante toda a publicidade internacional que rodeará a nossa presença no seu país, o general Kazim pensará duas vezes antes de atentar contra as vidas dos cientistas que lá estarão presentes no âmbito de uma missão de auxílio.

— Para vosso bem, espero que assim seja... — disse Yerli, soltando um suspiro profundo. — Espero que *realmente* assim seja!

Eva aproximou-se e sentou-se ao lado do turco.

— Vai correr tudo bem — insistiu, num tom tranquilizador. — Nada de mal nos acontecerá.

— Não há nada que eu possa dizer que vos convença a desistir? Têm mesmo de ir?

— Poderão morrer milhares de pessoas, se não formos — respondeu Hopper, firme.

Yerli olhou para eles com um ar triste, depois baixou a cabeça numa resignação silenciosa, a cara subitamente pálida.

— Nesse caso, que Alá vos proteja, porque se Ele não vos proteger, morrerão de certeza!

## 6

PITT ESPERAVA DE PÉ NA RECEÇÃO DO NILE HILTON QUANDO EVA SAIU DO elevador. Envergava um fato de popelina castanho-claro com casaco de uma só fila de botões e calças com pregas. A camisa tinha uma tonalidade azul muito ténue. Usava também uma gravata *Botticelli* de seda, larga, de um azul muito escuro, com cornucópias negras e douradas.

Manteve-se descontraído, com as mãos atrás das costas e a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, enquanto observava, com interesse, uma jovem e bela egípcia de cabelo negro que passava com um vestido justo, coberto de lan-tejoulas douradas. A jovem do vestido resplandecente atravessou rapidamente a área da receção, de braço dado com um homem que teria, certamente, o triplo da sua idade. Ia falando entusiasticamente enquanto caminhava pela alcatifa. O seu rabo generoso bamboleava como um melão pendurado num pêndulo.

Nada na expressão de Pitt sugeria desejo sexual; apenas observava a cena com uma espécie de curiosidade desprendida. Eva aproximou-se dele, por trás, e tocou-lhe no cotovelo.

— Ela agrada-lhe? — perguntou-lhe, sorrindo.

Pitt voltou-se e fitou-a com os olhos mais verdes que ela alguma vez vira.

— Ela *realmente* chama a atenção — respondeu ele, com um ligeiro sorriso malandro, que Eva achou devastador, desenhando-se-lhe nos cantos dos lábios.

— É o seu tipo?

— Não. Prefiro mulheres inteligentes e discretas.

O tom dele era profundo e algo doce, pensou ela.

Eva apercebeu-se de um discreto aroma a água-de-colónia masculina. Não era o odor forte dos perfumes feitos pelas empresas francesas para as marcas dos estilistas, mas um odor mais masculino.

— Espero poder considerar isso um elogio.

— Pode.

Ela corou e baixou o olhar inconscientemente.

— Tenho uma viagem de avião amanhã de manhã, cedo, por isso não devo deitar-me tarde.

*Que horror, pensou ela, pareço uma adolescente num encontro com um rapaz para um baile de finalistas!*

— Que pena... Estava a pensar passar a noite a mostrar-lhe todos os antros de pecado e perversidade que existem no Cairo; todos os lugares «exóticos» que não vêm nos postais!

— Está a falar a sério?

— Nem por isso — respondeu Pitt, rindo. — Na verdade, parece-me mais prudente jantarmos no hotel e mantermo-nos afastados das ruas. É possível que os seus «amigos» voltem à carga...

— A receção do hotel está apinhada de gente — comentou ela, varrendo com o olhar a multidão que enchia a área da receção. — Teremos muita sorte se conseguirmos arranjar alguma mesa!

— Eu reservei uma mesa — disse Pitt, pegando-lhe na mão e conduzindo-a ao elevador que os levaria ao restaurante de luxo, situado no último andar do hotel.

Eva gostava de um homem que se encarregasse de tudo, como a maioria das mulheres. Também lhe agradou o facto de ele se ter mantido de mão dada com ela, de uma forma suave mas decidida, enquanto subiam até ao restaurante.

O chefe de sala conduziu-os a uma mesa perto de uma janela com uma vista extraordinária sobre o Cairo e o Nilo. Um universo de luzes brilhava na bruma da noite. As pontes sobre o rio estavam repletas de automóveis buzinando, que se espalhavam depois pelas ruas, misturando-se com os vagões de distribuição puxados por cavalos e com as carruagens que transportavam turistas.

— Sugiro que bebamos vinho, a não ser que prefira um *cocktail* — disse Pitt.

— Por mim, tudo bem — concordou Eva, ostentando um sorriso de satisfação. — Porque não faz também o pedido dos pratos?

— Adoro uma alma aventureira! — exclamou ele, sorrindo. — Vamos experimentar uma garrafa de *Grenaclis Village* — disse, depois de analisar rapidamente a carta dos vinhos.

— Com certeza — respondeu o empregado de mesa. — É um dos nossos melhores vinhos brancos secos locais.

Em seguida, Pitt pediu, como aperitivos, um molho de sementes de sésamo moídas para molhar beringelas, um prato de *leban zabadi*, uma travessa de vegetais marinados em vinagrete e um cesto de pão de trigo árabe integral.

Depois de o vinho lhes ser servido, Pitt ergueu o copo para um brinde.

— Ao sucesso e à segurança da vossa expedição. Que encontrem todas as respostas que procuram!

— À sua pesquisa no rio! — respondeu ela, quando os copos tilintaram. Em seguida, a curiosidade transpareceu-lhe no olhar. — O que procura no Nilo?

— Navios naufragados antigos. Sobretudo um: uma barca funerária.

— Parece-me fascinante! Alguma personagem famosa?

— Um faraó do Antigo Egito chamado Menkura ou Mycerinus, se preferir o nome grego. Reinou durante a Quarta Dinastia e ordenou a construção da mais pequena das três pirâmides de Gizé.

— Não foi sepultado na sua pirâmide?

— Em 1830, um coronel do Exército Britânico descobriu uma múmia dentro de um sarcófago que se encontrava no interior da câmara funerária, mas a análise aos restos mortais provou que estes pertenciam aos períodos grego ou romano.

Entretanto, os aperitivos chegaram e ambos olharam para eles com uma antecipação gulosa. Mergulharam os pedaços de beringela fritos no molho de sementes de sésamo e deleitaram-se com os vegetais em vinagrete. Enquanto o empregado de mesa esperava, Pitt pediu o prato principal.

— O que o leva a pensar que os restos mortais de Menkura se encontram no rio? — quis saber Eva.

— As inscrições hieroglíficas gravadas numa pedra recentemente descoberta numa pedreira perto do Cairo revelaram-nos que a barca funerária deste faraó se incendiou e afundou no rio algures entre Mênfis, a antiga capital, e a pirâmide de Gizé por ele mandada erigir e na qual seria sepultado. A inscrição na pedra revelou-nos que o verdadeiro sarcófago, que continha a múmia e uma enorme quantidade de ouro, nunca foi recuperado.

O iogurte chegou, grosso e cremoso, e Eva fitou-o com um ar hesitante.

— Prove! — encorajou-a Pitt. — Vai ver que o *leban zabadi* não só fará com que deixe de gostar de iogurte americano como também lhe fará bem ao trato intestinal.

— O que quer dizer é que me provocará um desarranjo intestinal!

Com um ar requintado, molhou a ponta da língua na porção minúscula que tinha na colher. Impressionada, começou a comê-lo com prazer.

— O que acontecerá se encontrar a barca? Fica com o ouro para si?

— Muito dificilmente... — respondeu Pitt. — Assim que os nossos instrumentos de deteção identificam um alvo prometedo, registamos as coordenadas do local e transmitimo-las aos arqueólogos do Conselho Supremo de Antiguidades do Egito. Estes, depois de obterem os fundos necessários, procedem às escavações, neste caso à dragagem no rio, em busca dos objetos.

— Mas o navio não está simplesmente assente no leito do rio?

Pitt abanou a cabeça.

— Não. Os sedimentos acumulados ao longo de quarenta e cinco séculos já soterraram toda a embarcação.

— Têm alguma estimativa quanto à profundidade a que o barco se encontra soterrado?

— Não temos quaisquer dados precisos no que se refere a isso. Os registos históricos e geológicos do Egito indicam que o principal canal que atravessa a secção do rio em que estamos a efetuar a pesquisa se deslocou cerca de cem metros para leste desde o ano 2400 a.C. Se a barca se encontrar em terra firme nas proximidades de um banco, poderá estar soterrada sob uma camada de areia e lodo com três a dez metros de espessura.



— Ainda bem que segui a sua sugestão, este iogurte é uma delícia!

O empregado de mesa aproximou-se, transportando habilmente uma grande travessa de prata e pratos ovais. Serviu-lhes uma espetada de borrego bastante condimentada e lagosta grelhada em carvão, acompanhadas de uma espécie de salada de espinafres cozida e de um arroz refogado, bem temperado, com pedaços de carne de vaca, passas e nozes. Depois de se aconselhar com o empregado de mesa — tão atencioso que acabou por se tornar francamente paternalista —, Pitt pediu alguns molhos picantes para acompanharem as entradas.

— Então e que tipo de doenças estranhas é que vocês vão investigar no deserto? — perguntou ele, enquanto as delícias fumegantes eram empratadas.

— Os relatórios enviados pelo Mali e pela Nigéria são demasiado vagos para fazermos diagnósticos precoces. Existem rumores de sintomas habituais em casos de envenenamentos causados por contacto com agentes tóxicos: anomalias em recém-nascidos, convulsões ou crises, estados comatosos e morte. E também existem relatos de perturbações psicológicas e comportamentos estranhos. Este borrego está uma delícia!

— Experimente também os molhos. O de bagas fermentadas complementa o sabor do borrego na perfeição.

— De que é feito o verde?

— Não sei bem... Tem um sabor picante e adocicado. Molhe a lagosta nele.

— Delicioso! — exclamou Eva. — Está tudo maravilhoso, exceto as verduras parecidas com espinafres. Têm um sabor terrivelmente forte!

— Chamam-lhes *moulukeyeh*. É um gosto que se adquire... Mas voltamos ao envenenamento e às toxinas, a que tipo de comportamento estranho se refere?

— As pessoas arrancam os cabelos, dão com a cabeça nas paredes, metem as mãos no fogo e põem-se a andar nuas pela rua, de quatro como os animais, e comem mortos, como se, de repente, se tivessem tornado necrófagas. O arroz também está muito bom. Que nome lhe dão?

— *Khalta*.

— Quem me dera que o *chef* me desse a receita!

— Acho que isso se pode arranjar — disse Pitt. — Mas será que a ouvi bem? As pessoas afetadas por esta estranha doença começam a comer carne humana?

— As suas reações dependem muito da cultura em que foram criadas — explicou Eva, atacando o *khalta*. — Por exemplo, as pessoas dos países do Terceiro Mundo estão mais habituadas a comer animais esquartejados do que as da Europa e dos Estados Unidos. É verdade que, de vez em quando, vemos animais mortos à beira das estradas, mas estes povos estão habituados a ver carcaças de animais esfolados penduradas em barracas de talhantes nos mercados



ou a ver os pais a esquartejarem cabras ou ovelhas em cerimónias tribais. As crianças são ensinadas, desde tenra idade, a caçar coelhos, esquilos ou aves, e, depois, a esfolar e eviscerar esses animais, preparando-os para o espeto. A crueldade primitiva e as imagens de sangue e vísceras são realidades do quotidiano para quem vive naquele tipo de pobreza. Estas pessoas têm de matar para sobreviverem. Ora quando os seus organismos digerem e absorvem, através da corrente sanguínea, minúsculos vestígios de toxinas altamente perigosas, os seus organismos começam a deteriorar-se. São atacados o cérebro, o coração, o fígado, os intestinos e até o próprio código genético! Os seus sentidos embrutecem e estas pessoas tornam-se esquizofrénicas. Em seguida, dá-se a desintegração dos padrões e dos valores morais e deixam de agir como seres humanos normais. De repente, matar e comer um parente passa a parecer-lhes tão normal como torcer o pescoço a uma galinha e prepará-la para o jantar. Adoro o molho com um sabor que faz lembrar o da comida indiana.

— É muito bom.

— Especialmente com o *khalta*. Por outro lado, nós, que somos civilizados, compramos carne já cortada e perfeitamente fatiada nos supermercados. Não assistimos à eletrocussão do gado bovino nem à degolação das ovelhas e dos porcos. Parece que saltamos a parte divertida... Portanto, somos mais propensos à simples expressão de medo, ansiedade e infelicidade. Alguns de nós poderão «passar-se» e matar vizinhos num acesso de loucura, mas jamais comeríamos alguém.

— Mas que toxina tão estranha poderia causar esses problemas? — perguntou Pitt.

Eva terminou o seu copo de vinho e esperou que o empregado de mesa lhe servisse outro.

— Não tem de ser necessariamente uma toxina estranha. Por exemplo, uma simples intoxicação com chumbo pode levar as pessoas a fazerem coisas estranhas. Também faz crescer pelos e torna as córneas dos olhos vermelhas como tomates.

— Ainda tem espaço para a sobremesa? — sondou Pitt.

— Está tudo tão bom que hei de arranjar espaço!

— E prefere café ou chá?

— Café americano, por favor.

Pitt fez sinal ao empregado de mesa, que se aproximou com a rapidez de um falcão em voo picado.

— Um *Um Ali* para a senhora e dois cafés: um americano e um egípcio.

— O que é um *Um Ali*? — quis saber Eva.

— É um pudim de pão quente, servido com leite e uma cobertura de pinhões. Serve de digestivo, após uma refeição pesada.

— Parece-me adequado.

Pitt recostou-se na cadeira, com uma expressão de preocupação estampada no seu rosto enrugado.

— Disse-me que tem de fazer uma viagem de avião amanhã... Ainda pretende deslocar-se ao Mali?

— Ainda está a desempenhar o papel de meu protetor?

— A travessia do deserto pode ser uma coisa muito perigosa, e olhe que o calor não será o seu único inimigo! Anda por aí alguém a querer matá-la... a si e aos seus colegas bons samaritanos!

— E o meu cavaleiro andante não estará lá, com a sua armadura reluzente, para me proteger... — comentou ela, com um ligeiro tom de sarcasmo. — Não consegue assustar-me, e sei tomar conta de mim própria.

Pitt olhou para ela, e Eva viu-lhe uma certa tristeza no olhar.

— Não é a primeira mulher a dizer isso e a acabar na morgue.

Num salão situado noutra parte do hotel, o Dr. Frank Hopper terminava uma conferência de imprensa com uma boa audiência. Estava rodeado por um pequeno exército de correspondentes de jornais de todo o Médio Oriente e quatro serviços noticiosos internacionais que o bombardeavam com perguntas, sob a bateria de luzes das câmaras das televisões egípcias.

— Doutor Hopper, na sua opinião qual a área abrangida por este problema ambiental? — perguntou uma repórter do Serviço Noticioso da Agência Reuters.

— Só o saberemos quando tivermos as nossas equipas no terreno, pois só então as mesmas poderão estudar o raio de propagação.

— Já sabem qual é a fonte da epidemia? — perguntou um homem munido de um gravador, abanando a mão.

Hopper abanou a cabeça.

— De momento, ainda não fazemos ideia da causa deste problema.

— Há alguma possibilidade de a epidemia se dever ao projeto de descontaminação solar que os Franceses estão a desenvolver no Mali?

Hopper aproximou-se de um mapa do Sul do Sahara exposto num mostrador de grandes dimensões e pegou num ponteiro. Em seguida, encostou a ponta na área que mostrava uma região desolada do deserto, no Norte do Mali.

— O projeto francês está a ser desenvolvido aqui, em Fort Foureau, a uma distância que ultrapassa largamente os duzentos quilómetros da área mais próxima em que foram relatados casos da doença contagiosa de que estamos a falar. Ora, esta é uma distância demasiado grande para que o projeto seja uma fonte direta.

Um correspondente alemão do jornal *Der Spiegel* levantou-se.

— Os agentes contaminadores não poderiam ter sido transportados pelo vento?

— Impossível — respondeu Hopper, abanando a cabeça.

— Como pode ter tanta certeza?

— Eu e os meus colegas cientistas da Organização Mundial de Saúde fomos consultados em todas as etapas do planeamento e da construção da estrutura pelos engenheiros da Massarde Enterprises de Solaire Energie, que é a proprietária daquelas instalações. Todo o lixo tóxico é incinerado por meio da energia solar, o que o reduz a um simples vapor inofensivo. Além disso, as emissões são constantemente controladas. Portanto, não é emitido nenhum agente tóxico que possa ser transportado pelo vento e contaminar qualquer forma de vida a centenas de quilómetros de distância.

— Os países do deserto que os senhores pretendem visitar têm-se mostrado colaborantes? — quis saber um repórter televisivo egípcio que lhe estendeu um microfone.

— A maior parte desses governos convidou-nos com a maior boa vontade — respondeu Hopper.

— Referiu anteriormente que o presidente Tahir, do Mali, revelou alguma relutância em permitir a entrada da sua equipa de investigação no país dele...

— É verdade, mas espero que mude a sua forma de pensar quando estivermos no país e demonstrarmos as nossas intenções puramente humanitárias.

— Não lhe parece que está a colocar vidas em risco ao imiscuir-se nos assuntos do governo do presidente Tahir?

O tom de Hopper deixou transparecer vestígios de uma certa afronta.

— O verdadeiro perigo é a desconfiança que existe nos espíritos dos seus conselheiros! Tentam ignorar a doença como se ela não existisse ao não a reconhecerem oficialmente.

— Mas não lhe parece arriscado a sua equipa viajar por onde quiser, no Mali?

Um sorriso matreiro desenhou-se nos lábios de Hopper. As perguntas estavam a ir na direção que pretendia.

— Se acontecer alguma tragédia, estou certo de que os senhores jornalistas saberão investigá-la e levar a revolta do mundo à porta do culpado.

Depois do jantar, Pitt acompanhou Eva à porta do quarto, no hotel, e ela pegou na chave, nervosa e insegura. Não havia dúvida de que tinha um bom motivo para o convidar a entrar, disse a si própria. Estava em dívida para com ele... Além disso, desejava-o. Porém, seguia os velhos preceitos da moral e

dos bons costumes e sentia grande relutância em meter-se na cama com um homem qualquer, mesmo que este lhe tivesse salvado a vida e se mostrasse interessado nela.

Pitt apercebeu-se do ligeiro tom rosado que lhe subia do pescoço até à face e olhou-a nos olhos. Eram azuis como o céu límpido do hemisfério sul. Agarrou-a pelos ombros e puxou-a gentilmente para si. Ela ficou algo tensa, mas não resistiu.

— Adie a viagem.

— Não posso... — respondeu ela, desviando a cara.

— É possível que não voltemos a encontrar-nos...

— O meu trabalho é demasiado importante e não posso deixar de o fazer.

— E quando o terminar?

— Voltarei para junto da minha família, em Pacific Grove, na Califórnia.

— É uma região muito bonita. Particpei muitas vezes na Exposição de Automóveis Clássicos de Pebble Beach.

— É uma região adorável, em junho... — retorquiu ela, de repente com a voz entrecortada.

— Nesse caso, seremos eu e a Eva e a Baía de Monterey — disse ele, sorrindo.

Era como se se tivessem tornado amigos num cruzeiro transatlântico, num breve interlúdio que lançou as sementes da atração mútua. Beijou-a suavemente, depois deu um passo atrás.

— Tenha cuidado consigo. Não a quero perder.

Depois, virou costas e dirigiu-se aos elevadores.

## 7

OS EGÍPCIOS E A VEGETAÇÃO ESFORÇARAM-SE, DURANTE UMA CENTENA DE séculos, para manterem o seu precioso bastião, entre as águas azuis-escuras do Nilo e as areias douradas do Sahara. Ondulando por 6500km desde a sua nascente, no coração de África, até ao Mediterrâneo, é o único dos grandes rios do mundo que flui para norte. Antigo, omnipresente, sempre vivo, o Nilo é tão estranho à paisagem árida do Norte de África como seria à atmosfera vaporosa do planeta Vénus.

A estação quente já se tinha instalado ao longo das suas águas. O calor

revolvia-se e assentava sobre a água como um pesado cobertor puxado pelo grande deserto que se estendia para ocidente. O Sol da madrugada subiu acima da linha do horizonte com a estocada ardente de um atizador, espalhando uma brisa ligeira que parecia o bafo repentino de uma fornalha aberta.

A serenidade do passado cruzou-se com a tecnologia do presente quando uma faluca de vela latina, tripulada por quatro rapazes, passou por um lustroso navio oceanográfico carregado de aparelhos eletrónicos de última geração. Aparentemente pouco incomodados com o calor, os rapazes riram-se e acenaram ao barco de cor turquesa que se deslocava na direção oposta, rio abaixo.

Pitt ergueu o olhar do ecrã de alta resolução do perfilador acústico do subsolo marinho e respondeu aos acenos dos rapazes através de uma enorme escotilha. O interior do navio encontrava-se bem climatizado, e Pitt sorvia um copo de chá, confortavelmente sentado diante da bateria de instrumentos de deteção computadorizados. Observou a faluca por instantes, quase invejou os rapazes quando os viu caminhar apressadamente pelo pequeno convés, desfraldando a vela para apanharem a brisa que soprava rio acima.

Voltou a concentrar a sua atenção no monitor quando uma anomalia começou a insinuar-se no ecrã sob a forma de uma imagem colorida. A sonda vertical do perfilador do subsolo detetara alguma coisa soterrada a grande profundidade nos sedimentos do leito do rio em movimento. Começou por ser uma mera mancha, mas à medida que a imagem foi sendo automaticamente otimizada, a silhueta de uma embarcação antiga foi-se materializando lentamente.

— Temos um alvo — relatou Pitt. — Atribuem-lhe o número noventa e quatro.

Al Giordino digitou um código na consola que tinha diante de si. Nesse instante, a configuração do rio, bem como os monumentos construídos pelo Homem e a paisagem natural para lá da linha da costa, surgiram num monitor de gráficos em rede. Após a introdução de outro código, o sistema de posicionamento de raios laser, via satélite, identificou, com precisão, a posição exata da imagem em relação à paisagem que a rodeava.

— Alvo noventa e quatro localizado e gravado — respondeu Giordino.

De estatura baixa, pele escura e compacto como um barril de cimento, Albert Giordino observava a consola com uns olhos castanhos-claros que pestanejavam sob uma juba indomável de cabelo negro encaracolado. Com uma barba escorrida e um saco cheio de brinquedos, tornar-se-ia uma versão rejuvenescida de um Pai Natal etrusco, pensava Pitt muitas vezes.

Tremendamente ágil para um homem tão musculado, era capaz de lutar como um tigre. Porém, passava as passas do Algarve quando tinha de manter uma conversa com uma mulher. A sua amizade com Pitt datava dos tempos da escola secundária. Mais tarde, jogaram futebol americano na Academia da Força Aérea e combateram lado a lado no final da Guerra do Vietname. A de-

terminada altura das suas carreiras militares, foram temporariamente destacados para a NUMA, a pedido do almirante James Sandecker, diretor-geral da agência, mas esse destacamento já durava há nove anos.

Nenhum dos dois se lembrava já de quantas vezes tinha salvado a vida ao outro, ou pelo menos evitado situações profundamente embaraçosas, normalmente resultantes de algum estratagema. Não obstante, as suas fugas espetaculares, nas profundezas do mar ou em terra, acabaram por se tornar lendárias, o que acarretava uma certa fama que nenhum deles apreciava particularmente.

Pitt inclinou-se para diante e concentrou a sua atenção num ecrã isométrico digital. O computador rodou a imagem tridimensional da embarcação soterrada com uma nitidez espantosa. A imagem e as dimensões foram gravadas e enviadas para um processador de dados, que as comparou com a informação conhecida de antigos barcos egípcios para navegação no Nilo. O computador identificou e analisou um perfil em poucos segundos e deu o sinal de que a operação estava concluída. Nesse momento, dados sobre a construção daquele barco específico começaram a piscar na parte inferior do ecrã.

— Parece que o que temos aqui é um barco de transporte de mercadorias da Sexta Dinastia — informou Pitt. — Foi construído algures entre os anos 2000 e 2200 a.C.

— Em que estado se encontra? — perguntou Giordino.

— Está bastante bem conservado — respondeu Pitt. — Tal como os que encontrámos anteriormente, foi bem conservado pelos sedimentos. O casco e a porta do leme estão intactos e consigo distinguir o mastro atravessado sobre o convés. Qual é a profundidade?

Giordino analisou o ecrã do seu sistema de posicionamento.

— Está sob dois metros de água e oito de sedimentos.

— Alguma coisa em metal?

— Nada que o magnetómetro de prótons consiga detetar.

— O que não é de surpreender, visto que, no Egito, o ferro só foi descoberto no século XII a.C. O que indica o detetor de metais não ferrosos?

— Não indica grande coisa — informou Giordino, depois de rodar um botão na sua consola. — Tem alguns acessórios em bronze. Provavelmente é um barco que foi abandonado.

Pitt analisou atentamente as imagens do navio que naufragara no Nilo quarenta séculos antes.

— É extraordinário como a conceção dos navios permaneceu virtualmente inalterada durante três mil anos!

— Fizeram a mesma coisa com a arte — retorquiu Giordino.

— A arte? — admirou-se Pitt, olhando para ele.

— Nunca reparaste que o estilo artístico deles se manteve exatamente igual desde a Primeira Dinastia até à trigésima? — perguntou Giordino, retórica-

mente. — Até as posições dos corpos se mantiveram estáticas. Por que diabos é que, durante todo aquele tempo, nunca perceberam que poderiam mostrar uma vista de perfil do olho humano, bastando que, para isso, desenhassem só metade deste órgão? Isto é que é manter a tradição! E os Egípcios eram mestres nesta área!

— Desde quando é que és egiptólogo?

Igual a si mesmo, Giordino respondeu com um encolher de ombros de quem tinha experiência da vida.

— Oh, vou captando algumas coisas aqui e ali...

Mas Pitt não se deixou enganar, pois sabia que Giordino tinha olho para o detalhe e que raramente lhe escapava, como provava a sua observação sobre um aspeto da arte egípcia que passava despercebido aos olhos de 99% dos turistas e nunca era referido pelos guias.

Giordino terminou a sua cerveja e rolou a garrafa fria pela testa. Depois, apontou para o barco naufragado quando o navio oceanográfico lhe passou diretamente por cima e a imagem já ia fugindo do ecrã.

— Até custa a crer que tenhamos encontrado noventa e quatro barcos afundados em apenas duas milhas de rio! E alguns encontram-se sobrepostos em colunas de três!

— Não é uma coisa assim tão extraordinária se tivermos em conta que o Nilo é navegado há muitos milhares de anos — comentou Pitt, como um professor numa aula. — Já se podia considerar uma sorte quando os barcos construídos por todas as civilizações duravam vinte anos, antes de se afundarem por causa de alguma tempestade, de um incêndio ou de uma colisão! E os que sobreviviam, normalmente apodreciam por negligência. A secção de rio entre o Delta do Nilo e Cartum tem mais barcos naufragados por quilómetro quadrado do que qualquer outro local do mundo. Felizmente para os arqueólogos, os destroços foram cobertos por sedimentos e, dessa forma, preservados. É bem possível que durassem mais quatro mil anos sem serem desenterrados!

— Não há qualquer sinal da presença de carga — comentou Giordino, espreitando, por cima do ombro de Pitt, a imagem que ia desaparecendo. — Tal como sugeriste, é possível que a embarcação tenha perdido a utilidade e, por isso, os seus proprietários a tenham abandonado, deixando que apodrecesse até se afundar.

Gary Marx, o piloto do navio oceanográfico, mantinha-se atento ao sonar enquanto, simultaneamente, varria o rio diante da proa com o olhar. Era um indivíduo alto e louro, com uns olhos de um azul límpido. Envergava apenas calções, sandálias e um chapéu de *cowboy* feito de palhinha.

— Chegámos ao limite da nossa área de busca a jusante, Dirk — informou, rodando ligeiramente a cabeça e falando pelo canto da boca.



— Ok — respondeu Pitt. — Dá a volta e faz mais uma passagem o mais próximo que puderes da margem.

— Já estamos quase a encalhar... — disse Marx, num tom despreocupado. — Se nos aproximarmos mais, teremos de rebocar o navio com um trator!

— Não é preciso ficares histérico! — retorquiu Pitt, secamente. — Dá a volta, passa rente à margem e tem cuidado com o sensor.

Marx apontou a proa com perícia para o canal principal, fez uma inversão de marcha a toda a largura do curso de água e colocou o navio numa posição paralela à margem, a não mais de cinco ou seis metros de distância. Os sensores detetaram outro barco naufragado quase imediatamente, e o computador identificou-o como o barco privado de um nobre do período do Império Médio, que decorreu entre 2040 e 1786 a.C.

O casco era mais estreito do que os dos navios de carga, e uma cabina embelezava-lhe a coberta da popa. Viram o que restava de um corrimão de amurada que dava a volta a todo o convés. Os topos dos respetivos postes de suporte pareciam ter cabeças de leões esculpidas. O barco apresentava um grande rombo a bombordo, o que sugeria que o afundamento teria ocorrido na sequência de uma colisão com outra embarcação.

Pitt e a sua tripulação descobriram e registaram as posições de outros oito barcos soterrados sob sedimentos antes de os sensores lhes mostrarem o *jackpot*. Pitt endireitou-se na cadeira, com um olhar concentrado, quando a imagem de uma embarcação muito maior do que as anteriores começou a encher-lhe o monitor.

— Encontrámos uma barca real! — gritou.

— Registrando a posição — respondeu Giordino. — Tens a certeza que é mesmo a barca de um faraó?

— É a imagem mais bela que alguma vez veremos! Espreita!

Giordino analisou a imagem que ia enchendo o ecrã.

— Estamos no bom caminho... Não há vestígios de mastros e é tão grande que só pode mesmo ter sido propriedade de um rei!

O casco era comprido, afunilando ligeiramente nas extremidades. O cadaste fora esculpido na forma de uma cabeça de falcão, representando o deus egípcio Hórus, mas faltava a parte dianteira da proa. A elevada capacidade de resolução de imagem do computador permitiu-lhes ver que as partes laterais do casco se encontravam decoradas com mais de mil baixos-relevos hieroglíficos. O navio dispunha também de uma cabina real ricamente esculpida. Algumas fiadas do que restava dos remos ainda saíam pelos lados do casco. A porta do leme era uma peça enorme, parecida com um gigantesco remo de canoa, e estava fixada na parte lateral da popa. Não obstante, a atração principal era o grande vulto retangular assente sobre uma plataforma existente



no convés, a meio do navio. Este vulto também se encontrava ornamentado com esculturas.

Pitt e Giordino sustentaram a respiração em simultâneo, enquanto o computador ia produzindo os seus ruídos. Em seguida, os contornos do vulto surgiram no ecrã com toda a nitidez.

— Um sarcófago de pedra! — exclamou Giordino de repente, com uma excitação que não lhe era característica. — Temos um sarcófago!

Precipitou-se para a sua consola e verificou os dados.

— O detetor de metais não ferrosos está a revelar grandes quantidades de metal dentro da cabina e do sarcófago!

— O ouro do Faraó Menkura... — murmurou Pitt, pausadamente.

— Que informação temos quanto à data?

— Sabemos que é de 2600 a.C. O período histórico e a configuração coincidem perfeitamente — disse Pitt, com um sorriso rasgado. — E a análise do computador revela madeira queimada na parte dianteira, o que indica que a proa ardeu.

— Nesse caso, o que temos abaixo de nós é a barca funerária de Menkura, até agora desaparecida.

— Quem sou eu para te contradizer! — exclamou Pitt, com a mais absoluta euforia estampada no rosto.

Marx ancorou o navio oceanográfico diretamente por cima do local onde se encontrava a barca naufragada. Pitt e Giordino submeteram a barca funerária a uma bateria de sondagens durante as seis horas seguintes, produzindo um volumoso registo sobre a posição e o estado de conservação em que esta se encontrava, que seria entregue às autoridades egípcias.

— Caramba, como eu gostava que pudéssemos introduzir uma câmara na cabina e no sarcófago!

Giordino abriu mais uma cerveja, mas a excitação fez com que se esquecesse imediatamente de a beber.

— É possível que as urnas no interior do sarcófago ainda estejam intactas — disse Pitt —, mas é provável que a humidade tenha apodrecido a maior parte da múmia. Quanto aos artefactos... vá-se lá saber! Até podem igualar os tesouros de Tutankhamon!

— Menkura gostava muito mais do luxo do que o Faraó Tutankhamon. Portanto, teria levado consigo um tesouro muito maior para o Além.

— Bem, já cá não estaremos para o vermos — comentou Pitt, espreguiçando-se, com as mãos a roçarem o teto da cabina. — Quando os egípcios conseguirem o financiamento necessário para a remoção e a preservação da barca naufragada no Museu do Cairo, há muito que já estaremos mortos e enterrados!

— Temos visitas! — alertou Marx. — Aproxima-se uma patrulha da Guarda Costeira Egípcia.

— Caramba, as notícias correm depressa por aqui! — exclamou Giordino, incrédulo. — Quem poderia tê-los informado?

— É uma patrulha de rotina — respondeu Pitt. — Passarão ao largo, a meio do canal.

— Vêm direitinhos a nós... — avisou Marx.

— Lá se vai a hipótese da patrulha de rotina! — resmungou Giordino.

Pitt levantou-se e retirou uma pasta de um armário.

— Estão apenas a ser abelhudos e querem saber o que andamos a fazer. Vou recebê-los no convés e mostro-lhes as autorizações que nos foram passadas pelo Conselho Superior de Antiguidades.

Dizendo isto, saiu do ambiente condicionado da cabina para o calor escaldante do exterior e aguardou no convés da popa. As ondas causadas pela proa transformaram-se numa pequena ondulação quando o zunido metálico dos motores gémeos a gasóleo se tornou um ronco de motores funcionando em ponto-morto e o barco-patrulha verde-escuro deslizou paralelo ao costado do navio, a menos de um metro de distância. Pitt agarrou-se a um corrimão quando a ondulação abanou o barco de pesquisa oceanográfica. Viu, descontraído, dois marinheiros com o uniforme da Marinha de Guerra Egípcia inclinarem-se sobre a borda e manterem o barco-patrulha afastado do navio por meio de arpéus almofadados. Conseguia ver o comandante na casa do leme e mostrou-se ligeiramente surpreendido quando uma mão se ergueu numa saudação amistosa sem que aparentemente ninguém tentasse entrar no navio. Porém, a sua surpresa transformou-se em espanto quando um homem de estatura baixa saltou a amurada do navio e aterrou com ligeireza no convés, quase em cima dos seus pés. Deixou cair o queixo, incrédulo.

— Rudi! Com a breca, de onde é que vens?

Rudi Gunn, subdiretor da NUMA, exibiu-lhe um sorriso aberto e apertou-lhe a mão energicamente.

— Venho de Washington. Aterrei no aeroporto do Cairo há menos de uma hora.

— O que te traz ao Nilo?

— O almirante Sandecker enviou-me para vos retirar do vosso atual projeto. Tenho um avião da NUMA à espera, para nos levar a Port Harcourt. O almirante encontrar-se-á connosco lá.

— Onde fica Port Harcourt? — perguntou Pitt, inexpressivo.

— É um porto de mar situado no delta do rio Níger, na Nigéria.

— Qual é o motivo de tanta pressa? Podiam ter-nos transmitido as mesmas ordens por satélite. Porque é que perdeste tempo e te deste à maçada da viagem para nos transmitires estas instruções pessoalmente?

— Não sei — respondeu Gunn, fazendo um gesto de negação com a mão.  
— O almirante não me informou do motivo do secretismo nem desta pressa.

Se Rudi Gunn desconhecia o que Sandecker escondia na manga, era porque mais ninguém o sabia. Rudi era um homem magro, com ombros estreitos e ancas a condizer. Era um indivíduo extremamente competente e um mestre em questões logísticas. Tinha-se formado em Annapolis, fora comandante na Marinha de Guerra e ingressara na NUMA ao mesmo tempo que Pitt e Giordino. Observava o mundo através de um par de óculos grossos de armação de osso e a fala saía-lhe por entre lábios que, na maioria das vezes, se recurvavam num sorriso maldoso. Giordino até já o tinha comparado a um agente das finanças prestes a penhorar alguma coisa.

— Chegaste na altura ideal — disse Pitt. — Entra, vamos sair deste calor infernal. Tenho uma coisa para te mostrar.

Giordino estava de costas para a porta da cabina quando Pitt e Gunn entraram.

— O que é que os bófiás queriam? — perguntou, enfadado.

— Que fosses para o diabo! — respondeu Gunn, rindo.

Giordino virou-se de repente, reconhecendo o homem baixo e mostrando-se bastante surpreendido.

— Caramba! — exclamou, levantando-se para apertar a mão estendida do subdiretor. — O que estás aqui a fazer?

— Vou transferir-vos para outra missão.

— Grande sentido de oportunidade!

— É precisamente o que eu penso também — concordou Pitt, sorrindo.

— Olá, Sr. Gunn — cumprimentou Gary Marx, curvando-se para entrar na cabina dos instrumentos eletrónicos. — Bem-vindo a bordo.

— Olá, Gary.

— Também vou ser transferido?

Gunn abanou a cabeça.

— Não, tu tens de permanecer aqui e continuar neste projeto. O Dick White e o Stan Shaw substituirão o Dirk e o Al e chegam amanhã.

— Uma perda de tempo... — comentou Marx. — Estamos mesmo a chegar ao fim!

Gunn lançou um olhar inquisitivo a Pitt por momentos, depois os olhos foram-se-lhe arregalando à medida que ia interiorizando a mensagem subliminar.

— A barca funerária do faraó... — murmurou. — Encontraram-na?

— Foi um golpe de sorte — revelou Pitt. — E logo ao segundo dia da pesquisa!

— Onde está? — apressou-se a perguntar Gunn.

— Estás em cima dela, por assim dizer. Encontra-se nove metros abaixo da nossa quilha.

Pitt mostrou-lhe a imagem isométrica digital da barca naufragada no

monitor do computador. As horas passadas a otimizar imagens a cores foram recompensadas com o visionamento extremamente detalhado de cada metro quadrado daquela embarcação construída dezenas de séculos antes.

— Indescritível... — murmurou Gunn, extasiado.

— Também filmámos e registámos as posições de mais de uma centena de outros barcos naufragados, cobrindo o período que vai de 2800 a.C. a 1000 d.C. — acrescentou Giordino.

— Parabéns aos três! — exclamou Gunn calorosamente, irradiando admiração. — Conseguiram um feito extraordinário, uma coisa que ficará para a História! O governo egípcio vai espetar-vos uma data de medalhas!

— E o almirante? — perguntou Giordino diretamente. — O que é que ele nos vai espetar?

Gunn desviou o olhar do monitor e fitou-os. De repente, a sua expressão tornou-se profundamente séria.

— Quer-me parecer que não será nada de agradável...

— E não deu nenhuma pista? — pressionou Pitt.

— Nada que faça sentido — respondeu Gunn, olhando para o teto enquanto recordava o que lhe fora dito. — Quando lhe perguntei qual era o motivo de tanta urgência, citou-me um poema. Não me lembro das palavras exatas, mas era qualquer coisa que tinha a ver com a sombra de um navio e águas enfeitiçadas que se tornam vermelhas...

Pitt recitou uma estrofe do poema:

*Os seus raios riam-se do oceano quente,  
Como geada que abril distenda.  
À sombra ampla do barco no mar,  
A água enfeitiçada a queimar,  
Numa cor rubra, quieta, horrenda.*

— É uma estrofe do poema «A Balada do Velho Marinheiro», de Samuel Taylor Coleridge.

Gunn olhou para Pitt com respeito acrescido.

— Desconhecia que sabias recitar poesia.

— Memorizei alguns, apenas isso — explicou Pitt, rindo.

— O que será que o Sandecker tem em mente? — perguntou Giordino. — O velho lobo-do-mar não é nada amigo de charadas!

— Pois não... — concordou Pitt, com algum receio. — Não é mesmo nada dado a esse tipo de coisas.

## 8

O PILOTO DO HELICÓPTERO DA MASSARDE ENTERPRISES VOOU PARA NORDESTE da capital, Bamako. Lá em baixo, o vasto e desolado território foi desfilando como uma paisagem em miniatura impressa num rolo de pergaminho durante duas horas e meia. Após duas horas de voo, o piloto viu, ao longe, o reflexo do Sol no ferro dos carris. Retificou a rota inclinando o helicóptero e começou a seguir os carris, que pareciam não levar a lado nenhum.

O caminho de ferro, cuja construção terminara apenas no mês anterior, desembocava na imensa central de incineração solar de lixo tóxico, em pleno deserto do Mali. A central chamava-se Fort Foureau porque, a vários quilómetros de distância, existia um antigo forte com o mesmo nome, há muito abandonado pela Legião Francesa. Partindo do local da central, os carris estendiam-se por mil e seiscentos quilómetros, numa linha quase direita, terminando no porto de mar artificial do Cabo Tafarit, na costa atlântica da Mauritânia.

Desfrutando do conforto luxuoso daquele helicóptero de executivo, o general Kazim espreitou pela janela quando o aparelho alcançou e ultrapassou um longo comboio, puxado por duas locomotivas a diesel, carregado com contentores selados para transporte de lixo tóxico. A composição dirigia-se à Mauritânia, depois de ter descarregado a sua carga mortífera e voltado para trás.

O general sorria astuciosamente quando desviou o olhar dos vagões de transporte de lixo para fazer um sinal afirmativo com a cabeça ao assistente de bordo, que voltou a encher-lhe a taça de champanhe e ofereceu-lhe uma travessa com aperitivos.

Os Franceses, pensou Kazim, tinham sempre champanhe, trufas e patê à mão. Considerava-os uma raça de provincianos, que só a contragosto tentaram construir e manter um império. Como a população em geral devia ter suspirado de alívio, pensou ele, quando a França foi obrigada a desistir das suas praças em África e no Extremo Oriente. Bem no fundo do seu peito, irritava-o o facto de os Franceses não terem desaparecido inteiramente do Mali. Apesar de terem quebrado os laços coloniais em 1960, os Franceses mantiveram a sua influência e um controlo apertado sobre a economia do país, controlando fortemente o desenvolvimento do país nos setores mineiros, dos transportes, industrial e energético. Muitos homens de negócios franceses viam boas oportunidades de investimento e investiam fortemente em empreendimentos no Mali. Porém, nenhum desses homens se empenhava mais em fazer dinheiro com as areias do Sahara do que Yves Massarde.

Outrora o génio da agência económica ultramarina francesa, Massarde construíra um nicho bastante lucrativo à parte, recorrendo aos seus contactos e à sua influência para se apoderar e utilizar a seu favor companhias da África Ocidental que se encontravam em situações de grande fragilidade. Negociante duro e astuto, recorria a métodos agressivos, correndo até o rumor de que não se coíbia de recorrer à força física para consumir um negócio. Estimava-se que a sua fortuna se situava algures entre os dois e os três mil milhões de dólares, e o projeto de incineração de lixo tóxico nas instalações de Fort Foureau, no Sahara, era a pedra angular do seu império.

O helicóptero encontrava-se já sobre o extenso complexo, e o piloto deu uma volta ao perímetro para que Kazim pudesse ter uma boa visão geral da enorme central solar de incineração de lixo e do seu vasto parque de refletores parabólicos, que captavam a energia solar e a enviavam para coletores de concentração, criando uma energia incrível equivalente a 60.000 sóis com temperaturas que atingiam os 5000°C. Esta carga energética superaquecida gerada pelos fotões era, em seguida, direcionada para reatores fotoquímicos, que destruíam as moléculas dos produtos químicos tóxicos.

O general já tinha visto aquilo várias vezes, e estava mais interessado em escolher mais uma trufa de patê de fígado de ganso. Terminava a sua sexta taça de champanhe *Veuve Clicquot Gold Label* quando a aeronave aterrou suavemente no heliporto situado diante dos escritórios de engenharia da central.

Kazim desembarcou e cumprimentou Felix Verenne, assistente pessoal de Massarde, que o aguardava ao sol. O general regozijou-se por ver que o francês sofria com o calor.

— Felix, que amabilidade a sua por me vir receber aqui — agradeceu em francês, com os dentes brilhando sob o bigode.

— A sua viagem foi agradável? — perguntou Verenne, num tom condescendente.

— O patê não estava ao nível habitual do seu *chef*.

Esbelto, calvo e na casa dos quarenta, Verenne forçou um sorriso, apesar da antipatia que sentia por Kazim.

— Assegurar-me-ei de que estará mais de acordo com o seu palato no voo de regresso.

— Como está *Monsieur Massarde*?

— Aguarda-o na sua suite executiva.

Verenne conduziu-o a um edifício de três andares de cantos arredondados, coberto de vidros solares negros, através de uma passagem coberta por um toldo. Lá dentro, atravessaram um átrio de mármore completamente vazio, à exceção de um guarda, e entraram num elevador. Pouco depois, as portas tornaram a abrir-se, revelando outro átrio, desta feita guarnecido com painéis de madeira de teca, que conduzia ao salão principal, servindo de aposento e de

escritório a Massarde. Verenne fez Kazim entrar numa pequena mas ricamente decorada sala e apontou para um sofá *Roche Bobois* forrado a cabedal.

— Queira sentar-se, por favor. *Monsieur* Massarde recebê-lo-á...

— Mas Felix, se eu estou aqui... — disse uma voz, vinda do outro lado da porta em frente.

Massarde avançou e abraçou Kazim.

— Zateb, meu amigo, que bom vê-lo aqui!

Yves Massarde tinha olhos azuis, sobrancelhas negras e cabelo ruivo. O nariz era esguio e o queixo quadrado. Era magro, com ancas estreitas, mas tinha um estômago saliente. Nada nele parecia condizer, mas não era o seu aspeto físico o que permanecia na memória daqueles que se cruzavam com ele. A única coisa que retinham era uma intensidade que emanava do interior do seu ser como uma descarga de eletricidade estática.

Lançou um olhar intencional a Verenne, que baixou a cabeça e abandonou a sala, fechando a porta.

— Vamos ao que interessa, Zateb. Os meus agentes no Cairo informaram-me de que os seus homens falharam rotundamente na sua tentativa de assustarem a Organização Mundial de Saúde e, com isso, manterem os seus cientistas afastados do Mali.

— Foi uma circunstância lamentável — respondeu Kazim, encolhendo os ombros com indiferença. — Os motivos ainda não foram esclarecidos.

Massarde lançou um olhar duro ao general.

— Segundo as minhas fontes, os seus assassinos desapareceram na sequência da tentativa falhada do assassinato da Dra. Eva Rojas.

— Um bom castigo para a sua ineficácia neste assunto.

— Mandou executá-los?

— Não tolero fracassos da parte dos meus homens — mentiu Kazim.

O facto de os seus homens não terem conseguido matar Eva e, ainda por cima, terem desaparecido, era algo que o confundira. Frustrado, ordenara a execução do oficial que tinha planeado o assassinato, acusando-o de ter desobedecido às suas ordens, tal como os assassinos.

Mas Massarde chegara onde chegara justamente pela sua perspicácia em avaliar as personalidades dos outros. Além disso, conhecia o general suficientemente bem para suspeitar que este pretendia atirar-lhe areia para os olhos.

— Se temos inimigos externos, seria um erro grave ignorá-los...

— Está tudo bem — disse Kazim, atribuindo pouca importância ao assunto. — O nosso segredo está seguro.

— E o senhor diz isso quando temos uma equipa de cientistas das Nações Unidas, que operam na área da saúde, prestes a aterrar em Gao? Não analise esta questão com tanta ligeireza, Zateb. Se eles seguirem o rasto do problema até aqui...



— Só encontrarão areia e calor — atalhou Kazim. — Yves, o senhor sabe melhor do que eu que o que quer que esteja a causar aquela estranha doença nas margens do Níger não pode provir desta central. Não vejo, de todo, como é que o seu empreendimento poderia poluir uma área centenas de quilómetros a sul e a leste daqui.

— Isso é verdade — concordou Massarde, pensativo. — Os sistemas de monitorização revelam que a nossa central de incineração de lixo de fachada está perfeitamente dentro dos parâmetros impostos pelas normas internacionais.

— Portanto, não temos nada com que nos preocupar — insistiu Kazim, encolhendo os ombros.

— Pois não, desde que cubramos todos os ângulos.

— Deixe a equipa de cientistas das Nações Unidas comigo.

— Não lhes coloque entraves! — apressou-se a avisar Massarde.

— O deserto encarrega-se sempre dos intrusos!

— Se os matar, o Mali e o grupo Massarde Enterprises correrão sérios riscos de se verem expostos! O Dr. Hopper, o líder da equipa, deu uma conferência de imprensa no Cairo e referiu a falta de cooperação da parte do seu governo. Não contente com isso, aventou a possibilidade de a sua equipa se ver em perigo depois de chegar. Espalhe as ossadas deles pelo deserto, meu caro amigo, e pode ter a certeza que teremos um exército de repórteres e de investigadores das Nações Unidas em cima do nosso projeto!

— O senhor não colocou tantos obstáculos ao assassinato da Dra. Rojas...

— Pois não, mas a tentativa de assassinato não se deu mesmo à nossa porta, onde poderemos ser suspeitos de envolvimento na eventual morte dos cientistas.

— Também não se mostrou perturbado quando metade dos seus engenheiros e as respetivas esposas foram passear pelas dunas de carro e desapareceram.

— O desaparecimento deles foi necessário para protegermos a segunda fase da nossa operação.

— O senhor teve muita sorte em eu ter conseguido tratar da situação sem que o assunto fizesse as manchetes dos jornais em Paris ou levasse a que o governo francês enviasse agentes para investigarem o caso.

— O meu amigo saiu-se bem. — Massarde suspirou. — Não sei o que faria sem os seus préstimos inestimáveis.

Tal como a maior parte dos seus compatriotas do deserto, Kazim não passava sem elogios contínuos ao seu génio. Massarde detestava o general, mas a sua operação clandestina não poderia existir sem a colaboração do militar. Era um pacto feito no inferno por dois homens diabólicos, sendo Massarde quem mais tinha a ganhar com ele. Portanto, aturava aquela poia de camelo, como lhe chamava quando Kazim não estava presente. Afinal, os



cinquenta mil dólares americanos por mês que lhe pagava eram uma esmola, comparados com os dois milhões por dia que Massarde arrecadava com a central de incineração de lixo.

Kazim aproximou-se de um bar bem provido e serviu-se de um co-nhaque.

— E como é que sugere que tratemos do Dr. Hopper e da sua equipa?

— O senhor é que é o perito nessas questões — disse Massarde, dando graxa ao seu interlocutor. — Confio nas suas capacidades.

— É elementar, meu amigo — respondeu Kazim, erguendo uma sobran-celha com um ar presunçoso. — Limito-me a eliminar o problema que eles vieram resolver!

Massarde pareceu curioso.

— Como é que vai fazer isso?

— Já comecei a fazer — respondeu Kazim. — Ordenei à minha brigada pessoal que juntasse, abatesse e enterrasse todos quantos tenham sido conta-minados por doenças contagiosas.

— O senhor seria capaz de massacrar o seu próprio povo? — perguntou Massarde, num tom irónico.

— Estou apenas a cumprir o meu dever patriótico de erradicar uma praga — respondeu-lhe Kazim, com uma indiferença quase total.

— Os seus métodos são algo extremos... — comentou Massarde, com uma ruga de preocupação vincando-lhe a cara. — Zateb, é melhor não provocar um tumulto! Se o mundo vier a descobrir, por acaso, o que realmente fazemos aqui, um tribunal internacional mandar-nos-á enforcar a ambos!

— Não, se não existirem provas nem testemunhas.

— E aqueles estranhos demónios que massacraram os turistas em Asselar? Também os fez desaparecer?

— Não — respondeu Kazim, com um sorriso vazio de compaixão —, eles encarregaram-se de se matarem e comerem uns aos outros. Mas há outras aldeias a sofrerem das mesmas doenças. Se o Dr. Hopper e a sua equipa se tornarem demasiado incómodos, talvez eu consiga fazer com que assistam a um massacre em primeira mão.

Massarde não precisou que o general lhe fizesse um desenho, pois lera o relatório secreto de Kazim sobre o massacre de Asselar. Não lhe foi difícil imaginar nómadas enlouquecidos pela doença devorarem literalmente os cientistas das Nações Unidas, tal como tinha sucedido com os turistas do safari.

— É um método muito eficiente de eliminar uma ameaça — disse ao gene-ral. — Sempre poupa a despesa do enterro.

— Concordo totalmente!

— Mas e se um ou dois deles sobreviverem e tentarem voltar ao Cairo?

Kazim encolheu os ombros, com os lábios finos e pálidos desenhando um sorriso diabólico sob o bigode.

— Independentemente da forma como morrerem, as suas ossadas jamais deixarão o deserto!

## 9

HÁ DEZ MIL ANOS, OS UEDES SECOS E ARENOSOS DA REPÚBLICA DO MALI ENCONTRAVAM-SE cheios de água até às bordas e as áreas planas do deserto eram florestas frondosas, com centenas de tipos diferentes de plantas. Aquelas montanhas e planícies férteis albergaram o Homem muito antes de este ter abandonado a Idade da Pedra e se ter tornado pastor nómada. Ao longo dos sete mil anos seguintes, tribos enormes caçaram antílopes, elefantes e búfalos, enquanto iam levando o seu gado de chifres compridos de um pasto para outro.

Com o tempo, o pastoreio excessivo e a pluviosidade decrescente fizeram com que o Sahara secasse e se transformasse no deserto que é hoje, sempre em expansão, sempre avançando sobre as terras mais luxuriantes e tropicais do continente africano. As grandes tribos foram abandonando gradualmente a região, deixando para trás uma área desolada e quase sem água, por onde continuaram a deambular alguns bandos nómadas.

Quando descobriram a resistência inacreditável do camelo, os romanos foram os primeiros a conquistar os áridos desertos, utilizando este animal para transportarem escravos, ouro, marfim e milhares de animais selvagens que, depois, eram embarcados para as arenas de Roma. As suas caravanas percorreram a região desolada entre o Mediterrâneo e as margens do Níger durante oito séculos. E quando a glória de Roma começou a esboroar-se, foi ainda o camelo quem abriu as portas do Sahara aos invasores berberes de pele clara, a quem se seguiram os árabes e os mouros.

O Mali representa o fim de uma sucessão de impérios poderosos — e há muito desaparecidos — que reinaram na África negra. No início da Idade Média, o Reino do Gana expandiu as grandes rotas das caravanas entre o rio Níger, a Argélia e Marrocos. Em 1240 d.C., este reino foi destruído pelos Mandingos, um povo que vivia mais a sul e que veio a construir um império ainda mais grandioso, chamado Império do Mali, que está na base do país que hoje conhecemos com este mesmo nome. O império atingiu grande prosperidade e as

idades de Gao e Tombuctu tornaram-se centros respeitados de aprendizagem da cultura islâmica.

Correram lendas sobre tesouros incríveis transportados pelas caravanas do ouro, e a fama do império chegou ao Médio Oriente. Porém, duzentos anos mais tarde, o império entrou em decadência quando os nómadas tuaregues e fulas o invadiram pelo norte. O povo Songai, a leste, foi controlando o império gradualmente e acabou por o dominar até 1591, quando os sultões de Marrocos fizeram chegar os seus exércitos às margens do Níger e devastaram o reino. No início do século XIX, quando os Franceses lançaram o seu fluxo colonial para sul, os antigos impérios do Mali quase foram totalmente esquecidos.

Após o virar do século, os Franceses instituíram, nos territórios que detinham na África Ocidental, aquilo que veio a ser conhecido como o Sudão Francês. Em 1960, o Mali declarou a independência, elaborou uma constituição e formou um governo. O primeiro presidente do país foi deposto por um grupo de oficiais das forças armadas, liderado pelo tenente Moussa Traoré. Em 1992, após várias tentativas de golpes de Estado malogradas, o presidente (agora general) Traoré foi deposto pelo então major Zateb Kazim.

Apercebendo-se rapidamente de que, por ser um ditador militar, não obteria empréstimos ou ajuda externa, abandonou a presidência da república, instalando no cargo Tahir, o atual presidente e seu testa de ferro. Sendo um manipulador sagaz, Kazim encheu o parlamento de «compadres» seus e manteve a distância em relação à União Soviética e aos Estados Unidos, preferindo manter relações próximas com a França.

Depressa passou a controlar todo o comércio do país, tanto a nível interno como externo, engordando várias contas bancárias secretas que detinha um pouco por todo o mundo. Envolveu-se em projetos de desenvolvimento e, apesar dos apertados controlos alfandegários instituídos por si próprio, lucrou bastante com o contrabando. Os subornos pagos por empresas francesas pela sua cooperação — como sucedia no caso da sua colaboração com Yves Massarde — tornaram-no multimilionário. Não era de admirar que o Mali fosse um dos países mais pobres do mundo, dado o carácter totalmente corrupto de Kazim e a ganância dos seus oficiais.

O *Boeing 737* das Nações Unidas curvou tão perto do solo que Eva chegou a pensar que a ponta da asa do aparelho abriria sulcos nas casas de madeira e adobe. Depois, o piloto nivelou a aeronave durante a aproximação ao primitivo aeroporto da lendária cidade de Tombuctu e aterrou com uma pancada seca. Olhando pela janela, Eva mal pôde acreditar que aquela cidade imunda fora, outrora, o grande entreposto comercial das caravanas dos antigos impérios do Gana, do Mali e do Songai, e que era habitada por cem mil pessoas. Fundada

pelos nómadas tuaregues como acampamento sazonal em 1100 d.C., tornou-se um dos maiores entrepostos comerciais da África Ocidental.

Era-lhe difícil conceber que aquela cidade tivesse tido um passado glorioso. Para além das três mesquitas antigas que ainda se mantinham de pé, muito pouco restava da grandeza de outrora. Parecia uma cidade fantasma, abandonada, com as suas ruas angulosas serpenteando por todo o lado, aparentemente sem levarem a lado nenhum em particular. A cidade tentava agarrar-se à vida, mas o esforço parecia ténue e infrutífero.

Hopper não perdeu tempo, pois saiu do avião e pôs o pé em terra antes mesmo de o silvo dos reatores se calar. Um oficial, que trazia na cabeça o curto boné cor de anil da guarda pessoal de Kazim, aproximou-se dele e fez-lhe continência. Cumprimentou o investigador das Nações Unidas num inglês com uma pronúncia francesa acentuada.

— Presumo que seja o Dr. Hopper.

— E o senhor deve ser o Sr. Stanley — devolveu Hopper, com o seu habitual humor acutilante.

O seu interlocutor não sorriu. O oficial do Mali olhou para Hopper com uma expressão pouco amistosa, que obviamente escondia suspeitas.

— Sou o capitão Mohammed Batutta. Faça o favor de me acompanhar ao terminal do aeroporto.

Hopper olhou para o «terminal». Pouco mais era do que um telheiro de chapa com janelas.

— Muito bem. Se é o melhor que consegue arranjar... — resignou-se secamente, recusando-se a submeter-se.

Caminharam diretamente para o terminal, onde entraram num gabinete quente como um forno e onde apenas existiam uma mesa de madeira velha e duas cadeiras. Atrás da mesa, um oficial de patente superior à de Batutta, que parecia estar de muito mau humor, olhou para Hopper por momentos, com um desprezo evidente.

— Sou o coronel Nouhoum Mansa. Mostre-me o seu passaporte.

Hopper tinha-se preparado, e entregou-lhe os passaportes dos seis membros da sua equipa. Mansa folheou desinteressadamente os documentos, prestando atenção apenas às nacionalidades.

— O que é que vieram fazer ao Mali? — indagou, por fim.

Hopper já tinha viajado pelo mundo e tinha pouca paciência para formalidades ridículas.

— Julgo que o senhor estará a par do objetivo da nossa visita ao país.

— Responda à pergunta!

— Somos membros da Organização Mundial de Saúde, um organismo das Nações Unidas, e a nossa missão aqui é investigar uma intoxicação que, segundo nos foi relatado, grassa entre os seus compatriotas.

— Os meus compatriotas não sofrem de nenhuma doença desse género!  
— afirmou o coronel com firmeza.

— Nesse caso, não se importará, certamente, que analisemos as reservas de água e obtenhamos amostras da qualidade do ar em cidades escolhidas ao acaso ao longo do rio Níger.

— Não vemos com bons olhos que estrangeiros venham ao nosso país procurar as suas deficiências!

Hopper não estava disposto a recuar perante uma autoridade tão estupidamente exercida.

— Estamos aqui para salvar vidas! Pensei que o general Kazim tinha compreendido esse facto!

Mansa ficou tenso. O facto de Hopper lhe ter atirado com o nome de Kazim em vez de lhe referir o presidente Tahir apanhou-o desprevenido.

— O general Kazim... deu ordens no sentido de autorizar a vossa visita?

— Ligue-lhe e logo ficará a saber!

Era *bluff*, mas Hopper nada tinha a perder.

— Esperem aqui! — ordenou o coronel com brusquidão, levantando-se e dirigindo-se à porta.

— Faça o favor de informar o senhor general de que os países seus vizinhos convidaram os cientistas das Nações Unidas a ajudarem-nos a descobrir a fonte da epidemia — disse Hopper — e que, se ele não permitir a entrada da minha equipa no Mali, será desprezado e prejudicará a sua reputação perante as nações do mundo inteiro!

Mansa abandonou o gabinete sufocante sem responder.

Enquanto esperava, Hopper presenteou o capitão Batutta com o seu olhar mais intimidante. Batutta fitou-o por momentos, mas acabou por virar costas e começar a deambular pelo gabinete.

Passados cerca de cinco minutos, Mansa voltou e sentou-se à secretária. Sem proferir uma palavra, carimbou todos os passaportes nos sítios indicados para o efeito e entregou-os a Hopper.

— Estão autorizados a entrar no Mali para procederem à vossa pesquisa. Mas, por favor, não se esqueça, Dr. Hopper, que o senhor e os seus colegas são visitantes, nada mais do que isso. Se prestarem declarações desfavoráveis ao governo ou participarem em qualquer ação que coloque em risco a segurança nacional, serão imediatamente deportados!

— Muito obrigado, senhor coronel. Por favor, transmita os meus agradecimentos ao general Kazim pela gentileza de permitir a nossa entrada no país.

— O capitão Batutta e dez dos seus homens encarregar-se-ão da vossa segurança.

— Fico muito honrado por ter um guarda-costas!

— Também fica obrigado a comunicar-me diretamente os resultados de todas as suas pesquisas. Espero a sua total colaboração nesta questão.

— E como é que eu vou fazer isso a partir do interior do país?

— A unidade do nosso capitão levará todo o equipamento necessário para as comunicações.

— Vamos dar-nos maravilhosamente — disse Hopper a Batutta, com alguma altivez. Em seguida, tornou a dirigir-se a Mansa. — Eu e a minha equipa vamos precisar de um carro para nos deslocarmos, de preferência um todo-o-terreno, e dois camiões para o transporte do material de laboratório.

— Arranjar-vos-ei veículos militares — respondeu o coronel, com a face rubra.

Hopper sabia bem que era importante o coronel salvar a face e ter a última palavra.

— Obrigado, senhor coronel Mansa. O senhor é um homem generoso e honrado. O general Kazim deve sentir-se muito orgulhoso por ter um autêntico guerreiro do deserto ao seu lado!

Mansa recostou-se na cadeira, com uma expressão de triunfo e satisfação crescente no olhar.

— Sim, o nosso general tem-me expressado muitas vezes a sua gratidão pelos meus serviços e pela minha lealdade.

As formalidades tinham terminado e Hopper voltou ao avião para supervisionar a descarga do material. Mansa observou-o pela janela do seu gabinete no «terminal» com um sorriso quase impercetível nos lábios.

— Devo restringir o trabalho deles às áreas consideradas não secretas? — perguntou Batutta.

— Não — respondeu Mansa, abanando lentamente a cabeça, sem se virar para o capitão —, deixe-os ir aonde quiserem.

— E se o Dr. Hopper descobrir vestígios da intoxicação?

— Isso não tem importância. Desde que eu controle as comunicações com o exterior, os seus relatórios serão alterados de forma a mostrar que o nosso país está livre de doenças e de lixo tóxico.

— Mas quando voltarem à sede das Nações Unidas...

— ...as verdadeiras conclusões serão descobertas? — completou Mansa. — Sim, certamente serão — respondeu, virando-se de repente, com um ar ameaçador —, mas não se o avião deles sofrer um trágico acidente durante o voo de regresso!

## 10

PITT DORMITOU VÁRIAS VEZES DURANTE A VIAGEM DE AVIÃO ENTRE O EGITO e a Nigéria. Só acordou realmente quando Rudi Gunn percorreu o corredor do jato executivo da NUMA com três canecas de café nas mãos. Pegando numa delas, Pitt ergueu os olhos para Gunn, com um ar cansado e resignado e uma expressão completamente vazia de entusiasmo e de qualquer expectativa de vir a divertir-se.

— Em que ponto do porto de Port Harcourt é que nos encontraremos com o almirante? — perguntou, sem um verdadeiro interesse.

— Não será bem em Port Harcourt... — retificou Gunn, entregando-lhe o café.

— Se não será lá, então onde nos encontraremos com ele?

— Estará à nossa espera a bordo de um dos nossos navios oceanográficos, fundeado a duzentos quilómetros da costa.

— Estás a esconder-me alguma coisa, Rudi! — exclamou Pitt, fitando-o como um cão de caça fita uma raposa encurralada.

— Achas que o Al também quer um café?

Pitt olhou de relance para Giordino, que ressonava mergulhado num sono profundo.

— Deixa estar... Não o ias conseguir acordar nem com fogo de artifício junto aos ouvidos dele.

Gunn tomou um assento ao lado do de Pitt, do outro lado do corredor.

— Não te sei dizer o que é que o almirante Sandecker tem em mente porque, sinceramente, desconheço os seus planos. No entanto, suspeito que tenha a ver com um estudo que os biólogos marinhos da NUMA têm vindo a fazer em recifes de coral espalhados um pouco por todo o mundo.

— Estou a par desse estudo — disse Pitt —, mas os resultados chegaram depois de eu e o Giordino termos partido para o Egito.

Pitt sabia que Gunn acabaria por ser honesto com ele. Mantinham um relacionamento fácil, apesar das diferenças óbvias entre os dois estilos de vida. Gunn era um intelectual, com licenciaturas em Química, Finanças e Oceanografia. Sentir-se-ia como um peixe na água se vivesse na cave de uma biblioteca inundada de livros, reunindo relatórios e planeando projetos de pesquisa.

Pitt, por seu turno, gostava de trabalhos mais do tipo manual com coisas mecânicas, sobretudo quando se tratava da mecânica dos automóveis clássicos da coleção que tinha em Washington. A aventura era o seu vício. Sentia-se no



paraíso quando pilotava aviões antigos ou penetrava em navios históricos naufragados. Tinha um mestrado em Engenharia e adorava dedicar-se a trabalhos que outros julgavam impossíveis. Ao contrário de Gunn, raramente o viam sentado à sua secretária, no edifício sede da NUMA, pois preferia a adrenalina da exploração das profundezas desconhecidas do mar.

— A questão é que os recifes de coral estão em perigo, pois estão a morrer a um ritmo inaudito — explicou Gunn. — Atualmente, é um assunto bastante debatido entre os biólogos marinhos.

— Em que mares é que se revela essa tendência?

— Em vários — respondeu Gunn, baixando os olhos para o café. — Nas Caraíbas, das Florida Keys a Trindade e Tobago; no Pacífico, do Havai à Indonésia; no Mar Vermelho; em toda a costa de África...

— E o ritmo de desaparecimento é o mesmo em todos estes mares? — quis saber Pitt.

— Não — respondeu Gunn, abanando a cabeça —, o ritmo varia consoante a localização. O cenário mais negro parece ser o que se verifica ao longo da costa ocidental de África.

— Pensei que era relativamente comum os corais passarem por ciclos em que deixam de se reproduzir e morrem antes de os respetivos recifes se tornarem novamente colónias saudáveis.

— E isso é verdade — confirmou Gunn, assentindo com a cabeça. — Quando as condições ambientais voltam ao normal, os recifes recuperam. Porém, nunca os vimos morrer em tamanha escala nem a um ritmo tão alarmante.

— Tens alguma ideia do motivo?

— Existem dois fatores. Um é o aquecimento da água, o «vilão» habitual. A subida periódica da temperatura da água, geralmente causada por variações nas correntes marítimas, faz com que os minúsculos pólipos dos corais expilam — ou vomitem, se quiseres — as algas de que se alimentam.

— Se não me engano, os pólipos são aqueles diabretes de forma tubular cujos restos dos esqueletos vêm a constituir os recifes.

— Muito bem.

— Bem, isto resume praticamente todo o meu conhecimento sobre os corais... — admitiu Pitt. — A luta dos pólipos dos corais entre a vida e a morte raramente aparece nos telejornais.

— O que é uma pena... — lamentou Gunn, sucinto. — Especialmente se pensarmos que as alterações nos corais podem ser um barómetro bastante preciso no que se refere à previsão das condições futuras no mar e na atmosfera.

— Ok, os pólipos expelem as algas — pressionou Pitt. — O que acontece depois?

— Como as algas são aquilo que alimenta os pólipos e lhes permite ad-



quirirem as suas cores vibrantes — prosseguiu Gunn —, a sua regurgitação faz com que os corais morram de fome, adquirindo uma cor branca. A este fenómeno dá-se o nome de «branqueamento».

— O que raramente ocorre quando a água se encontra a uma temperatura mais baixa.

— Se já sabes isto tudo, para que é que eu to estou a explicar? — perguntou Gunn, olhando para Pitt.

— Estou à espera que chegues à parte interessante.

— Deixa-me beber o meu café antes que arrefeça...

Fez-se um momento de silêncio. Gunn não tinha verdadeiramente vontade de beber café, mas sorveu-o até Pitt se mostrar impaciente.

— Ok — retomou Pitt —, os recifes de coral estão a morrer em todo o mundo. Qual é o segundo fator relacionado com a sua extinção?

Gunn mexeu o café calmamente com uma colher de plástico.

— Uma nova ameaça, e grave!, é a abundância repentina de algas verdes e grossas e de outras plantas marítimas que estão a formar como que cobertores que cobrem os recifes como uma praga fora de controlo.

— Espera aí... Estás a dizer-me que os corais estão a morrer de fome porque regurgitam algas, apesar de se estarem a «afogar» nelas?!

— A temperaturas mais elevadas, a água dá com uma mão e tira com a outra. Contribui para o crescimento das algas, mas esse crescimento pode impedir que os nutrientes e a luz do Sol cheguem aos corais. É como se os asfixiasse. Isto para além de os destruir da forma que já te expliquei.

Pitt passou a mão pelo cabelo negro.

— Felizmente, a situação será revertida quando a água voltar a arrefecer.

— Não é o que tem estado a acontecer — informou Gunn —, pelo menos não no hemisfério sul... Nem se prevê qualquer descida na temperatura da água para a próxima década.

— Parece-te que se trata de um fenómeno natural ou de uma consequência do efeito de estufa?

— São duas possibilidades, para além dos habituais indicadores de poluição.

— Mas não tens provas concretas? — perguntou-lhe Pitt.

— Nem eu nem os cientistas oceanográficos da NUMA temos todas as respostas para este problema.

— Nunca vi um rato de laboratório sem uma teoria — ironizou Pitt, sorrindo.

Gunn correspondeu-lhe com outro sorriso.

— Nunca me tinha visto dessa forma...

— Nem nestes termos.

— Gostas de provocar as pessoas, não gostas?

— Só os académicos espertinhos.

— Bem — retomou Gunn —, não sou nenhum Rei Salomão, mas já que queres saber, a minha teoria sobre a proliferação das algas é que, após gerações a despejarmos águas residuais não tratadas, lixo e químicos tóxicos nos oceanos, acabámos por atingir o ponto de saturação. Mas qualquer miúdo em idade escolar te diria isto. O delicado equilíbrio químico nos mares está irremediavelmente perdido. A água está a aquecer, e vamos todos pagar caro por isso, principalmente os nossos netos.

Pitt nunca ouvira Gunn falar tão a sério.

— A situação é assim tão má?

— Estou convencido de que já passámos o ponto de não retorno.

— Não tens esperança de que a situação ainda se possa reverter?

— Não — respondeu Gunn, num tom soturno. — Os efeitos desastrosos da má qualidade da água vêm sendo ignorados desde há demasiado tempo.

Pitt olhou para ele, surpreendido por ver o subdiretor da NUMA rendido aos seus próprios pensamentos catastrofistas. Gunn pintara-lhe um cenário negro, mas ele não partilhava do pessimismo absoluto do seu superior hierárquico. Os oceanos podiam estar «doentes», mas ainda estavam longe de se encontrarem em estado terminal.

— Anima-te, Rudi! — exortou Pitt, tentando encorajá-lo. — Seja qual for a missão que o almirante tenha escondida na manga, certamente não estará à espera que nós os três salvemos os sete mares!

— Nunca tento adivinhar o que o almirante tem em mente — retorquiu Gunn, olhando-o com um sorriso abatido.

Se qualquer um deles tivesse sabido ou sequer adivinhado quão errados estavam ambos, teriam ameaçado o piloto com grande violência se este não voltasse para trás e os levasse imediatamente de volta ao Cairo.

O tempo que passaram na pista de aviação de uma companhia petrolífera instalada nas imediações de Port Harcourt foi curto e decorreu sem complicações. Minutos depois, sobrevoavam já o Golfo da Guiné, a bordo de um helicóptero. Após quarenta minutos de voo, a aeronave sobrevoou o *Sounder*, um navio oceanográfico da NUMA que Pitt e Giordino conheciam bastante bem, pois tinham conduzido pesquisas a bordo daquela embarcação em três ocasiões diferentes. Tendo custado oitenta milhões de dólares, aquele navio de cento e vinte metros de comprimento estava equipado com os sistemas sísmicos e batimétricos e com os sonares mais sofisticados que navegavam os mares do mundo inteiro.

O piloto do helicóptero contornou a enorme grua da popa do *Sounder* e pousou no heliporto, situado atrás daquela superestrutura. Pitt foi o primeiro a pisar o convés, seguido de Gunn. Giordino, que caminhava como um mor-

to-vivo, foi o último a sair da aeronave, bocejando a cada passo. Vários tripulantes e cientistas, que eram velhos amigos, foram cumprimentar os três ainda as pás do rotor do helicóptero abrandavam a sua rotação e o aparelho não tinha sido fixado ao piso do heliporto.

Pitt conhecia os cantos do navio e subiu uma escada que levava à escotilha e dava acesso a um dos laboratórios de investigação marinha. Passou pelas mesas cobertas de aparelhos de análises químicas e entrou num anfiteatro. Para um navio de pesquisa oceanográfica no ativo, aquela sala apresentava-se elegantemente mobilada com uma longa mesa de mogno e confortáveis cadeiras de cabedal, almofadadas. Parecia uma sala de reuniões para executivos.

Diante de um grande ecrã de retroprojeter, de costas para Pitt, encontrava-se um homem de pele negra. Parecia concentrado no diagrama projetado no ecrã. Era pelo menos vinte anos mais velho do que Pitt e muito mais alto. Pareceu-lhe que o homem ultrapassava ligeiramente os dois metros de altura e que lhe transpareciam, por todos os poros, os movimentos soltos típicos de um antigo jogador de basquetebol.

Porém, o que mais chamou a atenção de Pitt e dos seus dois amigos não foram o gráfico colorido projetado no ecrã ou a presença daquele estranho incrivelmente alto, mas a outra figura que também se encontrava na sala. Era um indivíduo em boa forma física, de estatura baixa, contudo dominante, que assistia impassível à apresentação recostado na cadeira, com uma mão em cima da mesa e um enorme charuto por acender na outra. A face oblonga, os frios e autoritários olhos azuis, o cabelo ruivo forte — agora já algo grisalho — e a barba perfeitamente aparada davam-lhe a imagem de um almirante da Marinha de Guerra aposentado. E era isso mesmo que o casaco azul com as âncoras douradas bordadas no bolso do peito sugeriam que aquele homem era.

O almirante James Sandecker, a força motriz por detrás da NUMA, endireitou-se, exibiu o seu sorriso de barracuda e dirigiu-se aos recém-chegados com a mão estendida.

— Dirk! Al! — A saudação dava a impressão de que tinha sido surpreendido por uma visita inesperada. — Parabéns pela descoberta da barca funerária do faraó. Um belo trabalho! Muito bem feito, sim senhor! — exclamou, reconhecendo a presença de Gunn com um simples aceno da cabeça. — Rudi, vejo que conseguiste reuni-los sem problemas.

— Como ovelhas a caminho da matança — confirmou Gunn, com um sorriso amargo.

Pitt lançou-lhe um olhar duro, depois virou-se para Sandecker.

— O senhor mandou-nos vir do Nilo com uma pressa dos diabos. Porquê?

— Nem um «Como está?» ou um «Que bom voltar a vê-lo!» — comentou Sandecker, fingindo-se ofendido. — Não há, sequer, um cumprimentozinho para o seu pobre chefe, que teve de cancelar um jantar com uma arrebatadora

e rica colunável de Washington e voar seis mil quilómetros só para elogiar o vosso trabalho?

— Porque é que será que o seu elogio extremamente duvidoso me deixa cheio de ansiedade?

Giordino deixou-se cair sobre uma cadeira, com uma expressão algo sombria.

— Já que fizemos um trabalho tão bom, que tal oferecer-nos um aumento chorudo, um bónus, uma passagem imediata para casa e umas férias pagas de duas semanas?

— O desfile apoteótico pela Broadway fica para mais tarde... — respondeu Sandecker, paciente — ...para depois do agradável cruzeiro que vão fazer pelo rio Níger.

— Pelo Níger...? — murmurou Giordino, taciturno. — Não vamos à procura de outro navio naufragado.

— Pois não.

— Quando? — quis saber Pitt.

— Partirão ao romper da aurora — respondeu Sandecker.

— Qual é, exatamente, a nossa missão?

— Começemos pelo princípio — disse Sandecker, virando-se para o homem enorme que se encontrava junto do ecrã de projeção. — Apresento-vos o Dr. Darcy Chapman, diretor do departamento de toxicologia marinha do Goodwin Marine Science Lab, em Laguna Beach.

— Meus senhores — disse Chapman, com uma voz grave que parecia sair do fundo de um poço —, é um enorme prazer conhecer-vos. O almirante Sandecker falou-me das missões que têm desempenhado juntos, e devo dizer-vos que fiquei realmente impressionado!

— O senhor fazia parte da equipa dos Denver Nuggets — disse Gunn por entre dentes, inclinando-se para trás para olhar Chapman nos olhos.

— Isso foi até os joelhos darem de si — respondeu Chapman, sorrindo. — Depois, voltei para a universidade e doutorei-me em Química Ambiental.

Pitt e Gunn apertaram a mão a Chapman; Giordino limitou-se a acenar-lhe um cumprimento lasso da cadeira. Sandecker pegou num intercomunicador e pediu o pequeno-almoço à tripulação da cozinha.

— É melhor ficarem confortáveis — disse, de repente —, porque ainda temos muito que fazer antes do nascer do dia.

— Tem *mesmo* uma missão tramada para nós... — disse Pitt, pensativo.

— Claro que é uma missão tramada — confirmou Sandecker, com a maior descontração.

Acenou com a cabeça ao Dr. Chapman e este premiu um botão do controlo remoto do ecrã, onde surgiu um mapa colorido que mostrava o curso sinuoso de um rio.

— Eis o rio Níger, o terceiro maior curso de água de África, logo atrás do

Nilo e do Congo. Estranhamente, nasce na Guiné, a uns meros trezentos metros do mar, mas flui para nordeste e, depois, para sul ao longo de 4200 quilómetros, antes de desembocar no Atlântico, através do seu delta, situado na costa da Nigéria. Ora, algures no seu curso... em algum lugar, um veneno altamente tóxico está a entrar-lhe na corrente, o que faz com que seja escoado para o mar. E no mar, esse veneno está a causar uma catástrofe que se pode considerar... enfim... de proporções incalculáveis, podendo mesmo levar ao fim do mundo.

## 11

PITT FITOU SANDECKER, SEM SABER SE TINHA PERCEBIDO BEM.

— O fim do mundo, senhor almirante? Percebi bem o que o senhor disse?

— Não estou a inventar nada disto — respondeu-lhe Sandecker. — O mar ao largo da África Ocidental está a morrer, e a praga está a disseminar-se por ação de uma substância contaminadora desconhecida. A situação está a evoluir rapidamente no sentido de uma reação em cadeia com potencial para destruir todas as formas de vida marinhas.

— E isso poderia levar a uma alteração permanente das condições climáticas em todo o planeta — reforçou Gunn.

— Essa é a menor das nossas preocupações — salientou Sandecker. — O resultado final seria a extinção de todas as formas de vida na Terra, o que nos inclui a nós também!

— Não estará a exagerar... — murmurou Gunn, num tom de recriminação.

— A exagerar... — interpôs Sandecker amargamente. — Os idiotas do Congresso dirigiram-me estas mesmas palavras quando eu comecei a lançar o alarme, a pedir-lhes ajuda para isolar e resolver o problema. Estão mais preocupados em manterem o seu precioso poder e em prometerem a Lua para serem reeleitos. Estou farto, até à ponta dos cabelos, das suas reuniões de comissões parlamentares, da sua falta de coragem para enfrentarem problemas populares e de os ver a conduzirem o país à bancarrota! O sistema bipartidário tornou-se um pântano de fraudes e promessas criminosas! Tal como acontece com o comunismo, a grande experiência da democracia é ir definhando com a corrupção. Quem é que quer saber se os oceanos estão de boa saúde ou não? Pois eu quero, porra! E hei de salvá-los, nem que seja fuzilado!

Os olhos de Sandecker eram tições de revolta e a veemência comprimi-

ra-lhe os lábios. Pitt estava atordoado com toda aquela emoção estranhamente exagerada.

— Fazem-se despejos de lixo tóxico em quase todos os rios do mundo... — arriscou, num tom calmo, centrando novamente a discussão. — O que tem de especial a poluição do Níger?

— O que tem de especial é o facto de estar a originar um fenómeno comumente conhecido como «maré vermelha» que se está a reproduzir e a espalhar a uma escala assustadora!

— *A água enfeitizada a queimar, numa cor rubra, quieta, horrenda* — citou Pitt.

Sandecker olhou de relance para Gunn, depois fitou Pitt.

— Compreendeu a mensagem.

— Mas não estou a ver qual é a ligação — admitiu Pitt.

— Vocês são todos mergulhadores — disse Chapman —, portanto sabem, certamente, que a maré vermelha é um fenómeno causado por criaturas microscópicas chamadas «dinoflagelados», que são organismos que contêm um pigmento vermelho que transmite à água uma cor castanha-avermelhada quando estes proliferam e flutuam em massa.

Chapman premiu outro botão no controlo remoto e continuou a apresentação com uma imagem de um micro-organismo de aspeto estranho projetada no ecrã.

— As marés vermelhas vêm sendo registadas desde tempos imemoriais. Diz-se que Moisés transformou as águas do Nilo em sangue. Homero e Cícero também mencionaram um brilho vermelho no mar, bem como Darwin, durante a sua viagem a bordo do *Beagle*. Nos tempos modernos, este fenómeno tem acontecido esporadicamente por todo o mundo. A ocorrência mais recente teve lugar junto à costa ocidental do México, depois de a água se ter tornado lodosa e tóxica. Esta maré vermelha levou à morte de, literalmente, milhares de milhões de peixes, crustáceos e tartarugas. Até as lapas foram dizimadas. Foram interditadas praias numa faixa de mais de trezentos quilómetros e centenas de nativos e turistas morreram por terem ingerido peixe contaminado por uma espécie de dinoflagelados com um teor de toxicidade mortífero.

— Já efetuei mergulhos autónomos em marés vermelhas e não sofri qualquer efeito nocivo — contrapôs Pitt.

— Felizmente, terá mergulhado em águas contaminadas por algumas das muitas variedades comuns e inofensivas deste micro-organismo — explicou Chapman. — No entanto, foi recentemente descoberta uma nova espécie, mutante, que produz as toxinas biológicas mais mortíferas que conhecemos até à data. Nenhuma forma de vida marinha que entre em contacto com estas toxinas sobrevive. Se alguma vez ingeríssemos ou nos fosse administrada tal coisa, bastariam alguns gramas para matar toda a humanidade.

— Esse veneno é assim tão potente?

— É — reafirmou Chapman, assentindo com a cabeça.

— E como se não bastasse o seu veneno altamente potente, estas criaturas microscópicas ainda se devoram umas às outras numa orgia de canibalismo marinho que diminui drasticamente o índice de oxigénio na água e faz com que todos os peixes e algas eventualmente sobreviventes morram por asfixia — acrescentou Sandecker.

— Mas o quadro é ainda pior — prosseguiu Chapman. — Setenta por cento de todo o oxigénio renovado é fornecido por diatomáceas, que são pequenas plantas como as microalgas marinhas. O restante provém da vegetação terrestre. Não vejo necessidade de aprofundar a forma como as diatomáceas, na água, e as árvores, nas selvas, produzem oxigénio através do processo da fotossíntese. Já todos estudaram isso no ensino secundário. A toxicidade asfixiante dos dinoflagelados, quando se aglomeram e se transformam numa maré vermelha, mata as diatomáceas. E sem diatomáceas, não há oxigénio! O mais trágico em tudo isto é que consideramos o oxigénio um dado adquirido e nunca pensamos que um ligeiro desequilíbrio na quantidade deste elemento químico produzida pelas plantas, aliado a todo o dióxido de carbono que produzimos, pode significar o nosso último suspiro.

— Há alguma possibilidade de esses micro-organismos se devorarem até ao último? — perguntou Giordino.

— Recuperam à razão de dez nascimentos por uma morte — respondeu-lhe Chapman, abanando a cabeça.

— Essas marés não diminuem, acabando por dispersar-se? — indagou Gunn. — Ou por desaparecer completamente quando correntes de água mais frias entram em contacto com elas?

Sandecker assentiu com a cabeça.

— Mas, infelizmente, não estamos a falar de condições normais. O micro-organismo mutante com que nos defrontamos parece ser imune às variações de temperatura na água.

— Portanto, o que nos está a dizer é que não há qualquer esperança de que a maré vermelha que assola a costa africana diminua de intensidade e desapareça?

— Se não fizermos nada, não desaparecerá — respondeu Chapman. — Os dinoflagelados estão a reproduzir-se a um ritmo astronómico, transformando-se em triliões de uma espécie de clones do Frankenstein. Em vez de termos vários milhares por cada quatro litros de água, agora temos vários milhares de milhões na mesma quantidade de água. Trata-se de um aumento nunca antes registado. Neste momento, a sua reprodução é imparável.

— Tem alguma teoria sobre o que terá causado esta maré vermelha mutante? — questionou Pitt.



— O catalisador por detrás desta nova e prolífica espécie de dinoflagelados ainda é desconhecido, mas acreditamos que algum tipo de poluente oriundo das águas do Níger está a causar a mutação dos dinoflagelados que proliferam em água salgada e a acelerar o seu ciclo de reprodução.

— Como um atleta que toma esteroides — comentou Giordino, friamente.

— Ou afrodisíacos... — acrescentou Gunn, sorrindo.

— Ou medicamentos para a fertilidade — lançou Pitt.

— Se esta maré vermelha não for controlada e se expandir livremente pelos oceanos, cobrindo a superfície da água com uma espécie de manta maciça de dinoflagelados tóxicos, a produção de oxigénio em todo o mundo descerá a níveis demasiado baixos para suportarem qualquer forma de vida — explicou Chapman.

— Acabou de nos descrever um cenário bem negro, Dr. Chapman — disse Gunn.

— Talvez devêssemos antes chamar-lhe um filme de terror — retificou Pitt, num tom sóbrio.

— Estes micro-organismos não podem ser destruídos com químicos? — indagou Giordino.

— Está a referir-se a pesticidas? — perguntou Chapman. — O mais provável seria que piorassem a situação. O melhor é cortarmos o mal pela raiz.

— Consegue prever algum prazo para o desencadear da catástrofe? — perguntou-lhe Pitt.

— Se não conseguirmos parar totalmente a contaminação da água do mar dentro de um período de quatro meses, estaremos perdidos. Se ultrapassarmos este período de tempo, a contaminação será já de tal forma gigantesca que nos será impossível controlá-la. Por outro lado, a praga tornar-se-á também autosuficiente, pois será capaz de se alimentar de si própria, transmitindo o veneno absorvido das águas do Níger à própria descendência.

Chapman fez uma pausa para premir um botão no controlo remoto, projetando um gráfico colorido no ecrã.

— As previsões debitadas pelos computadores indicam que milhões de pessoas começarão a morrer lentamente por asfixia dentro de oito meses, no máximo dez. As crianças mais jovens, com menor capacidade pulmonar, serão as primeiras a falecer. A falta de ar impedi-las-á de sequer emitirem um grito e a sua pele irá adquirindo um tom azulado à medida que vão entrando num estado de coma irreversível. Não será um cenário muito agradável de presenciar para as poucas pessoas que então ainda se encontrarem vivas e que serão as últimas a morrer.

Giordino mostrou-se incrédulo.

— Um mundo morto por falta de oxigénio é algo quase impossível de conceber!



Pitt levantou-se e aproximou-se do ecrã para analisar os números que indicavam o tempo de vida que restava à humanidade. Em seguida, virou-se e fitou Sandecker.

— Portanto, resumindo, o que o senhor pretende é que eu, o Al e o Rudi percorramos o rio com um navio oceanográfico de pequenas dimensões e analisemos amostras da água até identificarmos a fonte da contaminação que está a provocar a maré vermelha. Em seguida, deveremos descortinar uma forma de «fechar a torneira».

Sandecker assentiu com a cabeça.

— Enquanto isso, nós tentaremos desenvolver, nos laboratórios da NUMA, alguma substância que neutralize as marés vermelhas.

Pitt deu mais alguns passos e analisou um mapa com o rio Níger, que se encontrava pendurado numa parede.

— E se não encontrarmos a fonte do problema na Nigéria?

— Nesse caso, continuarão a subir o rio até a encontrarem.

— Navegaremos até ao centro da Nigéria, depois tomaremos a direção nordeste até onde o rio separa o Níger do Benim e seguiremos até ao Mali.

— Se for preciso — confirmou Sandecker.

— E qual é a situação política nestes países?

— Tenho de admitir que é algo instável.

— O que é que quer dizer com «algo instável»? — insistiu Pitt, céptico.

— A Nigéria, que é a nação mais populosa de África, com os seus cento e vinte milhões e habitantes, atravessa um período conturbado — começou a explicar Sandecker. — O governo democrático eleito há pouco tempo foi derrubado pelos militares no mês passado, naquele que foi o oitavo golpe de Estado em apenas oito anos, para não referir as inúmeras intencões malogradas. O interior profundo do país está a ser dilacerado pelas habituais guerras étnicas e pelos igualmente habituais conflitos entre muçulmanos e cristãos. Para além disto, a oposição anda a assassinar os membros do governo que acusa de corrupção e de má administração.

— Parece ser uma região cheia de diversão — resmungou Giordino. — Mal posso esperar para sentir o cheiro a pólvora!

Sandecker ignorou-o.

— A República Popular do Benim encontra-se sob um regime ditatorial bastante duro. O presidente Ahmed Tougouri governa pelo terror. Do outro lado do rio, no Níger, o Chefe de Estado é apoiado pelo presidente Muammar Khadafi, da Líbia, que anda atrás das minas de urânio do país. O Níger é a imagem acabada de um país em crise política aguda, com guerrilhas rebeldes por todo o lado. Sugiro que naveguem pelo meio do rio quando tiverem de passar por entre as forças em conflito.

— E quanto ao Mali? — sondou Pitt.

— O presidente Tahir é um homem decente, mas está preso ao general Zateb Kazim, que é o presidente do Conselho Superior de Defesa Nacional do país, órgão composto por três membros e que está verdadeiramente a sugar a vida daquela nação. O Kazim é um tipo extremamente desagradável e bastante *sui generis*, pois é o ditador virtual que exerce o poder nos bastidores de um governo honesto.

Pitt e Giordino trocaram sorrisos cínicos e abanaram as cabeças, resignados.

— Têm alguma objeção a colocar? — inquiriu Sandecker, fitando-os a ambos.

— «Um agradável cruzeiro pelo rio Níger»... — disse Pitt, invocando as palavras do almirante. — Tudo o que temos de fazer é navegar alegremente por mil quilómetros de um rio que fervilha de rebeldes sedentos de sangue, emboscados ao longo das margens; esquivar-nos a barcos-patrolha armados e reabastecer pelo caminho, sem sermos detidos nem executados sob a acusação de espionagem ao serviço de países estrangeiros. E tudo isto enquanto vamos recolhendo amostras da água para análises químicas. Não, senhor almirante, não há problema nenhum... excetuando o facto de ser um raio de uma missão suicida!

— Sim — respondeu Sandecker, imperturbável —, é possível que a situação vos transmita essa imagem, mas com um pouco de sorte conseguirão cumpri-la sem o mais pequeno inconveniente.

— Eu diria que rebentarem-me a cabeça é mais do que um «pequeno inconveniente»!

— Já pensaram em usar sensores de satélite? — perguntou Gunn.

— Esses instrumentos não nos garantem um grau de exatidão suficiente — respondeu Chapman.

— E que tal jatos voando a baixa altitude? — arriscou Giordino.

Chapman abanou a cabeça.

— O resultado seria o mesmo. Arrastar sensores pela água a velocidades supersónicas é algo que também não resultará. Sei-o por experiência própria, porque participei num ensaio desse género.

— O *Sounder* está equipado com os melhores laboratórios montados em barcos — disse Pitt. — Porque não tentamos entrar com o barco no delta do rio para, pelo menos, identificarmos o tipo, a classe e o nível da contaminação?

— Já tentámos fazer isso — respondeu Chapman —, mas uma canhoneira nigeriana intercetou-nos e a tripulação ordenou-nos que voltássemos para o mar antes de termos conseguido alcançar uma distância inferior a cento e dez quilómetros da boca do rio. Estávamos demasiado longe para conseguirmos fazer uma análise precisa.

— Este projeto só pode ser levado a cabo por uma embarcação pequena e bem equipada — disse Sandecker. — O barco terá de ser capaz de transpor rá-

pidos ocasionais e navegar por águas pouco profundas. Não temos outra forma de cumprir esta missão.

— O nosso Ministério dos Negócios Estrangeiros já tentou pedir aos governos envolvidos que permitam que uma equipa de investigadores analise a água do rio para salvar milhares de milhões de vidas? — quis saber Gunn.

— A abordagem direta já foi tentada, mas a Nigéria e o Mali recusaram o pedido terminantemente. Alguns cientistas respeitados deslocaram-se à África Ocidental para exporem a situação, mas os líderes africanos não acreditaram nos argumentos e até se riram deles. Não os podemos recriminar... A sua visão não atinge propriamente níveis monumentais. Não conseguem conceber nada a uma escala desta magnitude.

— Mas não têm uma elevada taxa de mortalidade entre os seus povos, por causa de terem bebido da água contaminada do rio? — indagou Gunn.

— O problema ainda não está muito disseminado — respondeu Sandecker, abanando a cabeça. — O rio Níger tem mais do que químicos flutuando nele... As vilas e cidades existentes ao longo das margens também despejam lixo e esgotos nas suas águas. Portanto, os nativos que vivem nas margens sabem que não devem beber daquela água.

Pitt percebeu onde é que o almirante queria chegar e o cenário não lhe agradou nada.

— Portanto, na sua opinião, a única hipótese que temos de identificar a fonte da contaminação é através de uma operação secreta?

— Precisamente — persistiu Sandecker.

— Espero que tenha um plano que cubra todos os obstáculos.

— Claro que tenho um plano!

— E será que podemos saber como é que vamos fazer para encontrarmos a fonte da contaminação e, por milagre, continuarmos vivos? — indagou Gunn, num tom contido.

— Não é nenhum segredo extraordinário! — exclamou Sandecker, exasperado. — A vossa chegada será anunciada como uma viagem de lazer feita por três industriais franceses ricos à procura de investimentos na África Ocidental.

Gunn pareceu aterrado, Giordino estupefacto. Quanto a Pitt, uma nuvem de fúria começou a espalhar-se-lhe pela cara.

— É isso? — atirou Pitt. — É esse o seu plano?

— Sim, e é um plano excelente! — devolveu Sandecker, no mesmo tom.

— É uma loucura! Não vou!

— Eu também não! — rosnou Giordino. — Sou tão parecido com um francês como o Al Capone!

— Eu também não vou! — acrescentou Gunn.

— E muito menos num barco lento e desarmado! — exclamou Pitt, firme. Sandecker fingiu não notar aquele motim.

— Por falar nisso, esqueci-me de vos referir a parte melhor: a do barco! Quando o virem, garanto-vos que vão mudar de ideias!

## 12

SE PITT TIVESSE SONHADO COM *PERFORMANCES* DE ALTO NÍVEL, COM ESTILO, conforto e um poder de fogo capaz de derrotar a Sexta Esquadra da Marinha de Guerra Americana, teria visto os seus sonhos materializarem-se no barco que Sandecker lhe prometera. Bastou-lhe olhar a primeira vez para as linhas esguias e refinadas da embarcação, para o tamanho monstruoso dos seus motores e para o incrível armamento disfarçado, para se sentir rendido.

Era uma obra-prima de harmonia aerodinâmica em fibra de vidro e aço inoxidável. O barco fora batizado com o nome *Calliope*, inspirado na famosa musa da poesia épica. Concebido pelos engenheiros da NUMA e construído sob o maior secretismo num estaleiro naval do Luisiana, situado num dos pequenos rios afluentes do Mississípi, o seu casco de dezoito metros de comprimento, com baixo centro de gravidade e um fundo quase chato, tinha um calado de apenas um metro e meio de água, o que o tornava ideal para navegar nos canais pouco profundos da parte norte do rio Níger. Estava equipado com três motores V-12 turbo, a diesel, capazes de o fazerem deslizar na água a uma velocidade máxima de setenta nós. Nada fora deixado ao acaso na sua construção. Era um barco único, construído para uma missão específica.

Pitt encontrava-se ao leme, absorvendo a potência ímpar e a deslocação incrivelmente suave daquele superpotente iate desportivo quando o barco navegava calmamente, a trinta nós, pela água azul-acinzentada do Delta do Níger. Os seus olhos varriam constantemente as águas adiante enquanto as margens iam desfilando, desviando-se ocasionalmente para verificarem a profundidade numa carta marítima e os números digitais no ecrã do sonar de profundidade. Já tinha passado por um barco-patrolha, mas a tripulação limitara-se a acenar-lhe com uma admiração evidente quando viu o iate a deslizar pela superfície do rio. Um helicóptero da Força Aérea sobrevoara-os em círculo, curioso, e um jato — segundo Pitt, um *Mirage*, de construção francesa — baixara de altitude para observar o barco e, satisfeito, seguira a sua rota. Até ali, tudo corria bem; ninguém tentara pará-los ou detê-los.

Em baixo, no interior espaçoso da embarcação, Rudi Gunn trabalhava

num pequeno mas muito bem equipado laboratório, concebido por uma equipa multidisciplinar de cientistas, que incluía versões altamente sofisticadas e compactas de instrumentos desenvolvidos pela NASA para exploração espacial. O laboratório fora concebido não só para analisar amostras de água mas também para transmitir, via satélite, os dados recolhidos a uma equipa de cientistas da NUMA encarregue de identificar compostos complexos, recorrendo a bases de dados computadorizadas.

Sendo um cientista dos pés à ponta dos cabelos, que iam já rareando, Gunn estava completamente alheio ao perigo para lá das anteparas daquela elegante embarcação. Mergulhara totalmente no seu trabalho, sabendo que Pitt e Giordino o protegeriam de qualquer distração ou interrupção.

Os motores e o armamento eram da responsabilidade de Giordino, que ouvia Harry Connick Junior tocar piano e cantar velhos êxitos de música jazz através dos auscultadores, ligados a um gravador, com que abafava o ruído dos motores. Encontrava-se na casa das máquinas, sentado num banco almofadado, ocupado a abrir várias malas que continham lança-mísseis portáteis e os respetivos mísseis. O *Rapier* era um novo míssil multifunções concebido para atingir aviões voando a velocidades subsónicas, navios oceânicos, tanques e *bunkers* de cimento. Podia ser disparado do ombro ou montado num sistema de fogo central em grupos de quatro. Giordino estava a colocar as unidades já montadas em silos que permitiam que as baterias de mísseis disparassem através das aberturas das escotilhas blindadas da torre abobadada construída por cima da casa das máquinas, a qual parecia, aos olhos do observador incauto, uma simples escotilha envidraçada. Aquela superestrutura aparentemente inofensiva sobressaía mais de um metro acima do convés da popa e podia rodar num arco de duzentos e vinte graus. Depois de montar o lança-mísseis e os sistemas de direcionamento e de inserir os mísseis nos silos, Giordino dedicou-se a limpar e carregar um pequeno arsenal de pistolas e espingardas automáticas. Em seguida, esvaziou um caixote de granadas incendiárias de contusão e colocou quatro, com cuidado, no carregador grosso fixado num lança-granadas automático de cano curto.

Cada um dedicou-se às respetivas tarefas com uma frieza eficiente e uma dedicação inabalável que assegurariam o sucesso da missão e a sobrevivência individual. O almirante Sandecker escolhera criteriosamente os melhores elementos, e não poderia ter reunido uma equipa mais adequada para aquela missão quase impossível nem que tivesse esquadrinhado todo o país. A fé que tinha neles raiava o fanatismo.

Os quilómetros foram escorrendo sob o casco. As terras altas dos Camarões e os Montes Ioruba, que delimitavam a parte sul do rio, ergueram-se por entre a neblina abatida por uma humidade densa. As florestas tropicais alternavam com mantas de acácias e mangais espalhados ao longo das margens. Iam surgindo também vilas e pequenas cidades, que desapareciam

de vista à medida que a proa do *Calliope* ia rasgando as águas num grande V feito de espuma.

O rio era navegado por todos os tipos imagináveis de embarcações, incluindo canoas escavadas em troncos de árvores, velhos e ruidosos *ferryboats* perigosamente sobrecarregados de passageiros que iam acenando e pequenos cargueiros repletos de ferrugem que navegavam entre portos fluviais, cujo fumo das chaminés era espalhado pela ligeira brisa que soprava de norte. Era um cenário de tranquilidade que Pitt sabia ser efêmero, pois cada curva do rio podia esconder uma ameaça desconhecida à espera de os mandar para o Inferno.

Por volta do meio-dia, passaram sob a grande ponte de 1404 metros que atravessava o rio, ligando a cidade portuária e mercantil de Onitsha à vila agrícola de Asaba. As ruas movimentadas da cidade, delimitadas por complexos industriais, eram dominadas por catedrais católicas romanas. As docas, ao longo da margem, estavam cheias de navios e barcos mais pequenos que levavam comida e mercadorias rio abaixo e traziam matérias-primas rio acima, importadas do Delta do Níger.

Pitt concentrou-se em ziguezaguear por entre o tráfego fluvial, sorrindo para si mesmo perante os punhos erguidos e as pragas furiosamente rogadas ao *Calliope* quando este passava perigosamente perto de pequenas embarcações e as fazia oscilar violentamente com a ondulação provocada pela sua deslocação. Depois de passar a zona do porto, relaxou, largou a roda do leme e desentorceu os dedos. Havia quase seis horas que pilotava o barco, mas não se sentia cansado nem entorpecido. A cadeira de comando era tão confortável como as dos executivos das grandes empresas e o leme tão leve como a direção de um automóvel de luxo.

Giordino subiu à sala de comando com uma garrafa de cerveja *Coors* e uma sanduíche de atum.

— Deves estar a precisar de forrar o estômago... Afinal, ainda não comeste nada desde que abandonámos o *Sounder*.

— Obrigado! O meu estômago já estava a fazer tanto barulho que eu já nem conseguia ouvir os motores! — exclamou, entregando o leme ao amigo e acenando com a cabeça para lá da proa. — Tem cuidado quando passares pelo rebocador que traz as barcas, lá adiante, pois está a navegar aos «esses» quase a toda a largura do canal.

— Vou deixar-lhe bastante espaço a bombordo — confirmou Giordino.

— Estamos preparados para rechazar eventuais invasores? — perguntou Pitt, sorrindo.

— Não podíamos estar mais preparados! Avistaste alguém suspeito por perto?

Pitt abanou a cabeça.

— Apenas algumas passagens a baixa altitude feitas pela Força Aérea Ni-

geriana e uns quantos acenos amistosos de tripulações de barcos-patrolha que passaram por nós. Nada de especial. Tem sido uma viagem calma e enublada rio acima.

— Os burocratas cá do sítio devem ter acreditado na mentira do almirante.

— Esperemos que os países mais a norte também sejam assim tão crédulos!

— Sentir-me-ia muito melhor se arvorássemos a bandeira americana e tivéssemos o apoio do Ministério dos Negócios Estrangeiros, de Ralph Nader<sup>6</sup>, dos Denver Broncos e de uma companhia de fuzileiros navais — confessou Giordino, erguendo o polegar na direção da bandeira francesa, hasteada à popa.

— Não seria mau termos também o apoio do couraçado *Iowa*.

— A cerveja está fria? Pus uma grade no frigorífico há apenas uma hora.

— Está fria quanto baste — respondeu Pitt, entre duas dentadas na sanduíche. — O Rudi já tem alguma revelação extraordinária a fazer-nos?

Rudi fez um gesto negativo com a cabeça.

— Está perdido no «país das maravilhas» da química. Tentei meter conversa com ele, mas fez-me sinal para que me fosse embora.

— Acho que lhe vou fazer uma visita.

— Tem cuidado, vê lá se ele não te desmancha um joelho à dentada! — avisou Giordino, a bocejar.

Pitt riu-se e desceu a escada que dava acesso ao laboratório de Gunn. O pequeno cientista da NUMA analisava com os óculos na testa um documento acabado de imprimir de um computador. Giordino interpretara mal o estado de espírito de Gunn. Na verdade, até estava bem-disposto.

— Já descobriste alguma coisa? — perguntou Pitt.

— Descobri que o raio deste rio tem todos os poluentes conhecidos pelo Homem e mais alguns! — respondeu Gunn. — Está muito mais contaminado do que o Hudson, o James e o Cayuhoga nos *maus* velhos tempos em que eram verdadeiros vazadouros!

— A coisa parece complicada... — comentou Pitt, circulando pela cabina enquanto observava o sofisticado equipamento que a enchia até ao teto. — Para que é que servem estes instrumentos?

— Onde é que foste buscar a cerveja?

— Queres uma?

— Claro!

— O Giordino tem uma grade cheia no frigorífico. Espera um bocadinho, que vou buscar-te uma.

---

<sup>6</sup> Trata-se de um ativista político, escritor, conferencista e advogado norte-americano que tem demonstrado particular interesse e envolvimento nas áreas ambiental, da ajuda humanitária, da proteção do consumidor e da governança democrática. (N. do T.)



Pitt baixou-se para passar por uma porta da cabina. Quando voltou, entregou uma garrafa de cerveja fria ao cientista.

Gunn bebeu vários goles e suspirou.

— Ok — disse depois —, respondendo à tua pergunta: a nossa pesquisa inclui três elementos essenciais, e o primeiro implica a utilização de uma microincubadora automatizada. Uso esta unidade para misturar minúsculas quantidades de água do rio em provetas que já contêm amostras da maré vermelha que recolhemos junto à costa. Em seguida, a microincubadora analisa, por meios óticos, a reprodução dos dinoflagelados. Passadas algumas horas, o computador indica-me a potência da mistura e o ritmo de reprodução dos pequenos estupores. Depois de alguns cálculos, obtenho uma estimativa bastante razoável da distância a que nos encontramos da fonte do nosso problema.

— Portanto, o catalisador da maré vermelha não se encontra na Nigéria...

— Os cálculos sugerem que a fonte está localizada mais a montante do rio — respondeu Gunn, contornando Pitt para se dirigir a dois aparelhos quadrados, tipo caixas, do tamanho de pequenos televisores, mas com portas onde estariam os ecrãs. — Estes dois instrumentos servem para identificar o malvado composto, como eu lhe chamo, ou o conjunto de compostos que está na base do nosso problema. O primeiro é um cromatógrafo de gás/espectrómetro de massa. Em poucas palavras, pego em provetas com amostras de água do rio e coloco-as dentro do aparelho. Depois, o sistema extrai e analisa automaticamente os conteúdos. Os resultados são, então, interpretados pelos computadores que temos a bordo.

— E o que é que este aparelho te indica concretamente? — quis saber Pitt.

— Este aparelho identifica poluentes orgânicos sintéticos, incluindo solventes, pesticidas, bifenilos policlorados, dioxinas e uma horda de outros componentes e compostos químicos. Esta maravilha identificará, espero eu!, os componentes químicos do composto que está a provocar a mutação e a estimular a maré vermelha.

— E se o poluente for um metal?

— É aí que entra o plasma de acoplamento indutivo/espectrómetro de massa — respondeu Gunn, apontando para o segundo instrumento. — Este aparelho serve para identificar automaticamente todos os metais e outros elementos que a água eventualmente contenha.

— Parece igual ao outro... — comentou Pitt.

— O princípio é basicamente o mesmo, mas a tecnologia é diferente. No caso deste aparelho, também me limito a introduzir-lhe provetas com amostras da água recolhida do rio, carrego nos botões que o ligam e verifico os dados a cada dois quilómetros.

— O que é que esta geringonça já te revelou?

Gunn fez uma pausa para esfregar os olhos inflamados.



— Bem, mostrou-me que o rio Níger contém metade de todos os metais conhecidos pela humanidade, desde o cobre à prata, passando pelo mercúrio, pelo ouro e até pelo urânio! E todos com níveis de concentração acima dos normais no subsolo.

— Não será fácil fazer a triagem de toda esta confusão... — murmurou Pitt.

— Por fim — prosseguiu Gunn —, os dados são enviados, por telémetro, aos nossos investigadores na NUMA, que reveem os resultados que eu obtenho nos seus laboratórios para verificarem se escapou alguma coisa.

Pitt não conseguia imaginar Gunn a deixar escapar alguma coisa. Sabia bem que, mais do que um cientista e investigador competente, o seu amigo de muitos anos era um homem que pensava friamente, com clareza, e da forma mais construtiva possível. Era uma espécie de disco duro dedicado que desconhecia o significado da palavra *desistir*.

— Já tens alguma pista quanto ao composto tóxico que pode ser o nosso «vilão»? — perguntou-lhe.

Gunn acabou de beber a sua cerveja e deitou a garrafa para dentro de uma caixa de cartão cheia de folhas impressas do computador já lidas.

— O termo «tóxico» é relativo. No universo da química não existem compostos tóxicos, apenas níveis de toxicidade.

— E então?

— Encontrei muitos poluentes diferentes e compostos químicos que existem na Natureza, tanto metálicos como orgânicos. Os aparelhos têm detetado níveis espantosos de pesticidas banidos nos Estados Unidos mas que ainda são bastante utilizados em países do Terceiro Mundo. No entanto, ainda não consegui isolar os poluentes químicos sintéticos que têm deixado os dinoflagelados num frenesim. Por enquanto, ainda nem sequer sei de que é que estou à procura exatamente. A única coisa que posso fazer é seguir o faro dos meus «cães de caça».

— Quanto mais avançamos, mais complicada a coisa se torna — refletiu Pitt. — Esperava que já tivesses alguma pista, por esta altura. Quanto mais penetrarmos em África, tanto mais perigosa será a viagem de volta ao mar, sobretudo se os militares destes países decidirem investigar o que andamos a fazer.

— Começa a habituar-te à possibilidade de não encontrarmos a fonte da contaminação! — exclamou Gunn, irritado. — Não fazes ideia da quantidade de químicos que existem! Já são mais de sete milhões de compostos químicos feitos pelo Homem, e todas as semanas só os químicos americanos criam mais de seis mil compostos novos!

— Mas não é possível que sejam todos tóxicos!

— Em maior ou menor grau, a maior parte destes químicos contém algumas propriedades tóxicas. Tudo pode ser tóxico quando ingerido, inalado ou

injetado em doses suficientes. Até a água pode ser fatal, se ingerirmos a quantidade suficiente para nos causar a morte. A ingestão de água em grandes quantidades elimina os eletrólitos necessários ao bom funcionamento do corpo.

— Portanto, não há quaisquer certezas ou garantias? — perguntou Pitt, olhando para ele.

— Nenhumas — confirmou Gunn, abanando a cabeça. — A única certeza que tenho é que ainda não passámos pelo local por onde a nossa praga do fim do mundo vaza para o rio. Desde que entrámos no delta e passámos pelos principais afluentes do baixo Níger, os rios Kaduna e Benue, as amostras de água têm deixado os dinoflagelados num frenesim, mas não faço a menor ideia de qual é o catalisador. A única boa notícia é que consegui excluir os microrganismos bacterianos.

— E como é que chegaste a essa conclusão?

— Esterilizando as amostras de água do rio. Verifiquei que a remoção das bactérias não abrandou minimamente o ritmo de reprodução daqueles diabretes!

— Rudi, se há alguém capaz de identificar a origem do problema, essa pessoa és tu! — exclamou Pitt, dando uma palmada ligeira nas costas do amigo.

— Ah, eu hei de descobrir o fio à meada — garantiu Gunn, tirando os óculos para limpar as lentes. — A origem do problema pode ainda ser desconhecida, diabólica e não natural, mas eu hei de descobrir o fio à meada. É uma jura que te faço!

A sorte acabou-se-lhes na tarde seguinte, apenas uma hora depois de terem cruzado a fronteira e entrado no troço do rio que separa o Benim do Níger. Pitt observava, em silêncio, o rio para lá da proa do *Calliope*, emparedado por muralhas de selva cerrada, uma selva húmida e impenetrável. Nuvens cinzentas transmitiam uma cor plúmbea à água. Mais adiante, o rio formava uma ligeira curva que parecia chamá-los, como o dedo esquelético da morte.

Era Giordino quem pilotava o barco, com os primeiros sinais ténues da fadiga a enrugar-lhe os cantos dos olhos. Pitt encontrava-se ao seu lado, de pé. Naquele momento, um corvo-marinho solitário pairando sobre uma corrente de ar ascendente por cima da água atraiu-lhe a atenção. De repente, a ave bateu as asas e mergulhou na floresta que ladeava o rio. Pitt pegou nuns binóculos que se encontravam em cima da mesa de comando e vislumbrou a proa de um barco que mal se via para lá de uma das curvas do rio.

— Parece que vamos ter uma visita das gentes locais — anunciou.

— Estou a vê-lo... — respondeu Giordino, levantando-se da cadeira e protegendo os olhos com a mão — ...ou melhor, estou a vê-los. São dois.

— Vêm direitos a nós, com as armas apontadas e à procura de problemas.

— Qual é o pavilhão deles?

— São do Benim — respondeu Pitt. — A julgar pelas linhas, deve ser de construção russa.

Pitt pousou os binóculos e estendeu um mapa de reconhecimento com a descrição das unidades das Forças Aéreas e das Marinhas de Guerra dos países da África Ocidental.

— São navios de guerra fluvial, armados com dois canhões gêmeos automáticos de 30 milímetros com uma cadência de fogo de cerca de quinhentos disparos por minuto.

— Isso não é nada bom... — murmurou Giordino, olhando de relance para a carta fluvial. — Mais quarenta quilômetros e sairemos das águas territoriais do Benim para entrarmos nas do Níger. Com sorte, e navegando a toda a velocidade, poderíamos chegar à fronteira por volta da hora do almoço.

— Esquece a sorte. Nitidamente, a intenção dos tipos não é desejarem-nos boa viagem com acenos efusivos, deixando-nos seguir tranquilamente o nosso caminho. E também não me parece que seja uma inspeção de rotina, a julgar pelas armas apontadas às nossas caras!

Giordino olhou para trás e apontou para o céu por cima da popa.

— A coisa está a ficar mais complicada. Mandaram vir um «abutre»...

Pitt virou-se e viu um helicóptero contornando a curva do rio que tinham passado antes, a uma altitude que não ultrapassaria os dez metros da superfície da água.

— Acabaram de se desvanecer todas as esperanças de um encontro pacífico!

— Cheira-me a uma cilada — disse Giordino calmamente.

Pitt alertou Gunn, que foi informado da situação assim que saiu da sua cabina eletrónica.

— Já estava mais ou menos à espera disto — foi tudo o que disse.

— Têm estado à nossa espera — disse Pitt. — Não é um encontro casual. Se, por enquanto, o objetivo deles ainda for apenas deterem-nos e confiscarem o barco, quando descobrirem que somos tão franceses como um trio de acompanhantes do Bruce Springsteen, pensarão que somos espiões e executam-nos imediatamente. Não podemos permitir isso. Todos os dados que recolhemos desde que entrámos no rio têm de chegar às mãos do almirante Sandecker e do Chapman. Estes tipos estão preparados para nos arranjam problemas. Não pode haver qualquer tentativa inocente de cooperação da nossa parte. Estamos numa situação em que ou os afundamos ou afundam-nos eles a nós!

— Talvez eu consiga abater o helicóptero e, com um pouco de sorte, o barco mais próximo também — disse Giordino —, mas não consigo abater os três sem que algum deles nos desfaça.

— Ok, eis o que vamos fazer...

Pitt falou calmamente, enquanto observava as canhoneiras, que se aproximavam. Explicou-lhes o seu plano e Giordino e Gunn ouviram-no, apreensivos.

— Alguma dúvida? — perguntou-lhes, quando terminou.

— Por estas bandas, eles falam francês — comentou Gunn. — Como é que está o teu vocabulário?

— Eu desenrasco-me — respondeu Pitt, encolhendo os ombros.

— Então vamos a isso — disse Giordino, com uma ponta de antecipação glacial na voz.

Os seus amigos eram os melhores, pensou Pitt. Gunn e Giordino podiam não ser propriamente elementos altamente treinados de um corpo de forças especiais, mas eram homens corajosos e competentes que valia a pena ter ao seu lado numa situação de combate. Não se teria sentido mais confiante se comandasse um contratorpedeiro armado com mísseis e tripulado por duzentos homens.

— Ok — disse, com um sorriso sombrio. — Ponham os capacetes e mantenham-se em contacto. Boa sorte!

O almirante Pierre Matabu encontrava-se na ponte de comando da canhoneira da frente e observava o iate desportivo através de um par de binóculos enquanto este navegava rio acima. Tinha o ar de um presidiário que acabara de avistar um alvo fácil. Era um homem de estatura baixa, entroncado, na casa dos trinta, e envergava um uniforme ostensivo, concebido por ele próprio, ornamentado com galões. Na qualidade de Chefe do Estado-Maior da Armada do Benim, posição que lhe fora atribuída pelo irmão, o presidente Tougouri, comandava uma frota constituída por quatrocentos homens, duas canhoneiras fluviais e três navios-patrolha oceânicos. A sua experiência anterior, antes de ascender ao cargo que agora ocupava, resumia-se a três anos como marinheiro de convés a bordo de um barco de rio tipo cacilheiro.

O comandante Behanzin Ketou, o capitão do barco, manteve-se ao lado dele, ligeiramente recuado.

— Meu almirante, foi uma decisão acertada o senhor ter-se deslocado de avião da capital para assumir o comando.

— Pois foi! — regozijou-se Matabu. — O meu irmão ficará muito feliz quando eu o presentear com um excelente navio de recreio, novinho em folha.

— Os franceses chegaram no momento que o senhor tinha previsto — elogiou Ketou, homem alto, magro e com um porte altivo. — A sua clarividência é verdadeiramente inspiradora!

— Foi muito simpático da parte deles fazerem exatamente o que o meu poder mental lhes ordenou — retorquiu Matabu, satisfeito.

O que ele não disse ao comandante foi que os seus agentes secretos o ti-

nham informado da passagem do *Calliope* a cada duas horas, desde que o barco entrara no delta do rio, ainda em território da Nigéria. A coincidência feliz de a embarcação ter entrado em águas do Benim foi apenas um desejo tornado realidade.

— Devem ser pessoas muito importantes, para terem um barco daqueles!

— São agentes do inimigo.

— Parecem-me pouco discretos para serem agentes do inimigo — arriscou Ketou, com uma expressão de incerteza e ceticismo.

Matabu baixou os binóculos de repente e fitou Ketou intensamente.

— Não se atreva a colocar em dúvida a informação de que disponho, nosso comandante! Acredite que aqueles estrangeiros brancos fazem parte de uma conspiração para delapidar a riqueza natural do nosso país!

— Serão detidos e julgados na capital?

— Não. O senhor executá-los-á depois de entrar no barco e encontrar provas da sua culpa.

— Meu almirante?

— Esqueci-me de lhe dizer que terá a honra de liderar os homens que invadirão o barco — disse Matabu, num tom imponente.

— Não podemos executá-los! — protestou Ketou. — Os Franceses exigirão uma investigação quando souberem que vários dos seus cidadãos mais influentes foram assassinados. O seu irmão talvez não aprove...

— Atirárá os cadáveres ao rio sem questionar as minhas ordens! — atalhou Matabu, num tom gélido.

— Como queira, meu almirante — respondeu Ketou, cedendo.

Matabu voltou a olhar pelos binóculos. O iate desportivo encontrava-se a uns meros duzentos metros de distância e diminuía a velocidade.

— Mandé os seus homens prepararem-se para entrarem no barco. Eu próprio comunicarei com os espões e ordenar-lhes-ei que recebam o seu destacamento.

Ketou dirigiu-se ao seu imediato, que transmitiu as ordens ao capitão da segunda canhoneira através de um megafone. Depois, voltou a concentrar-se no iate que se aproximava.

— Há algo de estranho naquele barco — disse a Matabu. — Não se vê ninguém para além do timoneiro.

— Provavelmente, a escória europeia deve estar caída de bêbada no interior e nem se apercebeu de nada.

— Estranho... Não parecem preocupados com a nossa presença e não revelam qualquer reação perante as nossas armas, apontadas na direção deles.

— Mandé disparar apenas se eles tentarem fugir. Quero capturar aquele barco inteiro.

Ketou apontou os binóculos na direção de Pitt.

— O timoneiro está a acenar-nos e a sorrir.

— Não sorrirá por muito tempo! — exclamou Matabu, mostrando os dentes. — Dentro de poucos minutos, estará morto.

— «Entrei na minha sala», disse a aranha às três moscas... — disse Pitt entre dentes, enquanto acenava e exibia um sorriso rasgado e falso.

— Disseste alguma coisa? — perguntou Giordino, de dentro da torre do lança-mísseis.

— Nada, estou só a falar com os meus botões.

— Não vejo nada pelas escotilhas da proa — disse Gunn, do seu posto de combate, na parte dianteira do barco. — O que devo fazer?

— Prepara-te para abateres os artilheiros do barco que temos a estibordo quando eu te der a ordem — respondeu-lhe Pitt.

— Onde é que está o helicóptero? — quis saber Giordino, que não conseguia ver nada por causa do escudo de proteção da torre.

— Está a uns cem metros, diretamente na direção da popa, e voa a uma altitude de uns cinquenta metros da superfície da água — informou Pitt, varrendo o rio atrás do barco com o olhar.

Não havia meias-medidas nos seus preparativos. Nenhum deles duvidou por um instante que as canhoneiras do Benim e o helicóptero jamais os deixariam passar sem os incomodarem. Calaram-se todos, cada um preparado e resignado a lutar para sobreviver. Todos os medos foram desaparecendo rapidamente à medida que se aproximavam do ponto de não retorno. Dominava-os uma determinação, uma teimosia pertinaz em não serem derrotados. Não eram homens que se submetessem docilmente e dessem a outra face. Eram três navios de guerra contra um iate armado, mas o elemento surpresa estava do lado deles.

Pitt carregou o lança-granadas, que se encontrava num nicho ao lado da sua cadeira, com as granadas incendiárias de contusão. Em seguida, colocou a alavanca de propulsão na posição de «ponto-morto», enquanto olhava ora para uma, ora para a outra das canhoneiras. Ignorou o helicóptero, pois Giordino encarregar-se-ia dele no início das hostilidades. Estava já suficientemente próximo para conseguir ver os oficiais e depressa concluiu que o africano gordo que deambulava pomposamente pela ponte de comando da primeira canhoneira com um uniforme digno de uma ópera cómica era quem comandava. Os seus olhos impassíveis fitaram, com um fascínio hipnotizante, os do Anjo da Morte, que o fitava a ele também por detrás dos canos negros dos canhões, todos apontados ao iate.

Pitt não podia adivinhar a identidade do oficial arrogante que o observava com os seus binóculos da ponte de comando da canhoneira, nem queria saber disso para nada, mas dava graças a Deus por o seu inimigo ter cometido o erro

estratégico de não ter atravessado as embarcações no rio, uma atrás da outra, o que lhe teria permitido bloquear eficazmente a passagem e descarregar todas as armas sobre o *Calliope*.

A onda levantada pela proa esmoreceu quando o iate passou por entre as canhoneiras, que já tinham parado e oscilavam ao sabor da corrente do rio. Pitt reduzira a velocidade o suficiente para permitir ao barco avançar muito devagar. Os cascos das canhoneiras agigantavam-se de ambos os lados do *Calliope*, a não mais de cinco metros de distância. Do seu posto de comando, Pitt pôde avistar a maior parte dos membros da tripulação, todos à vontade e armados apenas com pistolas automáticas, que mantinham nos respetivos coldres. Nenhum deles tinha uma espingarda automática. Cada um parecia esperar a sua vez numa carreira de tiro. Pitt olhou para cima, para Matabu, com um ar inocente.

— *Bonjour!*

Matabu inclinou-se sobre a mesa de comando e gritou a Pitt que parasse o iate para receber militares a bordo.

O americano não percebeu uma palavra, e voltou a dirigir-se ao almirante.

— *Pouvez-vous me recommander un bon restaurant?*

— O que é que ele disse? — perguntou Giordino a Gunn.

— Meu Deus... — gemeu Gunn. — Ele acabou de pedir ao manda-chuva dos gajos que lhe recomendasse um bom restaurante!

As canhoneiras foram sendo lentamente arrastadas, de ambos os lados do *Calliope*, enquanto Pitt mantinha os motores do iate desportivo a funcionar com a potência suficiente para contrariar a força da corrente. Matabu voltou a ordenar-lhe que parasse e se preparasse para receber forças militares a bordo.

Pitt persistiu e tentou assumir uma atitude delicada e convincente.

— *Jaimerais une bouteille de Martin Ray Chardonnay.*

— O que é que ele está a dizer agora? — quis saber Giordino.

Gunn pareceu confuso.

— Acho que lhe pediu uma garrafa de vinho californiano...

— Aposto que a seguir vai pedir um frasco de mostarda *Grey Poupon!* — resmungou Giordino.

— Deve estar a tentar entretê-los enquanto os barcos deles são arrastados pela corrente.

A bordo da canhoneira, as expressões de Matabu e Ketou espelharam a mais absoluta confusão quando Pitt voltou a falar-lhes, desta feita na sua língua nativa:

— Não falo suaíli. Os senhores falam inglês?

Exasperado e cada vez mais furioso, Matabu desferiu um murro na mesa de comando da ponte do seu navio. Não estava habituado a que gozassem



com ele, e respondeu num inglês atabalhado, que Pitt mal conseguiu decifrar.

— Sou o almirante Pierre Matabu, Chefe do Estado-Maior da Armada do Benim! — exclamou, com um ar pomposo. — Pare as máquinas para o seu barco ser inspecionado! Pare, ou mandarei abrir fogo!

Pitt acenou energicamente com a cabeça e ergueu as mãos, num gesto de aceitação.

— Sim, com certeza. Não dispare. Por favor, não dispare!

A sala de comando do *Calliope* ia-se alinhando lentamente com a popa da canhoneira de Matabu. Pitt manteve apenas uma distância entre os dois barcos que apenas um atleta olímpico de salto em comprimento conseguiria transpor. A tripulação africana atirou cabos para os conveses da proa e da popa do iate, mas Pitt não se dirigiu a eles.

— Prenda os cabos! — ordenou Ketou.

— Estamos demasiado afastados — respondeu Pitt, encolhendo os ombros. Depois, ergueu uma mão e desenhou um meio arco no ar. — Esperem. Vou dar a volta.

Sem esperar qualquer resposta, empurrou as alavancas de propulsão e rodou o leme, fazendo com que o iate desportivo desse uma volta de cento e oitenta graus em torno da popa da canhoneira antes de endireitar a proa numa posição paralela ao bordo oposto do casco do navio de guerra. Agora, os dois navios encontravam-se paralelos um ao outro, ambos com as proas apontadas para jusante. Pitt reparou, com grande satisfação, que os canhões de 30 milímetros não podiam ser baixados o suficiente para conseguirem atingir a cabina de comando do *Calliope*.

Matabu olhou lá para baixo, na direção de Pitt, com um olhar de regozijo e um sorriso triunfal que começava a espalhar-se-lhe pela cara. Porém, Ketou não partilhava da satisfação feroz do seu superior. Na verdade, tinha uma expressão bastante desconfiada.

Calmamente, com o sorriso ainda pendurado na cara, Pitt esperou que a torre, onde se encontrava Giordino, ficasse alinhada com a casa das máquinas da canhoneira. Mantendo uma mão na roda do leme, levou a outra tranquilamente ao espaço abaixo da cadeira e pegou no lança-granadas pela coronha. Em seguida, falou em voz baixa pelo microfone do capacete.

— Temos o helicóptero à nossa frente e a canhoneira a estibordo. Meus senhores, chegou o momento; vamos a isto!

Mal Pitt acabou de falar, Giordino baixou o escudo de proteção que envolvia a torre, montada sobre a casa das máquinas, e disparou um míssil *Rapier* que atingiu em cheio o depósito de combustível do helicóptero. Gunn saiu pela escotilha da proa, com uma metralhadora M-16 modificada sob cada braço. Apertava os gatilhos das duas, e ambas as armas vomitavam as balas que ani-



quilaram as guarnições dos canhões de 30 milímetros, cuspidos os artilheiros como se fossem barbas de milho saltando de uma ceifeira-debulhadora. Pitt apontou o lança-granadas para o ar e disparou a primeira granada incendiária de contusão por cima do navio de Matabu, na direção da superestrutura da segunda embarcação. Como não conseguia ver o navio de apoio, disparou às cegas, calculando uma trajetória que deveria levar a granada a atingir o objetivo. Contudo, o engenho fez ricochete num guincho e caiu no rio, explodindo debaixo de água com um estrondo aterrador. O disparo seguinte falhou completamente o barco, rebentando do mesmo modo.

Matabu jamais poderia ter previsto o horror que explodia à sua volta. Tinha a sensação de que o céu e o ar se tinham rasgado de repente. A sua mente mal pôde conceber, num vislumbre atordoado, a completa desintegração do helicóptero, que se transformou numa bola de fogo gigante, seguida por um cogumelo de estilhaços que caíram no rio numa cascata de fogo.

— Os cabrões brancos enganaram-nos! — berrou Ketou, num repentino acesso de fúria por ter engolido o isco.

Correu para a amurada e brandiu furiosamente o punho na direção do *Calliope*.

— Baixem os canhões e disparem! — gritou aos artilheiros.

— Tarde de mais! — gritou Matabu, aterrorizado.

O almirante entrou em pânico e agachou-se onde estava, vendo, imobilizado pelo terror, a sua tripulação ser dizimada pelos projéteis dilacerantes das armas de Gunn. Olhava, petrificado num estado de choque incapacitante, para os corpos contorcidos em posições obscenas que rodeavam os canhões silenciosos, com as entranhas espalhando-se pelo convés. Matabu pura e simplesmente não conseguia conceber que um barco clandestino, disfarçado de simples iate navegando sob um pavilhão respeitado, tivesse poder de fogo suficiente para transformar o seu pequeno e confortável mundo num cenário de horror. O estrangeiro que ia ao leme do barco da morte recorrera à tática da surpresa. Os homens do almirante sentiam-se esmagados sob um estado de choque de que pareciam não conseguir sair. Corriam espavoridos de um lado para o outro como gado numa tempestade. Apanhados de surpresa e paralisados pelo medo, caíam como tordos sem responderem com um único disparo. Matabu apercebeu-se então, com uma certeza que lhe gelou o sangue, de que ia morrer. Apercebeu-se deste facto quando a torre do iate, situada à popa, rodou e disparou um míssil à queima-roupa contra a canhoneira, o qual lhe abriu um rombo no casco de madeira, atingindo a casa das máquinas, onde explodiu.

Quase em simultâneo, o terceiro disparo de Pitt atingiu o alvo. Por milagre, a granada fez ricochete numa antepara da segunda canhoneira e caiu por uma escotilha aberta, provocando uma série de explosões envoltas na fúria das chamas quando fez rebentar as munições que se encontravam armazenadas no

paiol do navio. O resultado foi uma erupção de fumo em espiral e de estilhaços que caíram numa cascata de anteparas, ventiladores, barcos salva-vidas e corpos, tudo despedaçado. O barco desapareceu brutalmente. A onda de choque atingiu a canhoneira de Matabu como um martelo, arremessando-a contra o iate desportivo, o que fez cair Pitt.

Entretanto, o míssil disparado por Giordino semeara o holocausto na casa das máquinas, reduzindo-a a metal retorcido e madeira desfeita. A água irrompeu em enormes golfadas pelo rombo enorme que se abriu no fundo do casco e a canhoneira começou a afundar-se rapidamente. Todo o interior do navio estava virtualmente transformado num caos infernal, com línguas de fogo dardando pelas escotilhas escancaradas. Plumões de um fumo negro e oleoso formaram rolos no ar tropical antes de pairarem sobre a floresta na margem do rio.

Como já não tinha mais alvos para abater junto aos canhões e nos conveses, Gunn efetuou os últimos disparos contra as duas figuras que se encontravam na ponte de comando. Duas das balas atingiram o peito de Matabu. O almirante levantou-se, manteve-se de pé durante algum tempo, agarrou-se ao corrimão da ponte como se se agarrasse à própria vida e olhou, emudecido, para o sangue que lhe manchava o uniforme imaculado. Depois, o seu corpo inclinou-se lentamente e caiu, inerte, no convés com uma violenta pancada surda.

Um silêncio desolador pairou sobre o rio durante um largo momento, quebrado apenas pelo crepitar do óleo a arder na superfície da água. De repente, um grito agonizante, como um guincho vindo das profundezas do Inferno, fez-se ouvir acima da água.

## 13

— ESCÓRIA OCIDENTAL! — GRITOU KETOU. — MATARAM A MINHA TRIPULAÇÃO!

Manteve-se ali, recortado no céu cinzento, com sangue a escorrer por uma ferida que tinha no ombro, atordoado pelo choque físico causado pela catástrofe semeada à sua volta.

Gunn ergueu o olhar e fitou-o com as armas já sem munições. Ketou fuzilou-o com o olhar por momentos, depois concentrou-se em Pitt, que se levantava no convés para voltar à roda do leme.

— Escória ocidental! — repetiu Ketou.

— É justo! — gritou Pitt, sobrepondo a voz ao estalejar das chamas. — Vocês perderam — disse, acrescentando em seguida: — Abandone o barco. Nós vamos contornar o navio e recolhê-lo-emos...

Num instante, quase como o abrir e fechar do obturador de uma câmara fotográfica, Ketou desceu a escada e correu para a popa. A canhoneira adornara acentuadamente a bombordo e encontrava-se já com a amurada junto à linha de água quando o capitão cruzou, com enorme dificuldade, o convés quase a pique.

— Abate-o, Rudi! — gritou Pitt ao microfone. — O tipo está a tentar chegar ao canhão da popa!

Gunn não respondeu. Livrou-se das armas agora inúteis, entrou no compartimento da proa e pegou numa espingarda automática *Remington TR870*. Pitt empurrou bruscamente as alavancas de propulsão até ao fim, virando o leme para bombordo, o que fez com que o *Calliope* desse meia-volta com uma guinada violenta que terminou com a proa apontada para montante. As hélices rodaram a toda a velocidade, fazendo baixar a traseira do barco, a água borbulhou sob a popa e o *Calliope* disparou como um cavalo de corrida saindo da *box*.

Naquele momento, já só havia destroços e óleo a flutuarem no rio. A canhoneira do comandante Ketou iniciava a sua última viagem, para o fundo do rio. As águas fluíam para dentro do casco desfeito e silvavam, transformando-se em nuvens de vapor. Já se tinham formado redemoinhos em torno dos joelhos de Ketou quando este conseguiu chegar aos canhões de 30 milímetros e apontar os canos ao iate desportivo em fuga. Premiu imediatamente o botão de fogo.

— Al! — gritou Pitt.

A resposta do amigo chegou-lhe na forma do sibilar de um míssil que Giordino acabava de lançar da torre. Um rasto de uma chama alaranjada e de fumo estendeu-se pelos ares na direção da canhoneira, mas a guinada abrupta de Pitt e a aceleração repentina tinham desequilibrado Giordino, desviando a mira da arma. O míssil assobiou por cima da canhoneira que se afundava e explodiu entre as árvores que ladeavam o rio.

Gunn apareceu ao lado de Pitt, na cabina de comando, e desatou a disparar a *Remington* por cima da popa, na direção de Ketou. O tempo pareceu abrandar quando as balas fustigaram a área em torno do suporte do canhão e atingiram o africano que comandava o barco. Pitt e os companheiros já estavam demasiado longe para conseguirem ver a frustração e o ódio estampados na face negra do comandante. Também não puderam ver que ele tombara sobre a mira do canhão, com a mão já sem vida ainda pressionando teimosamente o botão de fogo.

Uma barragem de fogo perseguiu o *Calliope*. Pitt deu rapidamente uma guinada apertada para estibordo, mas a ironia do combate não deixaria de se fazer sentir. Aquilo foi irónico porque, apesar da derrota catastrófica, um morto

conseguiu retaliar com uma precisão de que jamais viria a ter conhecimento. Salpicos de espuma branca envolveram o iate em fuga, enquanto algumas balas arrancaram o aerofólio que cobria a parte de cima e de trás da cabina de comando — sobre o qual se encontrava instalado o prato da antena parabólica, a antena das comunicações e o *transponder* —, atirando os destroços ao rio. O para-brisas da cabina de comando estilhaçou-se e foi também arrancado. Gunn atirou-se para o chão do convés, de barriga para baixo, mas Pitt apenas pôde curvar-se sobre a roda do leme e suportar aquela tempestade mortífera. Não conseguiram ouvir o impacto dos projéteis por causa do rugido tremendo dos motores turbo, a diesel, mas viam os estilhaços a voarem à sua volta.

Giordino acabou por conseguir voltar a fazer pontaria e lançou o seu último míssil. A popa quase totalmente submersa da canhoneira desapareceu de repente, envolta numa bafurada de fumo e chamas. Depois, o navio afundou-se de todo, deixando apenas um enorme aglomerado de bolhas e uma mancha crescente de óleo. O Chefe do Estado-Maior da Armada do Benim e a sua frota fluvial já não existiam.

Pitt forçou-se a virar as costas ao troço de rio repleto de destroços que deixavam para trás e a olhar para o seu próprio barco e para os companheiros. Gunn levantava-se, atordoado e sagrando de uma ferida que tinha na cabeça quase calva. Quanto a Giordino, saiu da casa das máquinas com o aspeto de um homem que tinha acabado de sair de um campo de andebol transpirado e cansado mas pronto para outra partida.

— Estamos metidos em problemas — gritou aos ouvidos de Pitt, apontando para montante.

— Talvez não — respondeu-lhe Pitt, também aos gritos. — A esta velocidade, entraremos nas águas territoriais do Níger dentro de vinte minutos.

— Deus queira que não tenhamos deixado testemunhas...

— Não contes muito com esse golpe de sorte. Apesar de não ter sobrevivido nenhum deles, alguém deve ter assistido das margens ao confronto.

— Assim que aportarmos em Níger — gritou Gunn, agarrando o braço de Pitt —, vamo-nos logo embora e retomamos a pesquisa.

— Afirmativo — concordou Pitt.

Dizendo isto, olhou de relance na direção da parabólica e da antena das comunicações. Só então reparou que ambos os equipamentos tinham desaparecido, juntamente com o aerofólio.

— Lá se foram as nossas hipóteses de contactar o almirante para lhe enviarmos um relatório completo...

— E os laboratórios da NUMA também não poderão receber quaisquer dados — acrescentou Gunn, sombrio.

— Que pena não lhe podermos dizer que o agradável cruzeiro pelo rio acabou de se transformar num pesadelo sangrento — bradou Giordino.

— Seremos todos mortos se não conseguirmos encontrar outra forma de voltarmos! — exclamou Pitt, num tom soturno.

— Quem me dera ver a cara do almirante quando souber que lhe demos cabo do barco! — disse Giordino, sorrindo perante a imagem.

— Hás de ver! — gritou-lhe Gunn, formando um megafone com as mãos, enquanto descia para o compartimento da eletrónica. — Hás de ver!

*Que estúpida confusão*, pensou Pitt. Passara apenas um dia e meio desde que tinham iniciado o projeto e já tinham morto pelo menos trinta homens, abatido um helicóptero e afundado duas canhoneiras! E tudo isto para salvar a humanidade, pensou sarcasticamente. Agora, não havia como voltar atrás! Tinham de descobrir o poluente antes de as forças do Níger ou do Mali os impedirem de vez. Fosse como fosse, as suas vidas já não valiam sequer o papel em que era impresso o desvalorizado dólar.

Olhou, de relance, para o prato do pequeno radar atrás da cabina de comando. Afinal, ainda sobrava alguma coisa que os podia salvar. O prato do radar estava intacto e continuava a girar. Seria um pesadelo se tivessem de navegar pelo rio à noite ou com nevoeiro sem aquele instrumento. A perda da unidade de navegação por satélite significava que teriam de identificar a posição do ponto de entrada do poluente no rio através de pontos de referência próximos do local. Mas não estavam gravemente feridos e o barco ainda navegava, devorando milhas a quase setenta nós. Agora, a única coisa que preocupava Pitt era a possibilidade de chocarem com algum objeto à tona de água ou com um tronco submerso. Àquela velocidade, qualquer colisão arrancaria a parte inferior do casco, fazendo com que o barco capotasse e se desfizesse.

Felizmente, o rio apresentava-se livre de obstáculos e Pitt errou por pouco no cálculo do tempo que levaram a entrar no Níger, pois dezoito minutos depois entraram nas águas territoriais daquele país, com o céu e o rio livres de forças armadas. Quatro horas depois, atracaram na doca de reabastecimento em Niamey, a capital. Depois de se reabastecerem de combustível e de aturarem as habituais maçadas dos serviços de imigração dos países da África Ocidental, obtiveram autorização para seguir caminho.

Quando os edifícios de Niamey e a ponte que atravessava o rio, batizada em honra de John F. Kennedy, ficaram para trás da esteira do *Calliope*, Giordino comentou, num tom animado:

— Até agora, tudo bem. De qualquer forma, as coisas não podem ficar piores do que já estão...

— *Não* está nada tudo bem — contrapôs Pitt, ao leme. — E as coisas podem ficar muito, muito piores!

— Porque é que estás tão pessimista? — perguntou-lhe, olhando para ele. — As pessoas parecem não ter nada contra nós, por estas bandas...

— Foi tudo demasiado fácil — disse Pitt, cético — e as coisas nunca são as-

sim nesta parte do mundo. Pelo menos não em África, e sobretudo não depois da nossa «pequena desavença» com as canhoneiras do Benim! Reparaste que, enquanto mostrávamos os passaportes e os documentos do barco aos serviços de imigração, não havia um único polícia ou militar por perto?

— Pode ter sido uma coincidência — aventou Giordino — ou talvez eles tenham sido apenas descuidados.

— Não foi nenhuma dessas coisas — refutou Pitt, abanando a cabeça com uma expressão séria. — Palpita-me que alguém nos está a preparar alguma armadilha.

— Achas que as autoridades do Níger já sabiam do nosso recontro com a Armada do Benim?

— As notícias viajam depressa, por aqui, e estava capaz de apostar que esta notícia em particular chegou antes de nós. De certeza que as Forças Armadas do Benim alertaram o governo do Níger!

Giordino não estava convencido.

— Nesse caso, porque é que os burocratas cá do burgo não nos mandaram prender?

— Não faço ideia — confessou Pitt, pensativo.

— Terá sido o almirante Sandecker? — aventou Giordino. — Talvez ele tenha intervindo...

— O almirante pode ser muito importante em Washington — rebateu Pitt, abanando a cabeça —, mas não tem qualquer influência aqui.

— Então, alguém quer algo que está em nosso poder.

— Parece que a resposta é mais por aí.

— Mas o que será?! — perguntou Giordino, exasperado. — Os dados que temos sobre o poluente?

— Excetuando nós os três, o almirante Sandecker e o Chapman, ninguém está ao corrente dos objetivos da nossa missão. A menos que haja, algures, uma fuga de informação, o motivo de nos deixarem ter seguido viagem tem de ser outro.

— O quê, por exemplo?

— E se for o nosso barco? — lançou Pitt, com um esgar.

— O *Calliope*? — disse Giordino, francamente cético. — Não, tens de tentar uma hipótese melhor.

— Não — retorquiu Pitt, convicto. — Pensa bem: é um barco para um tipo de missão muito específica, construído em segredo, capaz de atingir uma velocidade de setenta nós e tem poder de fogo suficiente para abater um helicóptero e duas canhoneiras em três minutos! Qualquer chefe militar da África Ocidental daria tudo para lhe deitar a mão.

— Ok, suponhamos que é isso — aceitou Giordino, relutante. — Mas, então, diz-me uma coisa: se o *Calliope* é assim tão desejável, porque é que os im-

becis do Níger não o apreenderam enquanto estivemos atracados na doca de reabastecimento de Niamey?

— Queres um palpite? Alguém fez um trato com eles!

— Quem?

— Não sei.

— E qual seria o motivo?

— Não faço ideia.

— Nesse caso, quando é que eles nos vão desferir o golpe de misericórdia?

— Se nos deixaram chegar até aqui, é porque a resposta deve estar no Mali.

— Isso quer dizer que não vamos voltar pelo mesmo caminho — concluiu Giordino, olhando para Pitt.

— Comprámos um bilhete de sentido único quando afundámos a Mari-nha de Guerra do Mali.

— Sou um defensor convicto da teoria de que chegar ao destino representa apenas metade da diversão.

— A diversão acabou, já que és suficientemente mórbido para lhe dares esse nome.

Pitt olhou para as margens do rio. A vegetação verdejante cedera o lugar a uma paisagem árida composta por arbustos rasteiros, gravilha e pó amarelo.

— A julgar pelo terreno, talvez tenhamos de trocar o barco por camelos, se quisermos voltar para casa.

— Gaita... — lamentou-se Giordino. — Estás a ver-me montado num des-ses abortos da Natureza? Logo *eu*, um homem razoável que acredita que o úni-co motivo para Deus ter feito os cavalos foi para fazerem parte dos cenários dos filmes de *cowboys*!

— Havemos de nos safar — disse Pitt. — O almirante há de mover metade do Céu e a maior parte do Inferno para nos tirar daqui depois de descobrirmos a origem do veneno.

— Então é isso... — retorquiu Giordino soturno, olhando, com um ar lú-gubre, para o Níger.

— O quê?

— O lendário povo Creek sobe o rio e perde os remos.

— Se é esse o caso — retorquiu Pitt, com um sorriso enigmático nos lábios —, então, por Deus, arriemos a bandeira francesa e icemos a nossa!

— Temos ordens para ocultarmos a nossa nacionalidade! — protestou Giordino. — Não podemos continuar a nossa missão secreta com a bandeira dos Estados Unidos arvorada!

— E quem é que falou na bandeira nacional?

— Nesse caso, posso perguntar-te que bandeira é que estás a pensar içar? — quis saber Giordino, consciente de que começava a entrar em terreno desconhecido.

— Esta! — exclamou Pitt, abrindo uma gaveta da mesa de comando da



ponte e atirando uma bandeira preta dobrada ao companheiro. — Pedi-a emprestada num baile de máscaras em que participei há alguns meses.

Giordino mostrou-se chocado, ao olhar para a caveira sorridente no centro do pano retangular.

— A bandeira dos piratas... Queres hastear a bandeira dos piratas?!

— Porque não?! — A surpresa de Pitt perante a angústia de Giordino parecia genuína. — Parece-me perfeitamente adequado fazermos um estardalhaço dos diabos navegando sob a bandeira mais indicada para o efeito!

## 14

— GRANDE EQUIPA DE INVESTIGADORES INTERNACIONAIS DE POLUENTES QUE nós somos! — resmungou Hopper, vendo o Sol pôr-se sobre os lagos e pântanos do Níger superior. — O máximo que conseguimos obter até agora foi a total indiferença em relação às questões sanitárias, típica do Terceiro Mundo!

Eva estava sentada num banco de campismo, diante de um pequeno fogão a óleo para se proteger do frio noturno.

— Fiz os testes para detetar a maior parte das toxinas conhecidas e não encontrei vestígios de nenhuma delas. Seja qual for a nossa doença «fantasma», está a revelar-se bastante difícil de identificar.

Ao seu lado, estava sentado um homem mais velho. Era alto, corpulento e tinha o cabelo cinzento-escuro e os olhos azuis-claros. Também era sensato e ponderado. O Dr. Warren Grimes, de nacionalidade neozelandesa, era o chefe da equipa de epidemiologia do projeto.

— Também não descobri nada — disse, contemplando um copo de água gaseificada. — Todas as culturas que obtive num raio de quinhentos quilómetros revelaram-se livres de qualquer micro-organismo causador de doenças.

— Ter-nos-á escapado alguma coisa? — perguntou Hopper, deixando-se cair sobre uma cadeira desdobrável com almofadas.

Grimes encolheu os ombros.

— Sem vítimas, não posso proceder a entrevistas ou autópsias. Sem vítimas, também não posso recolher amostras de tecidos ou obter resultados de análises. Preciso de dados observáveis para comparar sintomas ou efetuar um estudo de comparação de casos.

— Se há alguém a morrer por contaminação tóxica — disse Eva —, não é nesta região.



Hopper desviou o olhar da luz alaranjada que ia desaparecendo no horizonte, pegou num bule que se encontrava ao lume e serviu-se de uma chávena de chá.

— Será que as provas eram falsas ou exageradas?

— Os relatórios enviados para a sede das Nações Unidas eram vagos — recordou-lhe Grimes.

— Sem dados concretos e localizações exatas com que pudéssemos trabalhar, parece que nos precipitámos.

— Eu acho que há aqui uma tentativa de encobrimento — disse Eva, de repente.

Fez-se silêncio, e Hopper desviou o olhar de Eva para Grimes.

— Se é isso, é um encobrimento excelente — acabou por murmurar Grimes.

— Não sei bem se não concordo... — disse Hopper, com a curiosidade despertada. — Aparentemente, as equipas que enviámos para o Níger, o Chade e o Sudão também não encontraram nada.

— O que isso sugere é que a epidemia está localizada no Mali e não nos outros países — concluiu Eva.

— Podemos enterrar vítimas, mas não podemos ocultar vestígios da epidemia — observou Grimes. — se a epidemia estivesse a ocorrer nesta região, tê-la-íamos descoberto. Na minha opinião, temos andado atrás de uma coisa que não existe.

Eva fitou-o, os seus olhos azuis-claros aparentemente maiores sob o reflexo da chama do fogão de campismo.

— Se escondem vítimas, é possível que também alterem relatórios.

— Ah-ah! — exclamou Hopper, assentindo com a cabeça. — A Eva tem razão. Não confio no Kazim nem no seu gangue de víboras. Nunca confiei! E se eles alteraram, de facto, os relatórios para nos manterem afastados da fonte do contágio? E se o contágio não se verifica onde fomos levados a crer que se verificava?

— É uma possibilidade que vale a pena explorar — admitiu Grimes. — Temo-nos concentrado nas regiões mais húmidas e desérticas do país porque seria lógico que a incidência da doença e do seu contágio fosse mais elevada nestas áreas.

— O que fazemos agora? — perguntou Eva.

— Voltamos a Tombuctu! — exclamou Hopper, decidido. — Repararam no olhar das pessoas que entrevistámos antes de termos vindo para sul? Estavam nervosas e inquietas... Via-se nas suas caras! É bem possível que tenham sido ameaçadas para se manterem caladas.

— Sobretudo os tuaregues do deserto — recordou Grimes.

— Sobretudo as mulheres e os filhos deles, quer o colega dizer! — acrescentou Eva. — Essas pessoas recusaram-se a ser examinadas.

— A culpa é minha — disse Hopper, abanando a cabeça. — Fui eu quem tomou a decisão de nos afastarmos do deserto. Foi um erro... agora vejo que foi um erro.

— O colega é cientista, não um daqueles detetives com capacidades paranormais — disse Grimes, tentando consolá-lo.

— Pois, sou um cientista — concordou Hopper imediatamente —, mas detesto que façam de mim parvo!

— A pista que nos escapou — disse Eva — foi a atitude paternalista do capitão Batutta.

— Ah-ah, tem razão! — exclamou Grimes, olhando para ela. — A menina voltou a acertar em cheio! Agora que fala nisso, é verdade que o Batutta foi tão cooperante que chegou a mostrar-se absolutamente servil.

— É verdade — assentiu Hopper. — Desdobrou-se em esforços para nos permitir vir para onde queríamos, sabendo que estaríamos a centenas de quilómetros de distância das pistas.

— Seria interessante ver a cara dele quando lhe disser que recomeçaremos a nossa pesquisa no deserto — comentou Grimes, acabando de beber a sua água gaseificada.

— Antes de eu acabar de falar, já ele estará a transmitir a mensagem ao coronel Mansa via rádio!

— Podíamos mentir... — sugeriu Eva.

— Mentir? Por que motivo? — perguntou Hopper.

— Para o despistarmos, para os despistarmos a todos.

— Sou todo ouvidos!

— Diga ao Batutta que terminámos o nosso trabalho, que não encontrámos qualquer vestígio da epidemia e que voltamos para Tombuctu para fazermos as malas e irmo-nos embora.

— Não estou a perceber... Onde é que quer chegar?

— A equipa desiste, vai-se embora, mas apenas aparentemente — explicou Eva. — O Batutta despede-se de nós, aliviado por nos ver levantar voo, só que não aterramos no Cairo... Aterramos no deserto e voltamos a «montar a tenda» sem cães de guarda.

Os dois homens demoraram alguns segundos a interiorizar o plano de Eva. Hopper inclinou-se para diante, considerando a possibilidade. Quanto a Grimes, parecia que alguém lhe tinha pedido para embarcar no próximo foguetão para a Lua.

— Não pode ser — acabou por dizer, quase como quem pede desculpa. — Não é possível fazer aterrar um avião a jato no meio do deserto! Precisamos de uma pista de aterragem com, pelo menos, mil metros de comprimento!

— Há inúmeras zonas no Sahara onde o solo é completamente plano por centenas de quilómetros — argumentou Eva.

— É demasiado arriscado — teimou Grimes. — Se o Kazim viesse a saber disso, pagaríamos bem cara a brincadeira!

Eva olhou para ele intensamente, depois com alguma brandura para Hopper, em cuja cara detetou o esboço de um sorriso.

— É possível — disse, firme.

— Tudo é possível, mas muitas vezes não é prático.

Hopper desferiu um murro no braço da sua cadeira de campismo com tanta força que quase o partiu.

— Caramba, acho que vale a pena tentarmos!

— Não pode estar a falar a sério...! — disse Grimes, fitando-o.

— Mas estou! É claro que o nosso piloto e a sua tripulação terão a última palavra, mas, com os incentivos certos, como um bónus chorudo, acho que conseguimos convencê-los a arriscar.

— Mas está a esquecer-se de uma coisa — insistiu Grimes.

— O quê?

— O que vamos usar como transporte depois de aterrarmos?

Eva inclinou a cabeça na direção do pequeno *Mercedes* todo-o-terreno de carroceira fechada, que o coronel Mansa lhes fornecera em Tombuctu.

— O pequeno *Mercedes* deve caber à conta na entrada do porão.

— Mas a entrada do porão está a dois metros do chão — disse Grimes. — Como é que pensa fazer embarcar a viatura?

— Usamos rampas e conduzimo-lo para dentro do avião — propôs Hopper, com uma expressão jovial.

— Terá de o fazer nas barbas do Batutta...

— O que não é um problema incontornável.

— O veículo é propriedade das Forças Armadas do Mali. Como é que vai justificar o seu desaparecimento?

— Esse é um problema menor — respondeu Hopper, encolhendo os ombros. — Direi ao coronel Mansa que um nómada ladrão o roubou.

— Isto é uma loucura! — declarou Grimes.

— Portanto, está decidido! — exclamou Hopper, levantando-se de repente. — Daremos início à nossa pequena charada logo de manhã. Eva, confio-lhe a tarefa de informar os restantes colegas do nosso plano. Eu encarrego-me do Batutta. Vou falar com ele e afasto-lhe as suspeitas lamentando o nosso fracasso.

— Falando no nosso guarda, onde é que ele se escondeu? — perguntou Eva, varrendo o acampamento com o olhar.

— Está naquele veículo de recreio tecnologicamente avançado que transporta o equipamento de comunicação — respondeu Grimes. — Praticamente vive ali!

— É estranho, embora conveniente, pelo menos para nós, que ele se afaste cada vez que nos reunimos.

— É uma atitude muito cortês da sua parte, na minha opinião.

Grimes levantou-se e espreguiçou-se. Olhou furtivamente para o veículo das comunicações e, não avistando Batutta, tornou a sentar-se.

— Não há sinais dele. Deve estar sentado lá dentro a assistir a programas de música europeus pela televisão.

— Ou então está a transmitir as últimas novidades sobre o nosso circo científico ao coronel Mansa via rádio — sugeriu Eva.

— Não pode ter muito a contar-lhe — disse Hopper, rindo. — Nunca passa tempo suficiente connosco para saber as malandrices que andamos a preparar!

O capitão Batutta não estava a comunicar nada ao seu superior, pelo menos não naquele momento. Estava sentado dentro do seu camião, com um par de auscultadores estereofónicos na cabeça, ligados a um aparelho electrónico de escuta extremamente sensível. O amplificador estava montado no tejadilho do camião e apontado ao fogão de campismo, situado mesmo no meio da caravana. Inclinou-se para diante e ajustou o amplificador biónico de sinal, aumentando a amplitude de captação.

Ouvia e gravava cada palavra dita por Eva e os seus dois colegas, cada murmúrio, cada sussurro, sem a menor distorção. Ouvia a conversa até esta terminar e o trio se separar; Eva para informar o resto da equipa da nova trama, Hopper e Grimes para estudarem mapas do deserto.

Batutta pegou num telefone e fez uma chamada através de um satélite de comunicações partilhado por diversos países africanos. Respondeu-lhe uma voz bocejante.

— Sede do Gabinete Nacional de Segurança, Distrito de Gao.

— Fala o capitão Batutta. Quero falar com o coronel Mansa.

— Um momento, meu capitão — pediu a voz, solícita.

O coronel Mansa demorou quase cinco minutos a responder, do outro lado da linha.

— Diga, nosso capitão.

— Os cientistas das Nações Unidas estão a planear uma manobra de diversão.

— De que tipo?

— Estão a preparar-se para dizer que não encontraram vestígios da contaminação nem das pessoas contaminadas...

— O plano brilhante do general Kazim para os manter afastados das áreas contaminadas foi bem-sucedido — interrompeu Mansa.

— Até agora — completou Batutta —, mas eles já começaram a aperceber-se do estratagema do general. O Dr. Hopper pretende anunciar o fim da

pesquisa, levando depois a sua equipa de volta para Tombuctu, onde embarcaram no avião que fretaram, com destino ao Cairo.

— O senhor general ficará muito satisfeito com essa notícia.

— Não quando souber que Hopper não tem a menor intenção de deixar o Mali.

— O que é que está a dizer?! — exigiu saber Mansa.

— O plano deles consiste em subornar os pilotos para que aterrem no deserto. Uma vez no deserto, iniciarão uma nova investigação nas vilas das nossas populações nómadas.

Mansa deixou cair o queixo como se, de repente, a sua boca se tivesse enchido de areia.

— Isso pode ser catastrófico! O senhor general ficará furioso, quando souber!

— A culpa não é nossa — apressou-se a dizer Batutta.

— Você conhece bem a fúria dele, não poupa culpados nem inocentes!

— Cumprimos a nossa missão! — exclamou Batutta, convicto.

— Mantenha-me informado dos movimentos do Dr. Hopper — ordenou Mansa. — Apresentarei o seu relatório pessoalmente ao senhor general.

— Ele está em Tombuctu?

— Não, em Gao. Por sorte, está a bordo do iate de Yves Massarde, que se encontra ancorado no rio, a pouca distância da cidade. Vou requisitar um veículo militar e estarei lá dentro de meia hora.

— Boa sorte, meu coronel.

— Mantenha o Dr. Hopper sob vigilância constante! Informe-me de qualquer alteração nos planos dele.

— Às suas ordens, meu coronel!

Mansa desligou o telefone e fitou-o, pensando nas implicações da informação secreta que Batutta acabara de lhe transmitir. Se não tivesse sido ouvido, Hopper poderia tê-los enganado a todos e descoberto as vítimas da contaminação no Sahara, onde ninguém se lembraria de as procurar... e isso teria sido uma calamidade! O capitão Batutta tinha acabado de o salvar de uma situação muito complicada, talvez até da execução sob a acusação falsa de traição, que era o método que Kazim costumava utilizar para eliminar oficiais que lhe desagradavam. Fora por pouco! Mas agora, se apanhasse o general bem-disposto, poderia até ser promovido ao Estado-Maior.

Chamou a sua ordenança, que ocupava o escritório no exterior, e mandou o militar levar-lhe o seu uniforme de gala e preparar um avião. Começou a sentir uma euforia crescente. O que quase fora uma catástrofe transformar-se-ia numa oportunidade para aniquilar os intrusos estrangeiros.

...

Uma lancha rápida aguardava na doca, sob uma mesquita, quando Mansa saiu da viatura militar que o tinha trazido do aeroporto. Um membro da tripulação, de uniforme, soltou as amarras da proa e da popa e saltou para os comandos. Em seguida, pressionou o botão da ignição e o potente motor V-8, fabricado pela *Citroën*, despertou com um rugido.

O iate de Massarde oscilava no meio do rio, preso pela âncora da proa e com as luzes refletidas no enrugamento da corrente ribeirinha. Na verdade, aquele iate era uma verdadeira casa flutuante de três andares com motor. O seu fundo chato permitia-lhe navegar facilmente pelo rio na maré alta.

Mansa nunca estivera a bordo, mas ouvira falar de uma escadaria em espiral com cúpula de vidro que nascia na espaçosa suite principal e dava acesso ao heliporto. Os dez sumptuosos salões de receção, decorados com antiguidades francesas; a sala de jantar de pé alto, com murais do tempo de Luís XVI, retirados das paredes de um castelo na margem do Loire; as salas de banhos turcos; as saunas; os *jacuzzis*; o bar; a sala panorâmica giratória e o sistema eletrónico de comunicações que ligava Massarde ao seu império mundial, tudo isto contribuía para tornar aquela mansão flutuante diferente de tudo o que já fora construído.

Quando pôs o pé na prancha de embarque e subiu os degraus de madeira de teca, tinha a esperança de um vislumbre do interior daquele luxuoso barco, mas essas esperanças foram defraudadas quando Kazim foi ter com ele ao convés adjacente à prancha. O general tinha na mão uma taça meio cheia de champanhe e não envidou qualquer esforço no sentido oferecer uma a Mansa.

— Espero que a urgência que denotou na sua mensagem justifique o facto de ter interrompido a minha reunião de negócios com *Monsieur Massarde* — disse-lhe Kazim, friamente.

Mansa fez-lhe imediatamente continência e iniciou um relato rápido mas preciso dos factos, embelezando-os e polindo pormenores do relatório de Battuta sobre a equipa de cientistas da Organização Mundial de Saúde mas sem nunca referir o nome do capitão.

Kazim ouviu-o atentamente e com a curiosidade despertada. Os seus olhos negros tornaram-se mais penetrantes e fitaram, sem o verem verdadeiramente, o bailado do reflexo das luzes do barco na água. Uma ruga de preocupação chegou a sulcar-lhe a cara, mas depressa foi substituída por um sorriso nos seus lábios comprimidos.

— Para quando está prevista a chegada de Hopper e da sua equipa a Tombuctu? — perguntou, quando Mansa se calou.

— Se partirem amanhã de manhã, deverão chegar ao final da tarde.

— É tempo mais do que suficiente para dar a volta aos planos do bom doutor — disse, olhando Mansa nos olhos com uma expressão gélida. — Confio

em si para se fingir desapontado e muito solícito quando Hopper lhe anunciar o fracasso da sua investigação.

— Estarei ao meu melhor nível, em termos de diplomacia — assegurou-lhe Mansa.

— O avião dele e a tripulação ainda se encontram em Tombuctu?

— Os pilotos estão hospedados no Hotel Azalai — respondeu o coronel, assentindo com a cabeça.

— Disse-me que o Hopper pretende oferecer-lhes um bónus para que aterrem no deserto, a norte daqui?

— Sim, foi isso que ele disse aos outros.

— O senhor tem de se apoderar do avião.

— Pretende que eu faça aos pilotos uma oferta superior à do Hopper?

— Isso seria um desperdício de dinheiro! — retorquiu Kazim, com desprezo. — Mate-os.

Mansa já estava mais ou menos à espera daquela ordem e não se surpreendeu.

— Com certeza, meu general.

— E substitua-os por pilotos da nossa Força Aérea que se pareçam com eles no tamanho e nos traços fisionómicos.

— É um plano de mestre, meu general!

— Informe também o Dr. Hopper de que insisto para que o capitão Batutta os acompanhe ao Cairo para servir de meu representante pessoal perante a Organização Mundial de Saúde. O nosso capitão supervisionará toda a operação.

— Que ordens deseja que eu transmita aos oficiais que vão substituir os pilotos?

— Ordene-lhes que levem o Dr. Hopper e a sua equipa a Asselar — respondeu Kazim, com um olhar tenebroso, diabólico.

— Asselar...? — Mansa proferiu aquele nome como se o mesmo soubesse a ácido. — Hopper e a sua equipa serão, seguramente, mortos pelos mutantes selvagens que lá vivem, como aconteceu com os turistas do safari...

— Isso cabe a Alá decidir — retorquiu Kazim friamente.

— E se, por algum imprevisto, eles conseguirem sobreviver? — aventou Mansa, colocando a possibilidade com a maior delicadeza.

Uma expressão que provocou arrepios no coronel espalhou-se pela cara de Kazim. O general sorriu com um ar astuto e o olhar refletiu um prazer sádico.

— Se isso acontecer, temos sempre Tebezza...